

TATIANA TEIXEIRA DE SIQUEIRA BILEMJIAN RIBEIRO

**“TEM QUE BATER, TEM QUE MATAR, ENGROSSA A
GRITARIA”: PSICANÁLISE E NECROPOLÍTICA**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE – MS**

2021

TATIANA TEIXEIRA DE SIQUEIRA BILEMJIAN RIBEIRO

**“TEM QUE BATER, TEM QUE MATAR, ENGROSSA A
GRITARIA”: PSICANÁLISE E NECROPOLÍTICA**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Psicologia, área de concentração Psicologia da Saúde da Universidade Católica Dom Bosco - UDCB. Orientadora: Dra. Anita Guazzelli Bernardes.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE – MS**

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Católica Dom Bosco
Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1 3360

R484t Ribeiro, Tatiana Teixeira de Siqueira Bilemjian
"Tem que bater tem que matar engrossa a gritaria"
: psicanálise e necropolítica / Tatiana Teixeira de
Siqueira Bilemjian Ribeiro; sob orientação da Profa.
Dra. Anita Guazzelli Bernardes. -- Campo Grande, MS
: 2021.
163 p.: il.;

Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Católica
Dom Bosco, Campo Grande-MS, Ano 2021
Bibliografia: p. 150-163

1. Racismo. 2. Preconceitos. 3. Psicanálise I. Bernardes,
Anita Guazzelli. II. Título.

CDD: 150.1952

A tese apresentada por **TATIANA TEIXEIRA DE SIQUEIRA BILEMJIAN RIBEIRO**, intitulada “**TEM QUE BATER, TEM QUE MATAR, ENGROSSA A GRITARIA: PSICANÁLISE E NECROPOLÍTICA**”, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi **APROVADA**.

A presente defesa foi realizada por webconferência. Eu **Anita Guazzelli Bernardes**, como presidente da banca assinei a folha de aprovação com o consentimento de todos os membros, ainda na presença virtual destes.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Anita Guazzelli Bernardes

Profa. Dra. Luciane de Almeida Pinho

Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli

Profa. Dra. Jeane Saskya Campos Tavares

Campo Grande - MS, 18 de junho de 2021.

DEDICATÓRIA

*Aos meus filhos Júlia e Davi,
que esta escrita seja um incentivo
para que eles possam bancar
o próprio desejo.*

AGRADECIMENTOS

Quero iniciar agradecendo à minha orientadora Anita Guazzelli Bernardes que, com sua forma doce e competente, guiou-me na construção desta tese, sempre respeitando minhas escolhas.

Ao meu marido Júlio que, com seu amor, sempre me apoiou e incentivou a continuar seguindo meu desejo.

Agradeço também à Andrea Brunetto que me acompanhou neste caminho e que muito contribuiu com a escrita desta tese.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa em Psicologia da saúde, Políticas da Cognição e da Subjetividade, com os quais fiz um laço de amizade que se estendeu para além dos muros da Universidade.

À minha mãe, minha grande inspiração, pelo seu apoio e amor incondicional.

Aos meus irmãos Thais e João Bosco pelo incentivo constante.

Aos meus filhos, Julia e Davi, meus amores maiores, por entenderem minhas ausências.

A todas as professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, por estimular novos e diferentes olhares e formas de pesquisa.

À CAPES/PROSUP/PROSUC, pela possibilidade da bolsa de estudos.

RESUMO

Ribeiro, T. T. de S. B. (2021). *“Tem que bater, tem que matar, engrossa a gritaria”*: *Psicanálise e Necropolítica*. (Tese Doutorado em Psicologia), Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS.

Esta tese de doutorado tem como objetivo compreender como o preconceito se tornou uma espécie de reconhecimento de si e do outro e, a partir desse reconhecimento, também uma forma de vínculo entre os sujeitos. Propõe-se um entendimento das diversas formas de preconceito manifestadas de distintas maneiras no Brasil de hoje a partir da negação e exaltação das práticas preconceituosas que enlaçam a sociedade atual. Para tanto, busca-se compreender como o racismo se apresenta em nossa sociedade, estruturando-a e possibilitando suas manifestações tanto em cenas do cotidiano e na internet, quanto em expressões artísticas ou em políticas de Estado. O campo de análise da tese apoia-se na reflexão psicanalítica, articulada com o pensamento afrodiaspórico. Essa compreensão se faz a partir da questão de pesquisa: *como a emergência de manifestações e práticas preconceituosas enlaçam uma grande parcela da população?* A pesquisa segue um percurso metodológico apoiado na Psicanálise, utilizando falas, cenas, notícias e vídeos veiculados nas mídias sociais que apresentam formas de manifestação do preconceito e também algumas políticas públicas e estatísticas em nosso atual cenário. A pesquisa insere-se no Programa de Pós-graduação em Psicologia, com área de concentração em Psicologia da Saúde, especificamente na linha de pesquisa “Políticas públicas, cultura e produções sociais”. A linha de pesquisa permitiu considerar o racismo dentro de produções sociais que fazem parte do nosso presente e recaem sobre o modo como vivemos, e não apenas como uma questão que afeta a saúde individual. Trata-se, portanto, de uma questão coletiva. A partir de sua dimensão pública, o discurso preconceituoso passa a ter um *status* de ato ou atuação. Os atos violentos constituem-se em uma dimensão coletiva, afetando um número incontável de pessoas. O preconceito é uma manifestação do racismo em um país que se estrutura por uma necropolítica, ou seja, por formas de extermínio de certas vidas. No Brasil, em sua forma peculiar de tratar o racismo, de maneira geral, nega-se e ao mesmo tempo exalta-se a existência de manifestações ou atos preconceituosos, silenciando e minimizando as lutas de quem é, de algum modo, excluído. Conclui-se, assim, que o racismo, no seu arranjo pelo discurso do mestre e do capitalista, possibilita as diversas formas de preconceito formadoras de laço social.

Palavras-chave: Racismo; Preconceito; Psicanálise, Laço social.

ABSTRACT

Ribeiro, T. T. de S. B. (2021). *“It has to beat, it has to kill, it thickens the screaming”*: *Psychoanalysis and Necropolitic*. (Doctoral Dissertation in Psychology), Dom Bosco Catholic University - UCDB, Campo Grande, MS.

This doctoral dissertation aims to understand the way that prejudice has become a kind of acknowledgment of the self and the other, and from this acknowledgement, a bond between subjects. It attempts to understand a number of different ways that prejudice has manifested itself in Brazil through both denial and exaltation of prejudicial practices that intertwine our society in the present. In order to that, it seeks to understand how racism manifests itself in our society and enables those manifestations not only in daily life and on the internet, but also in artistic expressions and State policies. The field of analysis is grounded on the psychoanalytical reflection, articulated with the Afro-diasporic thought. Such understanding has stemmed from the following research question: *How has the emergence of prejudicial manifestations and practices intertwined a large portion of the population?* The research has followed a methodological path supported by Psychoanalysis, with the use of speeches, scenes, news and videos found in social media presenting forms of prejudicial manifestation, and some public policies and statistics in the current scenario. The research is linked to the Post-Graduation Program in Psychology, in the concentration area of Health Psychology, more specifically in the research line of “Public policies, culture and social productions”. This research has enabled the view of racism within social productions that are part of our present and affect the way we live, not just as an issue of individual health. It is, therefore, a collective issue. From its public dimension, the prejudicial discourse acquires the status of act or action. Violent acts are constituted in a collective dimension, thus affecting a large number of people. Prejudice is a manifestation of racism in a country organized by necropolitics, i.e. forms of extermination of certain lives. In Brazil, in its peculiar way of dealing with racism, the existence of prejudicial manifestations or actions is generally denied and exalted, thus silencing the struggle of those who, somehow, are excluded. It has been concluded, then, that racism, as arranged by the discourse of the master and the discourse of the capitalist, has made possible the varied forms of prejudice that form the social bond.

Keywords: Racism; Prejudice; Psychoanalysis; Social bond.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	As cores da desigualdade.....	59
Figura 2	Agressão na internet.....	60
Figura 3	Esquema L.....	71
Figura 4	Agressão homófoba.....	92
Figura 5	Famílias divididas no Brasil.....	93
Figura 6	Preconceito em forma de oração.....	99
Figura 7	Lugares nos discursos.....	100
Figura 8	Os quatro discursos.....	101
Figura 9	Ideal de supremacia branca.....	106
Figura 10	Negação da pandemia.....	108
Figura 11	Política de morte na pandemia.....	111
Figura 12	O Brasil não pode parar.....	112
Figura 13	Conferência de Milão.....	113
Figura 14	Homem negro espancado até a morte.....	115
Figura 15	Cortes de recursos.....	116
Figura 16	Não haverá Censo 2021.....	118
Figura 17	Sem informações sobre mortos na pandemia.....	119
Figura 18	Mortes dos mais pobres na pandemia.....	120
Figura 19	Desenhos das crianças da favela da Maré 1.....	138
Figura 20	Desenhos das crianças da favela da Maré 2.....	139

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	14
1.1 Deslizamento até o objetivo e problema da pesquisa.....	19
1.2 O discurso preconceituoso - “apenas” palavras?.....	28
1.3 Os instrumentos para o percurso	31
1.4 Racismo estrutural na estrutura da tese.....	35
2. DEVIR NEGRO.....	45
2.1 Racismo Negado – diversas facetas.....	52
2.2 Negação em Freud.....	61
2.3 A exaltação dos discursos preconceituosos na atualidade.....	65
2.4 O mostra-esconde de nosso racismo.....	67
2.5 Racismo à brasileira ou neurose cultural brasileira.....	74
3. DISCURSO RACISTA FORMADOR DE LAÇO SOCIAL.....	84
3.1 Laço social em Freud.....	88
3.2 Narcisismo das pequenas diferenças.....	91
3.3 Os discursos formadores do laço social.....	96
3.4 O preconceito nos discursos.....	103
3.5 Discurso capitalista e necropolítica.....	112
4. O QUE PODE A PSICANÁLISE FRENTE AO DISCURSO DO MESTRE E CAPITALISTA.....	123
4.1 Sublimação em Freud e Lacan.....	127
4.2 O que a arte nos diz	129
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS.....	150

INTRODUÇÃO

*Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano.
Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus.
Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem.
Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um.
Conheço um que é médico; educadíssimo, culto,
elegante e com umas feições tão finas...
Nem parece preto (Gonzalez, 1984, p. 226).*

Em todos os capítulos do trabalho, iniciarei com uma citação importante para que entendamos o que vou discutir. A referência de abertura é como uma espécie de pista sobre o que trabalharei no capítulo. Nesta introdução, inicio com uma citação de Lélia Gonzalez, que aponta caminhos que esta pesquisa seguirá. O racismo que estrutura a sociedade brasileira sempre esteve presente na realidade do país. Recentemente, ganhou voz e propiciou manifestações preconceituosas, das mais diversas, que passaram a ser exaltadas.

Esta tese de doutorado tem como objetivo compreender como o preconceito se tornou uma espécie de reconhecimento de si e do outro e, a partir desse reconhecimento, uma forma de vínculo entre os sujeitos. A união dos sujeitos em uma sociedade foi tratada por Lacan como laço social, e recentemente o preconceito que circula nos discursos passou a fazer laço, ou seja, passou a unir as pessoas em torno dele. Nesse contexto, propõe-se a seguinte questão de pesquisa: *como a emergência de manifestações e práticas preconceituosas enlaça uma grande parcela da população?*

A pesquisa segue um percurso metodológico apoiado na Psicanálise, utilizando falas, cenas, notícias e vídeos veiculados nas mídias sociais que apresentam formas de manifestação do preconceito, e também algumas políticas públicas e estatísticas em nosso atual cenário. Os materiais foram selecionados ao longo do período de doutorado – de 2017 a 2021. A escolha de materiais concentrou-se naqueles que compõem nosso cotidiano nas formas de negação/exaltação, e os enunciados e os procedimentos de análise apoiaram-se na escuta e interpretação desses materiais.

Recorri à Psicanálise de orientação lacaniana para conduzir meu percurso nesta tese. Minha vertente de trabalho foi impulsionada também pelo encontro com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia, área de concentração Psicologia da Saúde, da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), mais especificamente, com o grupo de pesquisa da professora

Dra. Anita Guazzelli Bernardes. No grupo, desenvolvi as leituras e aproximei-me de alguns autores que contribuíram com a construção desta tese.

Processos de saúde e adoecimento são, então, problematizados e complexificados, indo além de uma questão individual. A problematização passa a ser realizada a partir dos modos como somos enlaçados pela cultura – neste caso específico, pelo devir negro e pela maneira como apoia diferentes manifestações de preconceito. Mediante a aproximação com o Programa, busquei o entendimento do preconceito em suas múltiplas versões, em suas relações possíveis com a Psicanálise, analisando as formas de manifestação segregativas – e, de alguma forma, violentas – praticadas no Brasil de hoje.

A tese estrutura-se em quatro capítulos. No primeiro, traço em linhas gerais os caminhos que me levaram a formular meu problema de pesquisa. Aponto como certas manifestações preconceituosas que presenciei me afetaram e como, a partir delas, a tese foi se desenvolvendo.

Em seguida, no segundo capítulo, intitulado “Devir-negro”, abordo os conceitos que utilizo para problematizar as formas de manifestação de preconceito. A partir de uma pergunta aparentemente simples – “O Brasil é um país racista?” –, desenvolvo as discussões sobre como nosso país se estruturou e ainda hoje se baseia em atos e práticas racistas e coloniais, em diversos níveis – sociais, políticos e pessoais –, sistematicamente denunciados por movimentos e intelectuais negros ao longo do século XX. Trabalho também no sentido de demonstrar que o preconceito é tomado por mim em seu sentido amplo, abrangendo formas ou manifestações que excedem a questão racial e envolvem questões sociais, de gênero e sexuais, ou seja, qualquer manifestação de algum modo agressiva ou intolerante voltada para a subalternização do outro, apoiando-se na ideia de um devir negro.

Ainda no segundo capítulo, analiso a negação na composição do preconceito no país. O Brasil, em sua forma peculiar de lidar com o racismo (“racismo à brasileira”), tende a negá-lo, assim como as outras formas de colonialidade. De maneira geral, nega-se a existência de manifestações ou atos preconceituosos, silenciando e minimizando as lutas de quem sofre processos de marginalização e exclusão. Busco também compreender como se dá essa negação. Ao mesmo tempo em que ocorre a negação, há uma espécie de legitimação da possibilidade de manifestações violentas e segregativas. Procuro, então, entender como discursos preconceituosos, discursos que defendem formas de tortura e violência, se tornaram

práticas exaltadas atualmente e são repetidos por uma considerável parcela da população e diferentes figuras públicas que a representam.

No terceiro capítulo, intitulado “Discurso racista como formador de laço social”, estudo o modo como o racismo e as diversas formas de preconceito que atualmente emergem em discursos são formadores de laço social a partir dos jogos de negação/exaltação e do devir-negro, considerados no primeiro capítulo. Volto-me para a análise dos materiais de pesquisa, seguindo os rastros dos conceitos tratados no capítulo anterior e da pergunta de pesquisa. Trabalho em duas vertentes. Na primeira, juntamente com a Psicanálise, busco um entendimento de como as sociedades se formam a partir do laço com um discurso segregativo; nesses termos, o preconceito faz laço social. Na segunda, tento compreender como repercute o acirramento de manifestações preconceituosas na atualidade, com legitimação de discursos violentos, e como faz laço entre as pessoas, pensando de que maneira a Psicanálise pode contribuir com essa discussão. Ainda neste capítulo, a partir da teoria dos discursos em Lacan, analiso como o preconceito circula nos discursos formadores do laço social, culminando na discussão sobre o discurso do mestre, formador do laço de preconceito, e o discurso capitalista, em sua expressão aniquilante.

No quarto e último capítulo, proponho um questionamento: o que pode a Psicanálise frente ao discurso do mestre ou capitalista? A partir dessa questão, discuto sobre a possibilidade de lidarmos com nossa forma peculiar de nos portarmos diante de atitudes preconceituosas. Qual é a saída para o mal-estar na cultura? Seguindo os caminhos de Freud, utilizo a arte de artistas brasileiros para apontar possibilidades de saída para o preconceito que nos assola. Dentre as expressões artísticas, a música é analisada como maneira pela qual o compositor reflete sobre seu tempo e, a partir daí, tenta driblar os discursos racistas e violentos que nos afligem enquanto nação, de um lado, denunciando nossas mazelas e, de outro, apostando em outra espécie de laço.

1. CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

... a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana (Kilomba, 2019, p. 14).

É com uma citação de Grada Kilomba, retirada de seu livro *Memórias da Plantação* que eu gostaria de iniciar o primeiro capítulo da tese. Pois, como diz Grada Kilomba, a língua tem a dimensão de criar e fixar relações de poder. Pensando com a Psicanálise, entende-se que o mal-estar da cultura, em cada momento histórico, produz efeitos para o sujeito por meio da própria língua. Em cada época, o preconceito, como uma expressão de línguas localizadas e do mal-estar na cultura, é praticado de forma diferenciada, e os significantes incidem sobre os sujeitos, produzindo efeitos. O racismo, o preconceito, são efeitos do discurso.

O objetivo desta pesquisa é compreender as formas de preconceito praticado no país. A partir desse objetivo, busco um entendimento de como diversas formas de um devir negro presentes no discurso de hoje fazem laço com a sociedade atual por meio de práticas de preconceito. Desse objetivo, formula-se a problemática da pesquisa a partir da questão: como a emergência de manifestações e práticas preconceituosas enlaça uma grande parcela da população?

O preconceito praticado no Brasil, como veremos no decorrer desta tese, manifesta-se de diversas formas, com características difusas e paradoxais. Pode-se dizer que há uma relação entre a negação dos preconceitos praticados e a exaltação de diversas práticas segregativas. Ou seja: se, por um lado, há o preconceito, praticado às claras em todo o país, por outro, e ao mesmo tempo, há uma sistemática negação da condição racista e colonial que constitui o solo para o preconceito. É o que chamo de mostra-esconde do preconceito praticado no país. Essa forma de demonstrar o preconceito enlaça as pessoas – é uma forma comum de estar em sociedade, sobretudo no Brasil.

Considerando a questão de pesquisa, busco o entendimento de como as diversas formas de preconceito se apresentam em nossa sociedade de maneira a estruturá-la. Além disso, faço uma análise dessas formas de manifestação em suas diferentes práticas atuais, desde cenas do cotidiano até manifestações na internet, expressões artísticas e políticas de Estado, especialmente no Brasil, a partir de uma reflexão psicanalítica no campo da Psicologia da Saúde. Deixo claro que as cenas cotidianas não serão tratadas com o mesmo

“peso” ou importância que as políticas de Estado facistas evidenciadas e ressaltadas nas palavras de autoridades políticas. Utilizo as falas, ditos ou discursos por entender que o preconceito se apresenta na linguagem; portanto, sua análise também se dá por meio dela.

A pesquisa foi motivada pela emergência de manifestações de intolerância e discriminação que têm feito recrudescer políticas fascistas em vários países do mundo e também no nosso, despertando em mim o interesse pelo assunto e, como veremos a seguir, mudando os rumos do meu trabalho. A pesquisa foi sendo desenvolvida, produzida e transformada na cadência dos acontecimentos atuais. Neste primeiro momento, delineio os percursos iniciais do estudo, mostrando, em linhas gerais, como cheguei às reflexões que vou apresentar.

O interesse no sofrimento humano em suas múltiplas versões, tendo a psicologia como área de atuação e a Psicanálise como campo teórico, sempre norteou meu trabalho. Desde o início de meu estudo, tive a intenção de utilizar a Psicanálise como um instrumento/ética na compreensão do que me propus a apreender. Por isso, desde o princípio, nesta pesquisa, levo em consideração o inconsciente, tendo o método psicanalítico como elemento de compreensão da realidade. Trabalho com a Psicanálise a partir de Sigmund Freud e Jacques-Marie Émile Lacan, além de alguns outros autores psicanalistas. Como o estudo trata do preconceito em suas diversas manifestações, também trago alguns autores afrodiáspóricos e autoras do movimento feminista, por entender que tais teóricos(as) me ajudam no entendimento do tema.

A Psicanálise surge com o estudo do feminino, mais especificamente, das mulheres históricas. Foi ouvindo essas mulheres, até então totalmente desprestigiadas e sem assistência, que Freud formulou sua teoria. Por meio delas, o inconsciente foi descoberto, e, a partir daí, desenvolveu-se toda a proposição psicanalítica. Mediante a escuta clínica, Freud formulou toda uma nova forma de pensar não apenas a prática clínica, mas também a realidade, a sociedade. Para a Psicanálise, o individual e o coletivo são indissociáveis.

Na introdução de seu artigo “Psicologia das massas e análise do eu” (1921/2011a), Freud considera que a psicologia individual é ao mesmo tempo social. Ele não avaliava o individual ou social como instâncias separadas; o indivíduo não se dissocia do social, de modo que é pela escuta individual que também se compreende muito do contexto social onde o sujeito está inserido. Esta pesquisa é também assim pautada – as falas individuais dizem

muito do contexto social em que estamos inseridos, portanto, a Psicanálise serviu-me de base para entender o que me interessasse em pesquisar.

O estudo da Psicanálise, aliado à minha primeira formação acadêmica em Direito, provocou em mim o desejo de investigar, a princípio, a transexualidade, bem como a possibilidade de o sujeito transexual exercer seus direitos em nossa sociedade. Tinha a intenção de estudar a relação do sujeito com o nome, a nomeação e a importância desta na constituição do psiquismo, considerando a possibilidade de o nome constituir-se a partir da alteração do corpo e a influência do nome na aquisição e exercício de direitos. O estudo da transexualidade dar-se-ia com a Psicanálise e os textos de Freud, mas também com as contribuições de Lacan.

Como dito anteriormente, meu interesse inicial era abordar a possibilidade de alteração do nome, especialmente no caso do sujeito transexual. A partir do momento em que o sujeito se entende como transexual, surge a demanda do reconhecimento do outro, ou seja, a demanda de alteração do nome é uma demanda de reconhecimento, de reconhecer e, por consequência, de ser reconhecido de determinada maneira. Para a Psicanálise, a constituição do sujeito dá-se também em sua relação com o outro. Assim, “o eu é constituído através do outro”, e Lacan acrescenta que “o eu é, com efeito, o outro, e o outro é o eu” (Lacan, 1955/2010a, p. 135). Isso ressalta a importância da relação com o semelhante na constituição do psiquismo. Para a Psicanálise, é na relação com os outros que o sujeito se forma, se constitui. Dessa maneira, a sociedade em que vivemos tem influência nas relações dos sujeitos entre si, bem como na relação do sujeito consigo mesmo. Lacan, aqui na esteira de Freud, evidencia que a psicologia individual é ao mesmo tempo social, de modo indissociável.

Lacan, ainda em 1955, diz que, para que haja objetivação do mundo exterior, relação de objeto, é preciso que haja a relação narcísica do eu ao outro. Para o autor, “a estruturação imaginária do eu se efetua em torno da imagem especular do próprio corpo, da imagem do outro” (Lacan, 1955/2010a, p. 133). O reconhecimento do outro manifesta-se de diversas maneiras, e uma delas é o nome. Esse outro pode ser considerado em sentido amplo: além dos outros caracterizados por seus semelhantes, pode ser também o Outro representado pelo Estado, com suas estruturas legais ou jurídicas.

O Grande Outro distingue-se dos outros semelhantes. O Outro, para o inconsciente, é um lugar, eminentemente simbólico, onde a cadeia significante se articula e o inconsciente se manifesta pelos sonhos e atos falhos. O Outro é o tesouro dos significantes, é onde o sujeito

vai buscar um significante que o defina. Assim, no Outro do Estado, o sujeito transexual busca o amparo legal e a obtenção do nome.

Há a demanda de reconhecimento pelo Estado, e ela abarca também uma demanda de acesso a direitos. O ato de nomear e de ser nomeado, o modo como a pessoa é chamada, também ressoa em vários aspectos da vida, tendo o nome um grande impacto na existência do sujeito. A palavra *nome* deriva do latim *nomen*, do verbo *noscere* ou *gnoscere* (Dicio, 2020). Em nosso Código Civil, no artigo 16, consta: “Toda pessoa tem direito ao nome, nele compreendidos o prenome e o sobrenome” (Lei n. 10.406, 2002, online). O nome individualiza o sujeito, ao mesmo tempo em que o caracteriza como um indivíduo de determinada família.

O nome possui duplo aspecto. De um lado, é eminentemente público e corresponde à forma pela qual a pessoa é conhecida socialmente. Daí haver interesse do Estado em tal individualização para cumprimento de obrigações, como, por exemplo, direitos eleitorais, para controle ou punições criminais. De outro, há a vertente privada do nome, evidenciando como o sujeito se identifica e como ele pode exercer seus direitos civis.

Porém, existe ainda outro elemento importante na nomeação. Além do nome civil, que é aquele conferido ao sujeito quando do nascimento, há também o denominado “nome social”, entendido como aquele nome pelo qual a pessoa prefere ser chamada ou com o qual a pessoa é reconhecida e se reconhece. Não é instrumento utilizado de maneira exclusiva pela população trans. O indivíduo cisgênero, ou seja, aquele que se identifica com a configuração genital e hormonal do seu sexo, definido no nascimento por características biológicas estabelecidas *a priori* em nossas sociedades ocidentais, também pode fazer uso do nome social. Há alguns exemplos célebres como, por exemplo: Lula, Xuxa, Gugu, Pelé, etc.

Em nosso país, em março de 2018, ocorreu uma grande mudança no tocante ao exercício do direito ao nome. Um transexual do Rio Grande do Sul ingressou com ação judicial para alteração de nome e gênero no registro civil de nascimento. O Supremo Tribunal Federal (STF), em uma decisão histórica, autoriza a alteração de nome civil, bem como a alteração de gênero no registro civil, sem a necessidade de cirurgia de transgenitalização. Assim, o transexual ou a transexual que tem interesse na mudança do nome pode ir diretamente ao cartório, sem precisar de decisão judicial nem de cirurgia que legitime a escolha e a possibilidade de modificação (Supremo Tribunal Federal, 2018).

Essa decisão repercutiu enormemente em meu trabalho, pois é inegável que tal possibilidade foi um grande avanço, refletindo-se em acesso e exercício de direitos básicos, como o direito ao nome e ao reconhecimento, como acima ressaltado. No entanto, a decisão despertou em mim outros questionamentos, tais como: a maneira pela qual a transexualidade, a homossexualidade ou as pessoas negras, indígenas ou de certas religiões são tratadas pela sociedade sofreu uma grande mudança? Será que nosso país está livre de preconceito? A legislação cria condições para controlar o preconceito/segregação?

A realidade do mundo, especialmente a do Brasil, parece responder que não. Nesse sentido, em 2017, o Brasil passou a ser o país onde mais se cometem homicídios contra transexuais no mundo, segundo o Grupo Gay da Bahia, que há 39 anos pesquisa e colhe dados sobre violência contra homossexuais e transexuais no país. O Grupo divulgou pesquisa no ano de 2018 mostrando que se registrou um aumento de 30% nos homicídios contra essa população no território brasileiro (Bortoni, 2018). Por isso, a decisão do STF, mesmo que necessária, pois é também uma forma de reconhecimento dessas demandas sociais, aponta um paradoxo em relação à realidade nacional.

1.1 Deslizamento até o objetivo e problema da pesquisa

O paradoxo evidenciado pela decisão do STF teve ressonância em meu trabalho. A decisão causou um efeito em mim, pois, a partir dela, vários pontos surgiram e foram deslizando até eu chegar efetivamente ao meu problema de pesquisa. Como em associação livre, passei das questões relativas ao nome à maneira como a realidade se apresenta e como o preconceito se manifesta.

Enquanto pensava sobre as contradições brasileiras, elas se tornaram mais claras em uma cena vivida por mim também em 2018, ano da referida decisão judicial. Uma vivência de um racismo cotidiano causou forte repercussão em mim e, consequentemente, na pesquisa. Na cena, estávamos eu e minha família em um almoço de domingo na casa de amigos; enquanto as crianças brincavam, os adultos conversavam. Nesse local, havia outro casal, que eu não conhecia até então. Tudo corria bem, até que, em determinado momento da conversa, a desconhecida mulher disse alto e bom som: “Eu sou racista”.

Fiquei totalmente atônita, chocada. Perguntava-me como uma pessoa era capaz de pronunciar essas palavras. Pensava: como alguém pode dizer-se racista, sem nenhum pudor

ou constrangimento? Ou melhor: como uma pessoa pode dizer-se racista, sem nenhum pudor ou constrangimento, na presença de pessoas que ela não conhecia? Meu questionamento traz consigo algumas reflexões importantes, reflexões essas que impulsionaram a escrita da tese e que desenvolvo neste primeiro capítulo.

O primeiro ponto a levar em consideração é o fato de eu nunca ter ouvido ninguém se dizer racista, de maneira clara e direta, até aquele dia. Eu, uma mulher branca, de classe média, de mais ou menos 40 anos de idade, que sempre frequentou escolas particulares, nunca havia escutado algo assim. Eu, uma mulher cujos pais frequentaram a universidade, nunca tinha ouvido alguém pronunciar essas palavras. Contudo, o fato de nunca as ter escutado não significa que até aquele dia eu tivesse a ilusão de que vivemos em um país livre do preconceito – evidentemente que não, pois há a existência permanente de violência contra corpos subalternizados, especialmente corpos negros e indígenas, decorrentes dos processos de escravização e colonização que nos marcam até hoje. Por outro lado, demonstra que algo mudou, alguma coisa aconteceu para que essa cena se tornasse possível. Passei, então, a pensar no que aconteceu para que aquilo chegasse até mim de forma tão evidente. Como isso tudo veio a ser possível?

Outro ponto relevante a ser levado em conta é que esse acontecimento não foi apenas um fato isolado. No Brasil, tem sido produzido um discurso de preconceito e segregação cada dia mais acirrado. No entanto, é preciso destacar que essa realidade não se restringe ao nosso país: ela se apresenta como um movimento mundial de intensificação de práticas de violência, representadas em manifestações de preconceito e racismo. Ressaltando que em meu trabalho proponho um entendimento das diversas formas de preconceito praticadas no Brasil, busco delimitar, em linhas gerais, o contexto social no qual estávamos inseridos e sua influência na construção desta tese.

Para tanto, é necessário que voltemos um pouco no tempo. O doutorado teve início em 2017, momento em que o mundo estava às voltas com os regimes políticos de tendências militares, casos de xenofobia, racismo e violência policial, tudo isso sob a égide do neoliberalismo vigente. Nesse período, em uma parte significativa de países, governos de direita, cada um à sua maneira, instalaram-se no poder de uma forma radical. Esta tese nasceu em uma fase conturbada da história mundial, quando a extrema-direita conservadora toma espaços cada vez mais importantes em todo o mundo.

Citando casos de alguns países, apenas a título de ilustração: a Colômbia, país dividido por dois partidos de direita e devastado por conflitos armados, tem uma organização paramilitar cujo alvo principal são os movimentos de resistência aos latifundiários. O Chile assiste à queda de direitos trabalhistas. Os Estados Unidos exibe uma política de horror aos estrangeiros. Chegando ao Reino Unido, tem-se uma crescente onda de movimentos ultranacionalistas (Castro, 2019).

Em 2018, no Brasil, a direita ligada ao militarismo chega ao poder com um discurso conservador e claramente contrário à esquerda do país, com ameaça aos movimentos sociais, movimentos negros, de mulheres, da comunidade LGBT e dos trabalhadores. Foi com o Brasil dividido entre os apoiadores da direita e os contrários a essa pauta neoliberal radical, que comecei a estudar e a delimitar as estratégias para a realização da pesquisa.

A última campanha presidencial brasileira foi marcada pela participação ativa das pessoas na internet. Nesse cenário, as redes sociais tiveram um papel importante no contexto político. Juntamente com o crescimento da participação na internet, ocorre um aumento de práticas violentas e preconceituosas, tendo-se as redes sociais, em âmbito mundial, também como palco. Em reportagem publicada no dia 18 de setembro de 2018 pelo *site* Agência Brasil, confirma-se um aumento dos discursos de ódio na internet. Segundo a reportagem, esses discursos são proferidos não só pelos apoiadores, mas pelos próprios candidatos. Isso me faz refletir sobre a intenção que determinados candidatos têm ao evidenciarem manifestações preconceituosas e qual o efeito dessas manifestações na população e, consequentemente, nas urnas, considerando por que a afirmação do preconceito/discriminação se tornou uma forma de aproximação e, sobretudo, de reconhecimento do outro (Valente, 2018).

Reconhecimento e união de grupos em torno de um ideal comum, unidos pelo mesmo preconceito, pelo mesmo ideal. Ideal como o de supremacia branca e de discursos nacionalistas que abominam estrangeiros. Tudo isso sem que nos déssemos conta de como e quando a fala da violência é banalizada e o direito à vida das populações vulneráveis, que já não eram protegidas, é ameaçado de forma explícita na internet.

Dados fornecidos pela ONG Safranet, que atua desde 2006 na defesa dos direitos humanos na internet, demonstram que, no período de 7 a 28 de outubro de 2018 (datas que, respectivamente, antecederam o primeiro e o segundo turnos das eleições presidenciais que aconteceram no país), ocorreu um aumento significativo de denúncias de discursos de ódio ou

intolerância na rede (Mesquita, 2018). Nesse período, as denúncias de conteúdos de “xenofobia cresceram 2.369, 5%, de apologia ou incitação de crime contra a vida 630,52%, de neonazismo 548,4%, de homofobia 350,2%, de racismo 218,2% e de intolerância religiosa 145,13%” (Mesquita, 2018, para. 2). Essas manifestações de intolerância e de preconceitos diversos são relevantes e estão na base de uma das discussões propostas por Angela Davis, ativista e intelectual estadunidense que defende as liberdades e as populações mais pobres e trabalhadoras. A autora propõe que se discuta o que ela chama de interseccionalidade:

O feminismo negro emergiu como um esforço teórico e prático de demonstrar que raça, gênero e classe são inseparáveis nos contextos sociais em que vivemos. Na época de seu surgimento, com frequência pedia-se às mulheres negras que escolhessem o que era mais importante, o movimento negro ou o movimento de mulheres. A resposta era que a questão estava errada. O mais adequado seria como compreender as intersecções e as interconexões entre os dois movimentos. Ainda estamos diante do desafio de apreender as formas complexas como raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade e capacidades se entrelaçam – e como superamos essas categorias para entender as inter-relações entre ideias e processos que parecem ser isolados e dissociados (Davis, 2018, p. 1314).

Indo ao encontro do pensamento de Angela Davis, entende-se que raça, gênero, sexualidade e lutas sociais e nacionais se entrelaçam, configurando diversas maneiras de exclusão e segregação. Tal entrelaçamento também compõe os discursos de ódio, preconceitos e violências, que ocorrem com maior frequência e que são ditos e pregados de forma clara e sem pudor, segundo dados da ONG Safranet. De acordo com essa ONG, as denúncias de intolerância mais que dobraram em relação ao período eleitoral de 2014, passando de “14.653 para 39.316” em 2018 (Mesquita, 2018, para. 3).

A sensação é a de que são aceitos os discursos de violência, segregação e preconceito que explodiram no período eleitoral de 2018 e que ainda hoje ocorrem, sob uma aparente legitimação. Injúrias raciais, misoginia e homofobia tornam-se lugar comum nos discursos sociais (Ferreira, 2019). Assim, a partir da realidade que segrega, é relevante que se discuta o preconceito. Vivemos um paradoxo em nosso país: se, por um lado, busca-se garantia de direitos, por outro, uma pessoa pode dizer-se racista, sem qualquer pudor ou constrangimento.

Atualmente, ouvir alguém dizer que prefere ter “um filho morto a um filho homossexual” não causa espanto a ninguém. Se “bandido bom é bandido morto”, pergunto-me: quem é o bandido? Políticas de extermínio e morte tomam lugar e são vangloriadas, os discursos de violência são exaltados, e o Brasil assiste, inerte, à maioria dessas violências e desrespeitos.

Voltemos à sequência dos fatos. Pretendia estudar o acesso a um direito básico de uma determinada população marginalizada, o direito à alteração do nome civil para a população transexual, finalmente alcançado graças a anos de lutas, culminando em uma decisão judicial que autoriza a mudança dos documentos em cartório, sem a necessidade de cirurgia. Enquanto isso ocorre, quase ao mesmo tempo, nossa nação é tomada pela intensificação de práticas e discursos preconceituosos e violentos; manifestações preconceituosas passam a ser banalizadas, fazendo com que os caminhos de minha pesquisa fossem alterados.

Posso dizer, com a Psicanálise, que o Real surgiu e alterou os rumos desta pesquisa. Em Psicanálise, há um conceito denominado de Real, aqui definido sucintamente para evitar desvios desnecessários, mas voltando a ser abordado no terceiro capítulo da tese, quando trato dos discursos como formadores do laço social. Real designa o impensável, o que é impossível prever, aquilo que nos arrebatava e surpreende. Eis que, em março de 2020, novamente, o Real surge, trazendo consigo novas marcas para meu trabalho. O mundo viu-se às voltas com uma pandemia, uma ameaça à vida de milhares de pessoas. Um vírus denominado de “coronavírus”, que produz a doença Covid-19, impõe o isolamento social como a única defesa, no momento, no combate à disseminação e contágio dessa doença, que pode ser letal. A Organização Mundial da Saúde determina que as pessoas fiquem em casa, evitem sair e, principalmente, evitem situações de aglomeração.

E o que acontece no Brasil? Autoridades políticas, dentre as quais, o Presidente da República, descumprem as recomendações médicas, provocam aglomerações, defendem a saída das pessoas de suas casas, especialmente das mais pobres, que precisam trabalhar para sobreviver. Diversas práticas demonstraram um conjunto de descrédito com relação às recomendações médicas, e a pandemia mundial foi chamada de histeria (Vasconcelos, 2020).

Sob o argumento “Brasil não pode parar”, constata-se uma multiplicidade de incentivos e, em certos aspectos, autorizações para que as pessoas saiam de casa. Diante de tal realidade, extraio mais uma questão: qual Brasil que não pode parar? Quem foi “autorizado” ou “empurrado” para fora de suas casas? Qual parcela da população precisa sair de casa por uma total ausência de condições mínimas de sobrevivência? Chamando-se a pandemia de

“histeria”, pratica-se uma política de morte que expõe a parcela mais pobre e vulnerável da população à contaminação pelo vírus letal.

Políticas de extermínio são cada vez mais praticadas, exposição de vidas a toda espécie de violência, risco e aniquilamento, cujos alvos principais são as pessoas vulneráveis. Entendo que a questão racial se liga a outras – como questões sociais, de gênero e imigrações –, compondo um número ainda maior dessa população exposta a práticas de violência. Diz Angela Davis:

Não podemos pensar a política negra da mesma forma que pensávamos. O que eu diria é que, nos Estados Unidos, a luta negra serve, de muitas maneiras, como um emblema da luta pela liberdade. Ela é emblemática de lutas mais amplas pela liberdade. Por isso, na esfera da política negra, eu também teria de incluir as lutas das questões de gênero, as lutas contra a homofobia, as lutas contra políticas repressivas anti-imigração. Acredito que seja importante apontar aquilo que em geral é chamado de tradição radical negra. E essa tradição não está simplesmente relacionada ao povo negro, mas a todos os povos que lutam pela liberdade. Então, nesse sentido, acho que o futuro deve ser considerado aberto. Certamente, a liberdade negra, no sentido estrito, ainda não foi conquistada. Ainda mais considerando que um grande número de pessoas negras está assentado na pobreza (Davis, 2018, p. 1816).

Percorro, assim, um caminho que aproxima preconceito e racismo de um devir negro, a partir de certos conceitos que apontam para uma relação de copertencimento e coexistência, no modo como as sociedades se organizam e como os sujeitos se constituem, não apoiando apenas uma questão de raça, mas também de gênero e classe. Ressalta-se, assim, a necessidade de considerar as diferentes manifestações do racismo e de um devir negro, pois não se trata só de uma questão de raça, mas de interseccionalidades em termos de um racismo estrutural e colonial do próprio contexto político e econômico que organiza nossa sociedade: capitalismo e neoliberalismo.

No livro *O racismo e o negro no Brasil - questões para a Psicanálise* (Kon et al., 2017), há diversos textos e autores que abordam a maneira como o nosso país enfrenta o preconceito e o racismo. Dentre tais autores, utilizo neste trabalho: Heidi Tabocof, Kanbengele Munanga, Noemi Moritz Kon, Roseane Borges e Tânia Corghi Veríssimo. Em

nosso país, usa-se como justificativa para expressar o preconceito ao negro a falácia de que nosso preconceito seria “apenas” o social. Nas palavras de Heidi Tabocof: “Qual é o lugar dos negros no Brasil quando conseguem romper as amarras do jugo social, intelectual e econômico?” (Tabocof, 2017, p. 54). Assim, tratei isso que se denomina de “preconceito em seu sentido amplo”, como as manifestações violentas que atingem as questões raciais, as mulheres, os homossexuais, questões sociais e imigrantes, dentre outros elementos que se combinam, excluindo e fazendo sofrer, e que são alvo de reflexão em meu trabalho.

Vivemos em um país que exclui, onde as diferenças sociais são enormes (Gomes & Marli, 2018). Conforme estudo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], a concentração de renda aumentou em 2018 no Brasil (Gerbelli, 2019). O estudo mostra que o rendimento médio mensal da população mais rica foi quase 34 vezes maior que o da metade mais pobre. Essa diferença produz efeitos: repercute nas pessoas que serão consideradas “bandidos” e que, portanto, serão alvos dos discursos de ódio, além de também serem atingidas por práticas de morte. Pensando com Djamila Ribeiro:

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do feminist stand-point: não poder acessar certos espaços acarreta a não existência de produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até em relação a quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo (Ribeiro, 2019, l. 532).

Dessa forma, quando uma decisão da Suprema Corte do país garante o acesso a um direito básico, como, por exemplo, o direito de ter um nome que não seja constrangedor e que

esteja de acordo com o gênero com o qual o sujeito se identifica, esse mesmo país é invadido por uma tendência conservadora, com manifestações agressivas contra as populações mais vulneráveis (Figueiredo & Minerbo, 2006). Em seguida, ações políticas contra o isolamento social, aliadas à realidade social brasileira, expõem pessoas à morte. Quero salientar que esses discursos de ódio, essas manifestações agressivas, não são apenas palavras. Faz-se necessário, quando algo assim acontece, pensar em seus efeitos.

A que estou me referindo? Aos efeitos que vão além das vítimas das injúrias. Quando alguém diz “bandido bom é bandido morto” ou “prefiro ter um filho morto a um filho *gay*”, tais discursos repercutem, ecoam, justificando e autorizando uma série de atos, tanto de ordem pública quanto de ordem privada. É nesse sentido que o nome, aqui, passa a habitar outros espaços: não somente como forma de um direito e reconhecimento social, mas também como manifestação de diferentes tipos de preconceito. De um nome próprio, comecei a deslizar para nomes identitários (*gays*, negros, índios, mulheres, entre outros) que marcavam grupos e diferentes formas de violência a eles destinados. Então, passei a movimentar-me em direção a distintas formas de nomear – uma estratégia que marca condições de subalternização e violência em nossa sociedade, a constituição de um devir negro.

É de se ressaltar que manifestações com conteúdo violento ou preconceituoso sempre ocorreram. O racismo e a colonialidade são elementos que formaram a sociedade brasileira, como será explicitado com mais detalhes no segundo capítulo, denominado “Devir- negro”. O racismo/colonialidade tem sido estudado/apresentado ao longo do século XX por ativistas, escritoras, escritores, intelectuais na academia e artistas, entre outros, como uma das dimensões incontornáveis para compreendermos o nosso presente.

Ainda que haja uma denúncia insistente de que nossa sociedade é racista, o que quero entender é como se dá esta duplicidade entre exaltação e negação do racismo e do próprio devir negro. O velho preconceito existente ganha novas formas de expressão e publicidade, adquire uma dimensão mundial quando é explicitado em redes sociais e exposto na internet. Mesmo quando é exaltado, passa por negação, de modo que o racismo e o preconceito não são considerados e, muitas vezes, são sumariamente ignorados. Como veremos no decorrer do texto, dentre outras ideias, trago a discussão que Lélia Gonzalez (2020) já fazia sobre a negação do racismo sob a perspectiva da Psicanálise.

Outro ponto importante a ser levado em conta é que, como disse anteriormente, sou uma mulher de mais ou menos 40 anos de idade, branca e de classe média, que reconhece seu

próprio lugar de fala privilegiado, portanto, implicado com um mundo; porém, justamente por isso, considero que omitir-me de pensar sobre essa questão seria manter-me na esteira da negação de como ocupo esse lugar. Enfrentar minha branquitude por meio de lutas políticas contra as diferentes formas de violência sobre grupos subalternizados torna-se um modo de engajar-me naquilo que Angela Davis chama de alianças, como estratégias políticas de nosso presente. Sou psicanalista, e, pensando em como a Psicanálise pode fazer aliança com um pensamento sobre o racismo como algo estrutural na sociedade brasileira, na negação do racismo, na exaltação de práticas racistas e em formas outras de pensar e modificar a realidade, surge o desejo de estudar o preconceito, suas manifestações e expressões.

Em meu trabalho, tomo o preconceito em sua estrutura de linguagem. Levando em consideração o sujeito do inconsciente, dividido pela linguagem e inserido em um determinado contexto histórico e social, utilizo a Psicanálise para ajudar-me a compreender o racismo praticado hoje e exposto na internet e nas mídias; racismo praticado às claras e ao mesmo tempo negado, escondido e camuflado nas ações violentas do cotidiano, como explicitado também no segundo capítulo, subtítulo “Racismo negado – diversas facetas”. Todas as manifestações, práticas ou ações preconceituosas trazidas em minha pesquisa foram selecionadas por um critério pessoal, ou seja, desse lugar no qual me situo. Assim, todas, de alguma maneira, me sensibilizaram e, por isso, foram incluídas neste estudo.

Djamila Ribeiro ressalta que não se pode confundir “lugar de fala” e “representatividade”:

Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A travesti negra fala a partir de sua localização social, assim como o homem branco cis. Se existem poucas travestis negras em espaços de privilégio, é legítimo que exista uma luta para que elas de fato possam ter escolhas numa sociedade que as confina a um determinado lugar; logo, é justa a luta por representação, apesar dos seus limites. Porém, falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica nem sequer se

pensem. Em outras palavras, é preciso cada vez mais que homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade, masculinos (Ribeiro, 2019, l. 715).

Minha pesquisa deu-se a partir de meu olhar, de modo que a experiência do preconceito e do racismo presenciada por mim ocorre de maneira totalmente diferente da experiência de uma mulher negra e periférica, por exemplo. Porém, isso não me impede de discutir as formas de preconceitos que estruturam a sociedade e que permitem questionar a própria branquitude e suas formas hegemônicas. Assim, não se trata de discutir exclusivamente o racismo negro, mas como a sociedade contemporânea se enlaça através das diversas formas de preconceito.

1.2 O discurso preconceituoso - “apenas” palavras?

Freud (1970/2016a), desde a criação da Psicanálise, privilegiou a fala, propondo que o sujeito colocasse algo do seu inconsciente em palavras por meio da associação livre, o que levaria o sujeito a subjetivar e evitar o gozo puro do ato. Poderíamos pensar que, quando algum impulso agressivo ou violento é satisfeito simbolicamente, por meio de palavras, falas ou ditos, e não de maneira concreta, por ações ou agressões físicas, isso seria uma forma mais elaborada e menos primitiva de satisfação? Colocar em palavras, simbolizar, evitaria o ato? Colocar em ato ou atuação, para a Psicanálise, ocorre quando uma ação impulsiva surge como substituta de um conteúdo inconsciente que não conseguiu ser verbalizado. Como não foi verbalizado, não há elaboração, o que favorece que mais atos ou atuações aconteçam. Não haveria atuação no discurso?

A partir de uma dimensão pública, os discursos preconceituosos passam a ter um *status* de atos ou atuações. A cultura do espetáculo nas redes sociais faz com que o argumento de que esses atos de violência seriam apenas um direito de livre manifestação ou ofensa individual se torne uma falácia, visto que tais atos violentos se constituem em uma dimensão coletiva, afetando um número incontável de pessoas. Em outras palavras, a ofensa a um negro, uma mulher ou um homossexual na internet, de certa forma, atinge todos os negros, mulheres ou homossexuais. O que estou querendo evidenciar é que, quando uma fala preconceituosa ganha a dimensão mundial, ela é mais do que “apenas” palavras, ou seja, ela ganha a dimensão de ato e passa a ser um ato violento e discriminatório, o que torna mais

relevante nossa discussão. No segundo capítulo da tese, abordo de maneira mais ampla o que chamo de “exaltação dos discursos preconceituosos na atualidade”. Entendo que expressões racistas, ofensas ou injúrias sempre existiram, não são eventos novos; porém, com a publicidade, adquirem uma maior gravidade.

Além disso, como evidenciado por Grada Kilomba,

a escravização, o colonialismo e o racismo cotidiano necessariamente contêm o trauma de um evento de vida intenso e violento, evento para o qual a cultura não nos fornece equivalentes simbólicos e aos quais o sujeito é incapaz de responder adequadamente. (Kilomba, 2019, p. 214).

Assim, uma fala racista é sempre sentida como um susto, algo que surpreende, mesmo que seja estrutural e aconteça de forma cotidiana. A falta de elementos simbólicos para responder à violência do preconceito cotidiano, conforme apregoado por Kilomba, aliada ao momento em que o Brasil se encontra, no qual o racismo traumático e um devir negro, paradoxalmente, se tornou um ideal de alguns grupos, motivou minha pesquisa.

Outro aspecto relevante das manifestações públicas das atuações preconceituosas é a imediata desconsideração do que foi dito ou praticado. Quando há uma ofensa pública a alguém, essa ofensa é imediatamente desconsiderada ou tratada como uma brincadeira. Muitas vezes, o racismo ou atos de violência ocorrem justamente com sua subsequente negação, ou, ao contrário, uma fala racista/violenta muitas vezes pode ser dita de maneira clara nas redes sociais.

O racismo manifestados de diversos modos e tem muitas formas de exercício em nossa sociedade. Apesar de um conjunto de lutas sociais e jurídicas ao longo do século XX que tomaram forma para controlar/mitigar os efeitos do racismo, este veio a intensificar-se nos últimos anos. Quando se mostra o racismo, acaba-se por escondê-lo; quando se esconde o racismo, acaba-se por mostrá-lo. Há a negação da condição de racismo que torna possível a intensificação de práticas de preconceito, exercidas de várias maneiras e atingindo um enorme contingente de indivíduos. Pode-se dizer que ocorre, sim, uma negação generalizada de formas segregativas e violentas. Por outro lado, há uma exaltação do preconceito por meio de um discurso agressivo que circula tanto socialmente quanto na internet. Trata-se do que chamei de “mostra-esconde” do devir negro no Brasil, situação que permite que, quando uma

manifestação preconceituosa ou de qualquer forma agressiva é claramente expressa, as palavras sejam imediatamente desculpadas, desconsideradas, como abordado no segundo capítulo da tese, no item denominado “o mostra-esconde do nosso devir negro”.

Quando pensei em estudar o sujeito transexual e sua relação com o nome, pretendia estudar aqueles que, de algum modo, estavam às margens do ideal. Esse desejo permanece: meu estudo versa sobre atos e formas de preconceito que atingem especialmente determinados grupos. Busquei, assim, entender tais atos e formas de preconceito a partir do racismo por percebê-lo como condição de possibilidade para o preconceito.

Entender o preconceito não é uma tarefa fácil, tampouco inédita. Há na literatura diferentes discussões, assim como na música, no teatro e na academia, que têm apontado, analisado e, ao mesmo tempo, denunciado diferentes formas de racismo que organizam nossa sociedade.

Foucault, em 1972, em seu livro *História da loucura*, já estudava e denunciava as formas e estruturas de exclusão de pessoas que, de alguma maneira, não correspondiam ao ideal da sociedade:

Desaparecida a lepra, apagado (ou quase) o leproso da memória, essas estruturas permanecerão. Frequentemente nos mesmos locais, os jogos da exclusão serão retomados, estranhamente semelhantes aos primeiros, dois ou três séculos mais tarde. Pobres, vagabundos, presidiários e “cabeças alienadas” assumirão o papel abandonado pelo lazarento, e veremos que a salvação se espera dessa exclusão, e para aqueles que os excluem (Foucault, 1972/2008a, p. 6).

Com Foucault (1972/2008a), percebe-se que a distinção entre loucura e sanidade existe a partir de uma construção social. Os sujeitos ditos normais estabelecem o que é aceitável ou normal, excluindo e regulando o que, por qualquer motivo, não seja assim considerado. Com essas classificações, ocorrem uma rotulação e, com ela, o pertencimento ou não a determinadas categorias, assim desencadeando processos de distinção, separação e exclusão. Da mesma maneira como ocorreu com a criação do louco e da loucura, criamos e continuamos a criar novas formas de discriminação e exclusão na atualidade, o que inclui o racismo e preconceitos contra homossexuais e mulheres, dentre outros grupos – tema central em meu trabalho.

No dia 13 de maio de 1888, sancionada pela Princesa Isabel, a Lei aboliu a escravidão, depois de mais de 300 anos de trabalho escravo no país. Eis o preceito legal: “Não há mais escravos no Brasil, revogam-se as posições em contrário” (Schwarcz, 2018, para. 7). Com essa norma curta, o Brasil foi o último país do Ocidente a abolir a escravização. Em reportagem para a BBC, a historiadora Lilia Schwarcz esclarece que não houve nenhuma indenização ou processo de inclusão dos ex-escravizados na sociedade, e isso nos afeta até hoje. Além do mais, a abolição da escravização foi consequência de uma luta de anos, e não uma decisão benevolente de uma princesa. Parte da sociedade brasileira da época também teve papel importante, com participação tanto de quem entendia que a escravização seria contraproducente em uma República, quanto de defensores de direitos humanos, que acabaram por fazer alianças e participar dos movimentos abolicionistas. Desse modo, por distintas razões, houve certa adesão à causa, além da atuação determinante daqueles ainda escravizados e dos já libertos, que muitas vezes lutavam tendo a própria vida como arma em busca da liberdade (Schwarcz, 2018).

Neste trabalho, intenciono discutir e evidenciar como o racismo percebido em manifestações e discursos preconceituosos, presentes em nossa sociedade desde o início do processo de colonização, hoje se atualizam com “autorização ruidosa”, utilizando as palavras de Djamila Ribeiro (programa *Roda Viva*). Esse ruído que autoriza endureceu desde a última eleição presidencial, com políticas antmulheres, antinegros e anti-indígenas. Proponho uma discussão sobre a forma como lidamos com nossas mazelas enquanto nação, muitas vezes utilizando-nos da negação e não encarando a realidade, mesmo que ela se manifeste nitidamente.

1.3 Os instrumentos para o percurso

Discutir o preconceito a partir da condição do racismo sob o viés psicanalítico ainda não é usual no Brasil. No período que vai de 2010 até 2019, constam no *site* da Biblioteca Virtual de Saúde 28 teses de doutorado tendo o tema *racismo* no título, no resumo ou no assunto. No mesmo período, *racismo* e *Psicanálise* constam em somente duas teses, o que aumentou meu interesse em estudar algo tão complexo, além de apontar a importância de trazer a temática para que se pense a própria Psicanálise na atualidade, reafirmando seu compromisso com as pautas do nosso presente. Isso especialmente porque alguns autores e

autoras que discutem o racismo o fazem por meio da Psicanálise – como Franz Fanon, Grada Kilomba e Lélia Gonzalez –, indicando o racismo como uma categoria de análise fundamental para a compreensão das diferentes formas de colonização e colonialidade de corpos, sujeitos, sociedades. As questões atuais e as transformações do mundo não são indiferentes ao psicanalista, pois este, segundo Lacan (1953/1998a), não deve ficar alheio às mazelas de seu tempo. Ao contrário, a Psicanálise tem um papel importante na compreensão dos problemas de nossa época: “Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte, a subjetividade de sua época” (Lacan, 1953/1998a, p. 322).

A complexidade do tema exigiu-me percorrer vários caminhos; para tanto, utilizei alguns instrumentos como guias em minha condução. O primeiro instrumento intercessor que empreguei foi a arte, mais especificamente, a música, pois acredito, como preconizava Freud (1933/2010a), que o artista antecipa a Psicanálise. Por meio da nossa música, pude refletir sobre a nossa realidade. Além disso, escolhi a música dentre todas as formas de expressão artística por opção particular, uma vez que se trata da maneira pela qual me sinto tocada e consigo perceber-me e perceber a realidade.

Trabalhei também buscando a articulação da nossa realidade brasileira com autores decoloniais/pós-coloniais, especialmente Frantz Fanon e Achille Mbembe, por entender que esse tipo de análise é obrigatório na discussão do preconceito, além de a densidade da filosofia africana possibilitar a compreensão de nossa realidade com base em certas características que o Brasil apresenta. Esses autores abordam bem a figura do negro como estranho, estrangeiro, aquele que não é aceito, algo que também trabalho no terceiro capítulo. Estão presentes, ainda, algumas autoras já citadas, como Angela Davis, Djamila Ribeiro e Grada Kilomba, importantes na apreensão dos temas trabalhados, e Judith Butler, que contribui de maneira fundamental na discussão sobre segregação e preconceito.

Também utilizei estudos de Sigmund Freud e Jacques Lacan para a compreensão do sujeito do inconsciente. Na linha dos pensadores indicados anteriormente e de alguns dos seus seguidores brasileiros, estudei o preconceito que se apresenta na linguagem, nas palavras pensadas em sua incompletude, além do recalque e os ideais na composição do racismo. Fizeram parte da pesquisa também a negação e a exaltação do preconceito formador do laço social e como a Psicanálise entende a segregação e a hostilidade em nossa realidade. Além disso, pensei nas manifestações artísticas e como estas podem contribuir com as discussões.

Com esse intento, tratei a arte como instrumento subversivo de denúncia ou como forma de sublimação.

Alguns autores brasileiros fazem parte desta tese para a compreensão de nossa forma brasileira de racismo. Dentre eles, estão Sueli Carneiro, Kabengele Munanga, também já mencionados, e Conceição Evaristo. Ao apontar que o racismo é parte fundante de nossa sociedade, por que refletir sobre suas formas a partir do preconceito e da segregação? Este trabalho aciona um exercício necessário de desnaturalização para compreender como nos tornamos o que somos e, especialmente, para considerar que, pela desnaturalização, é possível problematizar o racismo não como algo dado, mas como algo permanentemente investido e mantido, apesar de todos os seus efeitos em termos de violência/sofrimento/exterminio. Trata-se de uma maneira de insistir que, mesmo sendo processos de constituição de nossas formas de “civilização”, o racismo e a segregação devem ser combatidos.

No campo da pesquisa em Psicanálise, utilizei outros autores brasileiros que tratam do tema, como Tânia Ferreira e Angela Vorcaro, que organizaram o livro *Pesquisa e Psicanálise – do campo à escrita* (2018), e Christian Ingo Lenz Dunker, Clarice Pimentel Paulon e J. Guillermo Milán-Ramos, autores do livro *Análise Psicanalítica de Discursos – Perspectivas lacanianas* (2016).

Para a compreensão das formas de civilização, ou seja, do laço social, busquei pensar a partir de uma identificação com um ideal e o consequente sentimento de pertencimento a determinados lugares, grupos ou indivíduos. Há um componente identificatório que ao mesmo tempo funda o laço social e constitui a segregação, que é analisada também neste trabalho, no terceiro capítulo. Percebe-se que a agressividade e a hostilidade são direcionadas para quem de qualquer maneira é feito diferente ou estranho. Assim, recorro ao conceito de “estranho”, no quarto capítulo da tese, buscando a compreensão psicanalítica de como tal conceito se articula ao preconceito.

Pesquisei, ainda no segundo capítulo, relatos retirados da internet, envolvendo cenas cotidianas e manifestações de pessoas, sejam elas públicas ou anônimas. A intenção foi que essas cenas ou depoimentos publicados fossem percebidos como um extrato de nossa realidade, como algo que tem produzido nossa atualidade, constituindo os acontecimentos de nosso tempo, para que eu pudesse compreendê-los melhor. Esses materiais são parte de um conjunto de relações que produzem aquilo que, enquanto nação, tomamos hoje como realidade e que, portanto, nos constitui. A Psicanálise permite que compreendamos esse

conjunto de relações como as formas a partir das quais nos enlaçamos na cultura e como se fazem os planos de realidade que a compõem.

Meu trabalho tem o objetivo de refletir sobre a emergência de diferentes formas de preconceito, violência e exclusão das chamadas minorias, como homossexuais, transexuais, negros e mulheres, ou seja, aqueles que de qualquer modo são marginalizados (Pinto, 2019). Nesse percurso, analiso o racismo para compreender as formas de preconceito e segregação em razão de sua maneira de manifestação em nossa atualidade, atingindo diferentemente parcelas significativas da população brasileira.

Neste trabalho, discuto preconceito, segregação, ausência de direitos e extermínio de certas vidas; para essa discussão, faço uso da epistemologia psicanalítica. Entendendo a amarração entre teoria, clínica e contextos sociais e temporais nos quais os indivíduos estão inseridos, investigo os efeitos das transformações de nosso tempo, de nossa cultura, e como isso repercute nos processos de subjetivação e nas formas de sofrimento na atualidade. Dou ênfase ao inconsciente em suas manifestações, conjugado com a realidade do Brasil, utilizando manifestações preconceituosas de pessoas comuns ou de autoridades políticas em cenas cotidianas e em diversos meios de imprensa, para refletir sobre como o preconceito se apresenta e como o racismo constitui e estrutura nossa sociedade.

Mediante a análise dos ditos, pude constituir esta pesquisa tendo por base a Psicanálise. Conforme Dunker, Paulon e Milán-Ramos explicam,

a pesquisa em Psicanálise pode ser mais bem fundamentada e justificada em termos universitários se a considerarmos, ela mesma, como uma forma de análise do discurso; e se, ao mesmo tempo, praticarmos um tipo de reflexão metodológica necessária para empregar noções provenientes das ciências da linguagem. Como já foi argumentado acima, não foi isso, afinal, que Lacan realizou ao trazer para a Psicanálise noções e conceitos que lhe eram inicialmente estranhos, como significante, letra, enunciação, discurso e dizer? Contudo, isso requer uma consideração sobre o lugar da pesquisa universitária (Dunker et al., 2016, p. 32).

Freud (1970/2016a) foi o primeiro a formular uma pesquisa em Psicanálise, na qual se utilizava do método psicanalítico como base; com isso, criou uma nova maneira de entendimento do pensamento ocidental. Lacan, em sua Proposição de 9 de outubro de 1967

(Lacan, 1967/2003a), ao tratar de sua Escola, denomina de *Psicanálise em extensão* (fora da clínica), diferenciando-a da *Psicanálise em intensão* (a experiência do divã), ou seja, na sua prática clínica, citando: “Psicanálise em extensão, ou seja, tudo o que resume a função de nossa escola como presentificadora da Psicanálise no mundo” (Lacan, 1967/2003a, p. 246). Por meio da *Psicanálise em intensão*, é possível que se pratique a *Psicanálise em extensão* (Figueiredo & Minerbo, 2006). É nesse sentido que se estrutura este trabalho, utilizando-se a *Psicanálise* na compreensão do objeto de estudo: o preconceito em nossa atualidade.

1.4 Racismo estrutural na estrutura da tese

O viés que escolhi para iniciar as discussões sobre o preconceito foi o racismo, porém, considerando-o nos seus desdobramentos em termos de um devir negro, no qual não apenas corpos racializados são violados, mas as interseccionalidades que vão compondo diferentes corpos e existências. A desigualdade racial no Brasil é evidente e incontestável, mas pela colonialidade outras dimensões de corpos e existências são também subalternizados, principalmente quando se leva em conta o risco de morrer que um jovem negro e periférico, por exemplo, corre neste país, o que indica uma necropolítica, ou seja, formas de extermínio de certas vidas. A população negra é a mais afetada pela violência, especialmente mulheres negras e mulheres trans negras. O estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, publicado em 2017, Atlas da violência (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [IPEA] & Fórum Brasileiro de Segurança Pública [FBSP], 2017), que analisa as taxas de homicídios no país entre 2005 e 2015, mostra que jovens negros são as principais vítimas de violência no país. A cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. De acordo com o Atlas, os negros têm 23,5% de chances a mais de serem assassinados no Brasil, comparados com as populações não negras.

Mesmo com dados tão expressivos, ou em razão deles, muitas vezes, nós, como nação, lidamos com nosso preconceito de maneira velada, silenciando o sofrimento da população negra. Um fato que dá visibilidade a essa afirmação pode ser acompanhado quando o controle jurídico das manifestações racistas é tomado como uma forma de cerceamento de liberdade daquele que expressa o racismo, e não como um elemento que faz parte das políticas de morte, as justifica e as constitui. Em meu trabalho, procuro entender o preconceito à luz da

Psicanálise, a relação com a tentativa de encobrimento/desvelamento de tais acontecimentos e os respectivos reflexos na necropolítica praticada. O racismo e um devir negro está presente em nosso cotidiano, em nossos consultórios, em nossa clínica, em nossa cultura; portanto, faz-se necessário pensar o racismo como aquilo que organiza nossa sociedade, para compreender as formas de enlace do preconceito, considerando que não se trata apenas da racialização de corpos, mas de dimensões de gênero e classe social.

O preconceito que constitui nossa cultura persiste, inclusive, quando uma pessoa pertencente às denominadas minorias ganha um prêmio ou assume uma posição de destaque no tecido social. Quando isso ocorre, a tendência é relacionar a ascensão social a uma excepcionalidade, como algo extraordinário ou fruto de um esforço que beira o heroísmo. Quando algo é exceção, concorre para confirmar a regra. Nesse sentido, a premiada escritora Conceição Evaristo, em uma entrevista concedida à revista *Periferia*, fala:

Então, temos que ter muito cuidado para ler as excepcionalidades, para não ficar batendo palma e deixar de se perguntar o que existiu atrás disso. Eu sei que quando se louva a excepcionalidade demais ou quando faz uma figura excepcional, retira-se essa pessoa do coletivo, destaca-se essa pessoa e esquece-se toda a coletividade e eu não quero ser retirada do coletivo (Evaristo, 2018, para. 55).

O que ocorre quando se retira alguém do coletivo? Quando se considera uma exceção sem colocar em análise os motivos pelos quais ela ocorre, reitera um discurso de responsabilidade individual pela própria exclusão, fomentando-se a ideia de que os indivíduos que se esforçam conseguem superar as dificuldades. Mais ainda, alimenta-se a visão que se tem de determinados grupos, o que se constitui como mais uma das maneiras de não se considerarem as diferentes práticas segregativas e racistas em nossa sociedade. O discurso da meritocracia serve, pois, ao capitalismo, que atinge os brancos, mas principalmente os negros.

O fato de o racismo estar presente não significa que ele é enfrentado de forma direta; ao contrário, quando racismo é praticado, é também negado, ou seja, ao mesmo tempo em que é negado, é exaltado, como discuto no segundo capítulo. Intriga-me a ausência de uma construção narrativa que possa barrar essa prática, bem como a possibilidade de o discurso racista circular nas redes sociais ou na internet.

Um conjunto de problemáticas produziu em mim o desejo de trabalhar com os discursos racistas/violentos, que são, fundamentalmente, suportes para a atualização da exclusão e do preconceito em nosso país. Tal conjunto de problemáticas constituiu-se por deslizamentos: da demanda do sujeito transexual ao acesso aos seus direitos, principalmente em relação ao nome, da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), tão contraditória diante de nossa realidade, e da polarização política, para a emergência de manifestações preconceituosas, especialmente nas redes sociais, com discussões acirradas compondo-as na internet e criando identidades.

Há uma transmissão de formas racistas e segregativas que continuam a ocorrer de maneira contínua, construindo um ideal social. O preconceito, quando entendido a partir do racismo e da colonialidade, envolve atitudes eminentemente humanas, sendo que um grupo se afirma pela exclusão de outro, tornado diferente. O racismo e a colonialidade não é um acontecimento recente, mas o que aqui procuro entender é como ele se estrutura hoje, inclusive na linguagem, com mecanismos de exaltação do preconceito nas redes sociais. Para tanto, além de autores que estudam o preconceito e o racismo, fez-se também necessário o entendimento do eu para a teoria analítica. Apesar de ter sido objeto de reflexões anteriores, o eu movido pelo inconsciente foi abordado de maneira inaugural na teoria de Freud (1915/2010b). A ideia que se tinha até então foi totalmente alterada pela Psicanálise, mudando radicalmente a concepção existente até o momento. Pelo pensamento cartesiano, anuncia-se: “Estou penso – Por pensar eu sou” (Quinet, 2000, p. 11), indicando o eu como sendo da razão e da consciência.

Sigmund Freud, para formular sua teoria, o faz de maneira similar à de René Descartes, por levar em consideração também o pensamento, mas o pensamento inconsciente. Ele assegura que o sujeito está onde vacila, onde há dúvida. “De maneira exatamente análoga, Freud, onde duvida – pois enfim são seus sonhos, é que ele que de começo, duvida – está seguro de que um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente, o que quer dizer que se revela como ausente” (Lacan, 1964/2008a, p. 42).

“Sou ou não sou racista?”. O “eu” é movido pelo inconsciente; portanto, as razões inconscientes devem ser levadas em consideração para podermos entender a hostilidade entre as pessoas. Em “ser ou não ser”, dilema hamletiano usado por Lacan (1958-1959/2016a) em seu Seminário 6, “O desejo e sua interpretação”, o autor indica que, ao contrário da filosofia,

em que o sujeito pensa estar onde ele pensa, para a Psicanálise, o sujeito está onde justamente onde ele não pensa.

O sujeito na filosofia tradicional subjetiva a si mesmo indefinidamente. Se sou porque penso, sou porque penso que sou, e assim por diante – não existe motivo para que isso pare. Já tinha percebido que não é tão certo que eu seja porque penso que sou. Isso, com certeza. Só que o que a análise nos ensina é completamente diferente. É justamente, eu não sou este que está pensando que sou, pela simples razão de que, pelo fato de eu pensar que sou, penso no lugar do Outro. Disso resulta que sou diferente daquele que pensa Eu sou (Lacan, 1959/2016b, p. 322).

Negar a condição racista/colonial ao mesmo tempo em que o racismo/colonialidade está na linguagem, no sentido de que se usam expressões ou falas dessa ordem, faz parte deste “Sou ou não sou racista”. Na pesquisa, trabalho com falas, discursos e manifestações que, de qualquer modo, são agressivas ou preconceituosas, que sempre existiram, mas que emergiram com mais intensidade recentemente no país. Portanto, é necessário que entendamos os mecanismos inconscientes inerentes a toda e qualquer comunicação possível, partindo do preceito lacaniano do inconsciente estruturado como uma linguagem e desta, de acordo com Grada Kilomba (2019), como forma de manutenção e fixação de relações de poder.

Busco também a compreensão do racismo em suas diversas formas de manifestação, tais como: preconceitos sociais, raciais e de gênero, sob a perspectiva de que, na atualidade, em termos de interseccionalidades, existem várias narrativas de sofrimento tendo como elemento comum alguma manifestação segregativa.

Desenvolvendo a relação entre o racismo praticado de forma privilegiada no Brasil e sua negação, ao mesmo tempo que expressões preconceituosas são exercidas cotidianamente, o que denominei de exaltação de práticas racistas em nosso país, minha intenção é compreender como a negação e a exaltação do racismo colonialidade fazem laço em nossa sociedade atual.

Não é a minha intenção, no presente trabalho, analisar a situação política global, tampouco fazer crítica a determinado governo. Mencionei tais problemáticas nesta introdução apenas para contextualizar o momento do nascimento da tese, tendo em conta os acontecimentos de sua época. Meu trabalho versa sobre as questões brasileiras, de modo que

analisei a nossa forma de encarar o preconceito, a nossa forma de praticar ações segregativas e como a Psicanálise pode contribuir com essas discussões. É inegável que a pesquisa acontece em determinado tempo; portanto, minha finalidade é registrar aqui o tempo de minha produção.

Se os acontecimentos da época da escrita impulsionaram o trabalho, como demonstrei durante toda esta introdução, também dificultaram o caminhar da pesquisa. O Brasil tem sido um dos países mais atingidos pela Covid-19, e já contamos milhares de mortos, com um número incalculável de contaminados. Estamos de luto, o que muitas vezes dificultou a escrita. Porém, apesar das dificuldades, segui.

Paralelamente a tudo isso, enquanto a pesquisa tomava corpo, especialmente no Brasil, direitos conquistados em muitos anos de batalhas e lutas sociais foram ameaçados ou efetivamente perdidos. Como mencionado, o caminho da tese foi marcado pelo compasso da história, pelos acontecimentos da época da pesquisa. Foi seguindo esse compasso e os caminhos por ele ditados que prossegui com a investigação. No percurso, algumas peculiaridades marcaram o trabalho e também tiveram importância na construção da escrita que abordo por ora.

Para que possamos entender a construção da tese, de início, é necessário que partamos de minha condição de psicanalista. Na pesquisa, analisei com a Psicanálise diversas falas e discursos que, de alguma maneira, circulavam no Brasil de nossa época e discuti quais as repercussões desses discursos no que me propus a estudar.

Há outros elementos fundamentais na composição do trabalho, alguns dos quais discutirei a seguir. Dois deles, de maneiras distintas, foram importantes desde a concepção da tese, mas no momento os tratarei conjuntamente. Como mencionei, o trabalho foi marcado pela presença e análise de algumas músicas brasileiras, dando evidência para sua importância no entendimento de questões atuais; aqui são consideradas como uma possibilidade de denúncia da realidade ou como uma forma de sublimação (conceito que abordo no quarto capítulo da tese, destinado também à análise das músicas). O segundo elemento é a minha condição de mulher, que se apresenta marcada na história e na escrita da tese.

O que significa “ser mulher”? A partir dessa interrogação, abrem-se alguns caminhos, desde a possibilidade de cultuá-la como um enigma a ser decifrado, até o ódio à mulher, tida enquanto Outro, o hétero por essência. Freud, em 1926, considera que “também a vida sexual da mulher adulta é um dark continent (continente escuro ou negro) para a psicologia” (Freud,

1926/2014, p. 164). A experiência da alteridade talvez tenha consigo uma sensibilidade para a percepção da violência das diversas formas de segregação, o que me impulsionou a discutir o assunto nesta tese, não esquecendo que sou uma mulher branca disposta a discutir as estruturas sociais que por essência são racistas, a partir do meu olhar e da minha vivência.

A intenção é compreender como o preconceito estrutura a nossa sociedade e como ele se manifesta, no Brasil, razão pela qual o trabalho foi pautado por músicas brasileiras. Dediquei-me, nesta tese, mais especificamente no quarto capítulo, à análise de algumas músicas de compositores e intérpretes de grande relevância do país. Nesta introdução, peço licença para abrir uma exceção, pois desta vez faço uso de uma canção internacional para iniciar as discussões. Escolhi uma composição de John Lennon e Yoko Ono, denominada *Woman is the Nigger of the World*, ou “a mulher é o negro do mundo¹”.

A mulher é o negro do mundo

Sim, ela é,

Pense nisso

A mulher é o negro do mundo

Pense nisso

Faça algo contra isso

Nós a fazemos pintar o rosto e dançar

Se ela não quer ser nossa escrava, dizemos que não nos ama

Se ela é sincera, nós dizemos que ela está tentando ser um homem

Enquanto a botamos para baixo, fingindo que ela está acima de nós

A mulher é o negro do mundo,

Sim, ela é

Se não acredita em mim,

Olhe para a que está com você

A mulher é escrava dos escravos

Ah, melhor gritar isso

Nós a fazemos parir e criar nossos filhos

E depois a deixamos feito uma velha e gorda mãe galinha

¹ Escolhi essa canção por considerar importante a percepção da mulher como vítima de preconceito, mas entendo que a população negra em geral, em especial a mulher negra são alvos das maiores violências.

Nós dizemos a ela que o único lugar onde ela deveria estar é em casa
 E depois reclamamos que ela é provinciana demais para ser nossa amiga
 A mulher é o negro do mundo,
 Sim, ela é
 Se não acredita em mim, olhe para a que está com você
 A mulher é o escravo dos escravos
 Sim. Pense nisso
 Nós a insultamos todo dia na TV
 E nos perguntamos por que ela não tem coragem e confiança.
 Quando ela é jovem, nós matamos seu desejo de ser livre
 Enquanto dizemos para ela não ser tão inteligente
 A botamos para baixo por ser tão boba.
 A mulher é o negro do mundo,
 Sim, ela é
 Se não acredita em mim, olhe para a que está com você
 A mulher é o escravo dos escravos
 Sim, ela é
 Se você não acredita em mim, é melhor gritar isso
 Nós a fazemos pintar seu rosto e dançar (Ono & Lennon, 1972, faixa 16, “Woman is the Nigger of the World”. Tradução minha a partir do *website* Letras.mus.br).

Lennon, na década de 1970, cantava a mulher como o negro do mundo nas palavras “a mulher é o negro do mundo / Nós a fazemos pintar o rosto e dançar / se ela não quer ser nossa escrava / dizemos que não nos ama”. “A mulher como negro do mundo”, de Lennon e Yoko, ou o “continente negro”, em Freud, ainda se faz presente na atualidade.

Ao refletir sobre a canção, vi-me às voltas com mais uma questão. Como utilizar uma música cujo título começa com “A mulher”, se “A mulher”, para a Psicanálise, não existe? Citando Lacan:

[...] a ser lido não todo, isto quer dizer quando um ser falante se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica. É isto o que define a... a o quê? – a mulher justamente, só que A mulher,

isto só pode escrever barrando-se o A. Não há A mulher, artigo definido para designar o universal. [...] por sua essência ela é não toda (Lacan, 1973/2008b, p. 78-79, grifo do autor).

Para Freud (1926/2014), o inconsciente não conhece o sexo, como também não conhece a morte. Lacan (1973/2008b) reafirma a inexistência, no inconsciente, de registro acerca da diferença sexual, marcando a não existência da relação sexual. Citando Serge André:

Com isso Lacan cria um movimento que desloca a questão da feminilidade do campo do sexo para o campo do gozo: a bissexualidade se torna bi-gozo, o problema sendo, daí por diante, saber se há um gozo a mais além do gozo masculino (André, 2011, p. 30).

Estranha, louca, hostil, temida, mulher. Tabu desde os homens primitivos, como preconizado por Freud em seu texto “O tabu da virgindade”, de 1917, no qual ele considera a “mulher inteira como tabu”, e não só seu primeiro coito, e acrescenta: “Talvez este receio se baseie no fato de que a mulher é diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha e, portanto, aparentemente hostil” (Freud, 1917/2013, p. 374); esse elemento de estranheza compõe-se no preconceito. O tornar outro é uma produção da linguagem, que, quando entendida como forma de fixação e manutenção de relações de poder, parte de um referente para a identificação daquilo que difere: homem, branco, hétero, eurocêntrico. Citando Grada Kilomba (2019, p. 36): “Esse fato é baseado em processos nos quais partes cindidas da psique são projetadas para fora, criando o chamado ‘outro’, sempre como antagonista do ‘eu’ (self)”.

Lacan, em “Para um Congresso sobre a sexualidade feminina”, diz que “o homem serve aqui de conector para que a mulher se torne esse Outro para ela mesma, como é para ele” (Lacan, 1958/1998b, p. 741). Ou seja, a mulher é o Outro, o estranho. O preconceito ocorre por aquele outro que de algum modo é diferente, portanto, hostil, o que faz a questão feminina se aproximar da questão racial. Em outras palavras, justamente por não existir, “A Mulher”, como nos ensina a Psicanálise, pode ser cantada como negro do mundo.

O negro, em todo o trabalho, é abordado em seu sentido amplo, para designar o outro, o que está de alguma maneira à margem, distante do ideal, não se designando de maneira exclusiva a questão racial. O negro aparece na tese a partir da discussão de Achille Mbembe, a ser aprofundada posteriormente, em termos de um devir-negro. O devir-negro, de nosso presente, não se manifesta somente nas formas de violência em relação a uma raça, mas em diferentes modalidades de um fascismo que passa a compor de maneira intensificada a nossa atualidade.

A mulher objetificada e servil cantada por Lennon e Yoko é a mesma mulher que, mais de um século antes da composição da canção, se viu identificada com a causa racial norte-americana. Angela Davis (2016), escritora, ativista e militante pelo direito das mulheres e contra a discriminação social e racial, em seu livro *Mulheres, raça e classe*, evidencia o papel feminino na luta antiescravagista, ressaltando também a influência das mulheres brancas no processo de libertação negra. A autora diz que o fato de a situação da população negra dos Estados Unidos no séc. XIX ser de muito mais exploração e violência do que a das mulheres brancas de classe média da época não retira o papel destas na luta antiescravagista no país. Ela destaca e analisa as razões que fizeram com que as mulheres compreendessem, mais que os homens da época, a relevância/impacto da escravidão e seus efeitos.

Entretanto, é importante frisar, Davis não considera que a articulação entre mulheres brancas e os direitos civis da população negra não tenha tido uma série de paradoxos, pois em alguns momentos apontava para a limitação do acesso aos direitos civis: acabar-se-ia com a escravização, mas isso não implicaria acesso aos direitos civis efetivamente. As alianças foram feitas de diferentes modos. As mulheres brancas demandavam igualdades de direitos em termos de voto e de trabalho. As mulheres negras e imigrantes trabalhadoras das fábricas demandavam direitos em termos de reconhecimento social e civil. Portanto, a interseccionalidade aparecerá como um elemento importante para a compreensão desse outro, pois permite a articulação entre raça, gênero e classe, marcando que não existe A mulher.

De início, podemos pensar que o sexismo e o racismo têm um ponto em comum, qual seja, a ideia de um outro a ser explorado. Tanto as mulheres quanto os negros são tidos como um objeto de prazer e de trabalho ou serviço; entretanto, pelos estudos das epistemologias negras, considera-se que não se trata só de uma questão relacionada à exploração do sexo e do trabalho. Há, nesse jogo, uma dimensão que é inextricável da raça. Servir, com seu trabalho, com seu corpo ou com ambos não é independente do ser outro em termos de racialização.

Talvez seja por minha condição feminina que venha o desejo de estudar a estruturação das diversas formas de preconceito em nosso país. Também essa condição feminina pode ser a razão de sentir-me atravessada e invadida quando me deparo com manifestações preconceituosas provenientes de um discurso racista que enlaça o Brasil de hoje.

Neste primeiro momento da pesquisa, intencionei demonstrar como se tornaram incontornáveis as manifestações preconceituosas que, de alguma forma, chegaram até mim como um devir-negro e que me interpelaram a partir da possibilidade de exaltação e negação, para que posteriormente possamos entender esse laço com o racismo. No próximo capítulo, percorro alguns desses conceitos importantes para que possamos entender o preconceito e suas manifestações.

2. DEVIR-NEGRO

Mas o negro não existe enquanto tal. Ele é constantemente produzido. Produzi-lo é gerar um vínculo social de sujeição de um corpo de extração, isto é, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor e do qual nos esforçamos para obter o máximo de rendimento. Sujeito a corveias de toda a ordem, o negro também é um nome de uma injúria, o símbolo do homem confrontado com o açoite e o sofrimento, num campo de batalha em que se opõem facções e grupos social e racialmente segmentados (Mbembe, 2019a, p. 42).

Início este capítulo com uma citação de Mbembe, retirada do livro *Crítica da Razão Negra*. Este trabalho coloca em análise o discurso preconceituoso que circula no Brasil, levando em conta especialmente as atuais manifestações dessa natureza que recentemente explodiram no país. Pesquisei a atual exaltação pública de expressões discriminatórias, suas condições de possibilidade e como a Psicanálise pode ajudar a compreendê-la. Para entender o preconceito em suas manifestações, torna-se incontornável a discussão sobre o racismo, na medida em que se entende, nesta tese, que o racismo é condição para discursos preconceituosos. A emergência do capitalismo trouxe consigo a construção da condição negra e, com ela, a possibilidade de tratar pessoas como mercadoria e de subalternizá-las. Com o neoliberalismo, surge o devir-negro, e a condição de negro não mais remete apenas às pessoas de origem africana. Essa categoria é destinada àqueles que de alguma maneira não correspondem ao ideal, formando “comunidades subalternas [...] que podem ser descartadas” (Mbembe, 2019b, p. 41). É nesse sentido que trabalho no início deste capítulo.

Nesta investigação, procuro entender as condições de possibilidade que propiciaram a recente emergência, especialmente no Brasil, de atitudes discriminatórias. Como mencionei anteriormente, expressões de cunho preconceituoso que antes eram ditas em “determinados locais” e direcionadas a “determinadas pessoas” passaram a ser cada vez mais comuns no país, e as manifestações explícitas de preconceito têm sido, no entanto, desconsideradas.

O trabalho traz algumas questões a serem pensadas pela Psicanálise, com uma reflexão sobre a linguagem, sobre os discursos preconceituosos que, de tão enraizados em nossa sociedade, nem sequer provocam questionamento, o que propicia a ocorrência de mais manifestações preconceituosas. Neste capítulo, abordo alguns conceitos importantes para a compreensão do que me propus a estudar.

Parto de algumas questões norteadoras: o Brasil é um país preconceituoso? Atos discriminatórios, em suas diversas formas de apresentação, são questões importantes a serem pensadas pelos brasileiros? A que Brasil ou brasileiro estou me referindo? Estas são perguntas

aparentemente simples, mas que no fundo envolvem muitos aspectos para que suas respostas sejam elucidadas de forma clara. Nossa maneira peculiar de tratar a realidade, muitas vezes a camuflando ou não a enxergando, aliada ao modo como enfrentamos as questões referentes às denominadas minorias, contribui para a complexidade do tema. Essas questões norteadoras auxiliam-me a pensar sobre o problema de pesquisa: como a emergência de manifestações e práticas preconceituosas enlaça grande parcela da população?

Buscando reflexões para tais questionamentos, inicio com Achille Mbembe, nascido em Camarões e professor de História e Ciências Políticas na Universidade de Witwatersrand, em Jonesburgo, na África do Sul, e também na Duke University, nos Estados Unidos. Leitor de Fanon, autor que também será discutido neste capítulo, Mbembe reflete sobre consensos acerca da escravidão, descolonização e negritude. Como estou estudando as manifestações preconceituosas que fazem laço social, por serem constituintes da estrutura racista da sociedade brasileira, é imperativo utilizar as contribuições de Mbembe em meu percurso. Em seu livro *A crítica da razão negra*, o autor afirma que:

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a loucura codificada. Funcionando simultaneamente como categoria originária, matéria e fantasmática, a raça esteve, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, tendo sido a causa de devastações psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres (Mbembe, 2019a, p. 13).

Como demonstrado no capítulo anterior acerca dos dados presentes no Atlas da violência, atualmente, ainda ocorrem massacres, não apenas em outros países, como também no Brasil. Em nosso país, a população negra é mais exposta à violência. Se, em Psicanálise, não se pode prescindir do corpo, também não se prescinde da palavra. O corpo, para a Psicanálise, não é o corpo biológico, mas o corpo habitado pela linguagem. A palavra tem efeitos sobre o corpo, de maneira que o que é dito sobre o corpo negro gera efeitos, pois é aquilo que o constitui pela linguagem. As diversas manifestações preconceituosas são formas de expressão do racismo, são verdadeiros sintomas sociais, são estruturais de nossa sociedade.

Os fatos atuais são imperativos para que se discuta o preconceito como uma problemática eminentemente social. Muitas vezes, a violência é exibida claramente nas redes sociais, como, por exemplo, em um vídeo que recentemente foi veiculado na internet (Record News, 2019). Ele mostra duas jovens brancas, de classe média, comendo em uma lanchonete de grande porte, tipo franquia americana. Enquanto lanchavam, elas sorriam, dando a impressão de que estavam se divertindo muito. Ao mesmo tempo, ofendiam e xingavam, com palavras impronunciáveis, um homem negro que fazia limpeza no local. Tratava-se, assim, de um fenômeno de dupla vetorização: tanto apontava a forma como as jovens se expressavam em relação a outro sujeito, quanto a possibilidade de tornar esse ato público.

O preconceito, apoiado em uma racionalidade racista, é escancarado sem nenhum constrangimento. Vivemos em um tempo no qual se, por um lado, há a intenção de negar o preconceito, escondendo, camuflando, não legitimando as formas de violência vividas, por outro, muitas vezes, ele é gritado em redes sociais e em diferentes formas de violência cotidiana. É justamente esse jogo que quero entender e problematizar nesta tese. Para tal, é necessária a compreensão do que Mbembe (1999/2006) assinala como constitutivo das sociedades modernas ocidentais a partir, sobretudo, dos processos de colonização de países africanos e da América Latina.

Nesse contexto, pode-se dizer que as elites se servem da ideologia da mestiçagem com a intenção de negar ou desqualificar a questão racial e as diferentes estratégias de subalternização de certos grupos sociais. Para o autor camaronês, o Ocidente deve pensar no racismo não como uma categoria, evento ou acontecimento social. Ao contrário: o racismo deve ser pensado, *a priori*, como elemento fundador de certas sociedades.

Não há como se questionar se determinado país é ou não racista por suas práticas ou ações; há que se pensar, isso sim, no elemento segregador constituinte que, conseqüentemente, gera práticas e ações que são, por essência, racistas. Mbembe (2019b) discute como uma política de morte se apoia em um modo de organização social na qual a soberania permitiria definir que alguns sujeitos têm mais importância e que outros são destituídos de qualquer valor. Esse modo de gerir a vida propicia a conformação de existências passíveis de extermínio porque consideradas menos qualificadas, substituíveis e, ao mesmo tempo, inimigas. O racismo, assim, molda-se em uma política de morte, portanto, uma necropolítica, em que a violência contra alguns, além de ser possível, é estimulada. O racismo, inventado pelos processos de colonização do passado e de colonialidade do presente,

divide o mundo em dois, justificando o extermínio de uns pelos outros. Ainda para Mbembe (2019b), o racismo é o elemento fundante das sociedades ocidentais, constituídas a partir de relações privilegiadas de alguns, considerados iguais, enquanto tantos outros são vistos como diferentes, estranhos e segregados.

Para a Psicanálise, o racismo é elemento fundante do ser humano. Como apregoadado por Lacan em “Televisão” (1973/2003b), não há um ato humano que não esteja revestido de racismo, entendendo-se, assim como em Mbembe, o racismo como algo fundante do sujeito. A Psicanálise entende o eu em sua identidade, marca a diferença e o idêntico. Conforme Colette Soler (Soler, 2016, p. 15), “quem diz a identidade convoca, ao mesmo tempo, a diferença e o idêntico”. A diferença e o idêntico são convocados em todo discurso social.

O racismo e a colonialidade que fundam o sujeito e a sociedade, e os atos preconceituosos que já ocorriam anteriormente ganharam força e voz nos dias atuais. O discurso social da atualidade é um discurso preconceituoso. Quais são as condições de possibilidade para que esse discurso tome corpo, ganhe adeptos e circule, inclusive, na internet e nas redes sociais? Como compreender uma composição que ao mesmo tempo permite uma identificação com o racismo, ou seja, com as práticas preconceituosas, e uma relação de não identificação, na medida em que está tão “dentro” de nossas sociedades, pois compartilhamos a vida coletivamente, que não é reconhecida como prática preconceituosa? É assim que o racismo opera na exaltação de determinadas práticas e na negação de outras.

Quando busquei o termo *racismo* no *Dicionário Michaelis* (2020), encontrei os seguintes resultados: a) teoria ou crença que estabelece uma hierarquia entre as raças (etnias); b) doutrina que fundamenta o direito de uma raça, vista como pura e superior, de dominar outras; preconceito exagerado contra pessoas pertencentes a uma raça (etnia); c) preconceito exagerado contra pessoas pertencentes a uma raça (etnia) diferente, geralmente considerada inferior; d) atitude hostil em relação a certas categorias de indivíduos. Trabalhei com o racismo em seu último sentido, “como uma atitude hostil em relação a certas categorias de indivíduos”, por entender ser mais amplo e tratar de hostilidade e segregação de modo mais geral. Neste trabalho, refiro-me ao racismo como uma forma de organização social, portanto, um conjunto de práticas de violências heterogêneas em relação à raça/etnia, mas também a gênero, sexo e classe social, ou seja, é tratado em sentido amplo, junto às demais formas de preconceito que vão caracterizar os processos sociais na modernidade pelo capitalismo.

Mbembe trata do “devir-negro no mundo” em sua obra *Crítica da razão negra* (Mbembe, 2019a), na qual o autor demonstra que a condição inferiorizada destinada aos negros, advinda do início do capitalismo, vem paulatinamente se ampliando com a fase atual de neoliberalismo. Diz o autor:

Ainda mais característica da fusão potencial entre o capitalismo e o animismo é a possibilidade, muito clara, de transformação dos seres humanos em coisas animadas, dados numéricos e códigos. Pela primeira vez na história humana, o substantivo negro deixa de remeter unicamente à condição atribuída aos povos de origem africana durante a época do primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, destituição de qualquer possibilidade de autodeterminação e, acima de tudo, das matrizes do possível, que são o futuro e o tempo). A essa nova condição fungível e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização pelo mundo inteiro, chamamos o *devir-negro do mundo* (Mbembe, 2019a, p. 20).

Para esse autor, o racismo contra o africano é uma condição de possibilidade para o capitalismo moderno, ou seja, base do liberalismo, da mesma maneira que o capitalismo contemporâneo, da atualidade, juntamente com o neoliberalismo, só é possível com novas formas de exploração e escravização que ocorrem na atualidade. O preconceito racial, o racismo que anteriormente era direcionado de maneira exclusiva aos negros, toma uma nova roupagem e passa a atingir, além dos negros, outras parcelas subalternizadas da população. Como dito por Mbembe (2019a, p. 19) “o substantivo negro deixa de remeter unicamente à condição atribuída aos povos de origem africana...”. Em nosso tempo, saímos do racismo direcionado às questões raciais ou étnicas, indo em direção ao preconceito em relação às “humanidades subalternas”.

As humanidades subalternas são alvo de preconceito, e a necropolítica é destinada a elas. O conceito de necropolítica (Mbembe, 2019b) constitui-se como uma política de extermínio, trazendo para a atualidade algo da antiga política colonial e escravocrata do primeiro capitalismo. Assim, hoje há toda sorte de indivíduos descartáveis, seres matáveis e expostos à morte. Neste estudo, propõe-se justamente um olhar para a maneira como hoje se estruturam a negação/exaltação de práticas e discursos preconceituosos a partir de uma sociedade racista e como a Psicanálise pode contribuir para o entendimento de tais questões.

A criminalização de um ato racista atua com a desqualificação de pessoas por meio de uma lógica de produção de inimigos, mas sob a égide do Estado democrático de direito que sustenta a organização social que exclui e produz morte. De um lado, há vidas com menos valor que outras, com produção de inimigos a serem combatidos; de outro, há a criminalização do racismo. Esses são componentes de uma mesma engrenagem em uma sociedade estruturada como racista. O que estou dizendo é que, aparentemente antagônicos, o fato de ser criminalizado por ser racista e o ato racista em si, de certa forma, também fazem parte de uma lógica em que se produz preconceito.

A legislação brasileira, mais especificamente o Código Penal (Decreto-lei n. 2.848, 1940), em seu artigo 140, parágrafo terceiro, considera injúria racial a agressão verbal com utilização de elementos relativos a cor, etnia, religião, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência. Pune-se tal conduta com reclusão de um a três anos e multa. Nossa Constituição Federal (1988/2019), em seu art. 5º, inciso XLII, dispõe que o crime de racismo é “inafiançável, imprescritível e sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (p. 18). Ou seja, aparentemente, estaríamos em um país que pune o racismo e onde, portanto, não haveria práticas racistas do próprio Estado e os indivíduos que as realizam seriam efetivamente punidos.

Estou refletindo sobre intolerância e preconceito (em sentido amplo), racismo e manifestações preconceituosas, principalmente as praticadas na atualidade, em particular em nosso país, como um sintoma coletivo (“neurose cultural brasileira”, nas palavras de Lélia Gonzalez), em suas formas de exaltação e negação. Nessa dualidade e ambivalência, ao mesmo tempo, mostra-se o preconceito e esconde-se o ato preconceituoso. Para a compreensão de como a negação e a exaltação de práticas preconceituosas enlaçam a sociedade brasileira, faz-se necessário que entendamos como se dá a negação do racismo exaltado em práticas ou ações, o que será abordado a seguir, deixando claro que, quando utilizo o significante *racismo*, estou me referindo ao devir-negro. Dito de outro modo, refiro-me a manifestações preconceituosas em suas diferentes formas; isso não como maneira de minimizar as violências contra raça/etnia, mas de compreender a complexidade que assume o racismo/colonialidade como estruturante de nossa sociedade.

2.1 Racismo Negado – diversas facetas

Como discuti no início deste capítulo, com a emergência do capitalismo, houve a construção da condição negra e, com ela, a possibilidade de pessoas serem tratadas como mercadoria. Com o neoliberalismo, surge o devir-negro, no qual a condição de negro deixa de remeter somente às pessoas de origem africana. Essa categoria é destinada àqueles que, de um jeito ou de outro, não correspondem ao ideal – nas palavras de Mbembe (2019b), são comunidades subalternas que podem ser descartadas. Paralelamente a isso, há lutas constantes dessas comunidades por maior visibilidade de acesso a direitos, como direito à vida, à educação ou ao nome, como mencionei anteriormente.

Ao mesmo tempo que somos tomados, especialmente no Brasil, por atitudes preconceituosas, como apontei no capítulo anterior, expressões racistas emergiram no país com manifestações explícitas de violência que têm sido, no entanto, desconsideradas. Demonstração dessa situação é a fala do presidente da Fundação Palmares ao chamar o movimento negro de “escória maldita formada por ‘vagabundos’” (Redação Brasil de Fato, 2020, para. 1). Por ora, discutirei como a Psicanálise contribui para que possamos entender tais acontecimentos.

Vou iniciar as discussões com a contribuição do estudioso Frantz Fanon, psiquiatra que nasceu na Martinica em 20 de junho de 1925. Mais conhecido por ser um revolucionário, lutou durante a Segunda Guerra Mundial junto às forças de resistência no norte da Europa e da África. Estudou psiquiatria e filosofia na França e dirigiu o Departamento de Psiquiatria do hospital que hoje leva seu nome (Hospital Frantz Fanon), o então Hospital Blida-Joinville, na Argélia. Chegou a ser um dos cidadãos mais procurados pela polícia francesa quando se tornou membro da Frente de Libertação Nacional da Argélia. Dedicou grande parte de sua vida a essa causa, lutando por condenados nas instituições coloniais e racistas.

A maneira pela qual a sociedade brasileira se estrutura, com a inferiorização de alguns grupos e a valorização de outros, justifica a escolha de iniciar minhas discussões com Franz Fanon, pois, para ele, “a inferiorização é o correlato nativo da supervalorização europeia. Precisamos ter coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado” (Fanon, 1952/2008, p. 90). Nesse sentido, o Brasil, que foi colonizado por países da Europa e, posteriormente, por ideais oriundos dos Estados Unidos, cada dia mais fortes em nossa cultura, tem em sua base, na sua constituição de nação, o branco europeu e o americano estadunidense branco como

ideal, conceito que será discutido ainda neste capítulo. Essa situação produz, como consequência, a desvalorização dos demais.

A obra de Fanon consiste de quatro livros impressos que influenciaram e influenciam quem pretende pensar sobre a condição racista nas sociedades ocidentais modernas, sendo o autor também grande autoridade para pesquisadores que referencio e utilizo em meu trabalho, como Lélia Gonzalez ou Achile Mbembe. Para Fanon, é necessária uma interpretação psicanalítica da questão negra para que se perceba a dimensão do que se pretende estudar. Como neste trabalho também a Psicanálise é importante para a compreensão do nosso presente, é interessante entender seu pensamento. Conforme aponteí, em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921/2011a), Freud afirma que toda psicologia individual é ao mesmo tempo social. O social e o individual, para Fanon e Freud, não são considerados em separado: “a psicologia individual é também desde o início psicologia social, num sentido ampliado, mas plenamente justificado” (Freud, 1921/2011a, p. 14), sendo o individual indissociável do coletivo ou social.

Essa confluência social/individual dá-se em determinado tempo da história. Fanon leva em consideração o fator temporal e a realidade, de modo que as sociedades devem ser entendidas a partir do presente, com a possibilidade de uma constituição de futuro. Nesta investigação, também intenciono entender nosso presente em termos de como estamos constituindo nossa realidade, como o racismo está sendo articulado, negado ou exaltado por meio de manifestações preconceituosas em suas formas diversas, mas é claro que, para a construção deste tempo, o fator histórico é importante. A pesquisa não se aprofundará em questões históricas, mas citarei alguns marcos importantes, somente para contribuir com a elucidação das questões presentes a serem estudadas.

Nossa história, com o processo de escravização/colonização, possibilitou a formação de enquadramentos distintos para determinados grupos no decorrer do tempo. Conforme salienta Lélia Gonzalez, para uma reflexão sobre esse histórico escravocrata da constituição histórica do Brasil e da América do Sul e Latina, há de se levar em conta que “a formação histórica da Espanha e de Portugal foi feita a partir da luta secular contra os mouros”. (Gonzalez, 2020, p. 142).

Gonzalez, além de filósofa, antropóloga e professora brasileira, foi uma das precursoras da militância negra e feminista no Brasil e atuou fortemente contra o racismo estrutural. Suas contribuições chegaram a esta pesquisa depois da qualificação e tiveram

bastante importância no trabalho, pois a autora já havia formulado discussões sobre a negação do racismo em nosso país, as quais foram fundamentais para que eu pudesse trabalhar com a negação no nosso presente e focalizar o modo como essa negação contribui com a intensificação das práticas atualmente.

Ainda hoje, em nossas manifestações culturais, encontramos festividades populares que rememoram a batalha entre mouros e cristãos, mas não se pode olvidar que a motivação do confronto não foi unicamente religiosa. Citando Gonzalez: “constantemente silenciada, a dimensão racial desempenhou um importante papel ideológico nas lutas da Reconquista” (Gonzalez, 2020, p. 143). Outro ponto importante, também ressaltado por Gonzalez, é que as sociedades ibéricas se constituíram como extremamente hierárquicas; sendo assim, não se pode pensar em igualdade social, de gênero ou racial em tal tipo de enquadramento social. Como herdeiro dessa estrutura, o Brasil carrega uma marca hierárquica, com a proeminente classificação social, racial e sexual. As consequentes bases do preconceito praticado no país refletem tal marca, apoiada em pilares estruturais, como a negação do racismo e o mito da democracia racial, que tratarei adiante neste capítulo. Para Gonzalez:

Somos herdeiros de um tipo de Estado bastante interessante. Essa contraposição entre uma ideologia realista, de um lado, que caracteriza a estrutura do Estado brasileiro, e uma ideologia individualista, apoiada nos princípios da liberdade e da igualdade a partir do séc. XVIII e que vai tomar conta do mundo ocidental. A partir dessa visão o Ocidente vai passar a fazer uma leitura a respeito do resto do mundo, das outras culturas das sociedades não ocidentais (Gonzalez, 2019a, p. 233).

Nesta pesquisa, procuro pensar o Brasil como um país onde a violência e o racismo foram fatos constituintes e formadores da sociedade, do laço social. O racismo e a escravização ocorreram com respaldo na legislação vigente à época. Tal fato deixa marcas e cria sintomas de identificação com a produção de morte e violência.

Outro ponto abordado por Fanon (1952/2008) em seu texto é a maneira como se estrutura o preconceito:

[...] nenhum antissemita pensaria em castrar um judeu. Matam-no ou o esterilizam. O preto é castrado. O pênis, símbolo da virilidade é aniquilado, isto é, negado. A

diferença entre as duas atitudes é clara. O judeu é atingido na sua personalidade confessional, na sua história, na sua raça, nas relações que mantém com seus ancestrais e seus descendentes. No judeu que é esterilizado, mata-se sua estirpe; cada vez que um judeu é perseguido, toda uma raça é perseguida através dele. Mas é na corporeidade que se atinge o preto. É enquanto personalidade concreta que ele é linchado. É como ser atual que ele é perigoso. O perigo judeu é substituído pelo medo da potência sexual do preto (Fanon, 1952/2008, p. 142).

O preconceito tem como base a ideia de que o outro possui atributos ou características que são almeçadas. Segundo o autor, a segregação sofrida pelos judeus teria como base a suposição de que eles têm uma habilidade financeira que lhes facilitaria ganhar dinheiro. Já em relação aos negros, há uma ideia de potência sexual, de facilidade em relação ao sexo. A Psicanálise entende essa suposição de facilidade com o sexo ou com o dinheiro como suposição “de um gozo a mais” como componente importante do preconceito. A crença de que o negro goza com o sexo ou que de que no judeu haveria o gozo da usura aumenta o ressentimento e a hostilidade para com esses sujeitos.

Está presente em nossa cultura uma hipersexualização do corpo negro, tanto do homem quanto da mulher. No imaginário social, o homem negro frequentemente é retratado como potente sexualmente ou como possuidor de um grande pênis; a mulher, por sua vez, como mais interessada em sexo. Essa suposta facilidade com relação ao sexo, se, por um lado, objetifica o sujeito, por outro, lhe gera mais hostilidade. O ressentimento aumenta, e o preconceito também.

O ressentimento parece ser especialmente direcionado à mulher negra, muitas vezes vista como objeto de “manipulação/exploração sexual, social e econômica”, como ocorre com “muitas jovens negras de origem humilde” (Gonzalez, 2020, p. 60). Nas palavras de Lélia Gonzalez:

De modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois pontos de qualificação “profissional”: a doméstica e a mulata. A profissão de “mulata” é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho”. Atualmente o significante *mulata* não nos remete apenas ao significado tradicionalmente aceito (filha mestiça de preto/a com branca/o),

mas a um outro mais moderno: produto de exportação. A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do “rebolado” para o deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional. Sem se aperceberem, elas são manipuladas, não só como objetos sexuais mas como provas concretas da “democracia racial” brasileira; afinal são tão bonitas! (Gonzalez, 2020, p. 59).

O racismo estrutural, na sua forma de um devir negro, como sintoma coletivo e articulado com o sexismo, recai sobre a mulher negra, em particular, produzindo discursos de preconceito e induzindo também à falsa ideia de uma democracia racial, por essa mulher ser admirada e desejada pelos homens, o que se atrela ao ressentimento de outras mulheres. A suposta democracia racial conjuga-se com outros elementos, compondo um discurso que se arranja nas formas de exaltação e negação da nossa condição racista.

Essa suposição de um gozo com o sexo está presente em nosso imaginário, e a violência assume, assim, duas formas que se retroalimentam, tornando possível não apenas o racismo sobre o sujeito, mas a apresentação do racismo em um domínio público, coletivo, de modo a permitir seu enlace em um campo social. A visão do negro, especialmente da mulher negra, em nossa sociedade, uma visão na qual há uma potência sexual superdimensionada, evidencia mais agressividade e preconceito, não só de um sujeito, mas de toda uma coletividade. Isso pode ser evidenciado em um velho ditado popular – “Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar” –, discutido no texto de Lélia Gonzalez “Por um feminismo afro-latino americano”. Citando:

Um ditado “popular” brasileiro resume essa situação, afirmando: “Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar”. Atribuir às mulheres amefricanas (pardas e mulatas) tais papéis é abolir sua humanidade, e seus corpos vistos como corpos animalizados: de certa forma, são os “burros de carga” do sexo (dos quais as mulatas brasileiras são um modelo). Desse modo, verifica-se como a superexploração socioeconômica se alia à superexploração sexual das mulheres amefricanas (Gonzalez, 2020, p. 149).

O corpo negro, sensualizado, sexualizado e ao mesmo tempo explorado é, em nossa cultura, objeto de desejo e de agressividade. O racismo estrutural produz uma série de práticas preconceituosas, entre elas, a divisão racial do trabalho, com a exploração econômica e, por consequência, sexual, atingindo em maior expressão as mulheres negras, uma vez que são as mais visadas por estereótipos de raça e gênero, que se estabelecem com elementos de dominação. A exploração econômica e sexual ganha crueldade, denotando agressividade. Como Lélia Gonzalez (2020) menciona no texto “A mulher negra na sociedade brasileira”, muitas mulheres de classe média a alta contratam jovens negras como domésticas com o objetivo de promover a iniciação sexual de seus filhos.

Tudo isso torna muito mais problemática a exploração do trabalho propiciada pelo privilégio racial no Brasil. O grupo branco é o grande beneficiário da exploração social e, especialmente, econômica; aliadas à exploração sexual, fomentam a reprodução dos estereótipos já mencionados, como a superpotência sexual do homem negro ou a hipersexualidade da mulher negra.

Outro ponto importante, marcado por Fanon (1952/2008) em seu trabalho, é a impossibilidade de o negro “passar despercebido”. A cor da pele marca, ela faz alteridade e diferença. Diz o autor:

Ainda assim o judeu pode ser ignorado na sua judeidade. Ele não está integralmente naquilo que é. As pessoas avaliam, esperam. Em última instância, são os atos e os comportamentos que decidem. É um branco e, sem levar em consideração alguns traços discutíveis, chega a passar despercebido. Ele pertence à raça daqueles que sempre ignoraram a antropofagia. No entanto que ideia, devorar o próprio pai! Mas tudo está bem feito, só precisamos não ser pretos. Claro, os judeus são maltratados, melhor dizendo, perseguidos, exterminados, metidos no forno, mas essas são apenas pequenas histórias de família. O judeu só não é amado a partir do momento em que é detectado. Mas comigo tudo toma um aspecto *novo*. Nenhuma chance me é oferecida. Sou sobredeterminado pelo exterior. Não sou escravo da “ideia” que os outros fazem de mim, mas de minha aparição (Fanon, 1952/2008, p. 108).

Nessas palavras fortes, o autor demonstra como a simples presença do negro em sua cor já marca a diferença, fazendo-o estrangeiro ou estranho, mesmo que viva em seu próprio

país. Lélia Gonzalez (2020) também aborda esse assunto, no texto *A cidadania e a questão ética*, no qual relata a história de um índio Terena que dizia ser de origem japonesa para passar despercebido; a autora acrescenta que, para os negros, “não há disfarce possível”.

Trato do tema “estrangeiro” para a Psicanálise no último capítulo da tese, destinado à análise de algumas canções. No momento, apoio-me na análise de Fanon (1952/2008) para pensar a realidade brasileira que está estruturada em uma lógica racista, atualizada em termos de estratégias de segregação e formas de expressão da violência.

Por ora, proponho que pensemos no tempo. Quando Fanon publicou o livro *Pele negra, máscaras brancas* (1952/2008), o racismo era tido como algo específico de determinadas sociedades; para os franceses da época, o racismo não existia, assim como acontece no Brasil de hoje. Havia, então, e ainda há hoje, uma espécie de recusa em examinar essa evidência. Pode-se dizer que existe uma tendência, por parte de muitas pessoas, incluindo autoridades públicas, de considerar que o Brasil é uma democracia racial.

Na edição de outubro de 2019 da revista *Piauí*, o editorial de capa traz uma belíssima reportagem da jornalista Yasmin Santos, intitulada “Letra Preta”, que relata a realidade vivida pelos negros na imprensa brasileira. Na reportagem, ela conta também sua experiência na universidade pública e como a ocupação dos espaços da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi vivida por ela como em uma disputa. A jornalista cita uma fala de Roberto Salles feita em setembro de 2012, quando era reitor da referida universidade, na qual questionava veementemente as implementações de ações afirmativas para facilitação de acesso à universidade pública. Salles negou a existência de desigualdade racial no Brasil, além de ter ironizado a reserva de vagas para estudantes indígenas. A reportagem também questionava o que o reitor da UFRJ diria se a população negra não fosse maioria (Vieira, 2016).

Utilizo a conduta ou pensamento do referido reitor não no sentido de uma crítica pessoal ou pontual. Ao contrário, tomei essa fala para evidenciar a relevância que tem o fato do reitor de uma instituição de relevância no cenário nacional ser publicamente contra a política brasileira de cotas para acesso às universidades, baseando-se no argumento de que não existe desigualdade racial no Brasil.

Em nosso país, utilizamos o pretexto de não se levar em consideração a cor da pele, e assim o racismo se estrutura fortemente. A negação do racismo em nossa sociedade tem o mesmo fundamento: a não subalternização dos “não brancos”. Como o Brasil se estrutura com

a lógica de que não existe racismo, um exemplo dessa situação pode ser verificado no programa de televisão *Luciana by Night*” (Rede TV, 2019), que recebeu o Presidente Jair Bolsonaro no dia 7 de maio de 2020 e que se encontra disponível na internet. No referido programa, o Presidente afirma, categoricamente, que não existe racismo no Brasil. Qual seria o sentido dessa afirmação? Respondendo com Fanon: “se é em nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, também é em seu nome que muitas vezes se decide seu extermínio” (1952/2008, p. 43).

Negando-se o racismo, assegura-se que práticas segregativas e de extermínio continuem acontecendo. Conforme aponta Lélia Gonzalez (2020, p. 76) trata-se da “neurose cultural brasileira”, constituída por um racismo como sintoma coletivo do Brasil, no qual o sexismo tem importante papel, produzindo efeitos agudos sobre a mulher negra em particular.

As estatísticas de cor e raça brasileiras mostram que estamos muito longe de sermos uma democracia racial. Segundo a agência de notícias do IBGE, em média, os brancos têm maiores salários, vivenciam menos situações de desemprego e, como exposto anteriormente, têm menos dificuldades no acesso à educação superior em razão da sua cor/raça/etnia (Gomes & Marli, 2018).

Figura 1

As cores da desigualdade



Nota. Retirada de “IBGE mostra as cores da desigualdade” de Gomes, I. & Marli, M., 2018, 11 Maio, Agência do IBGE; Revista Retratos. (<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>)

A desigualdade racial está presente também no número de negros assassinados, como mostra o estudo do Atlas da Violência anteriormente citado, e também aparece quando

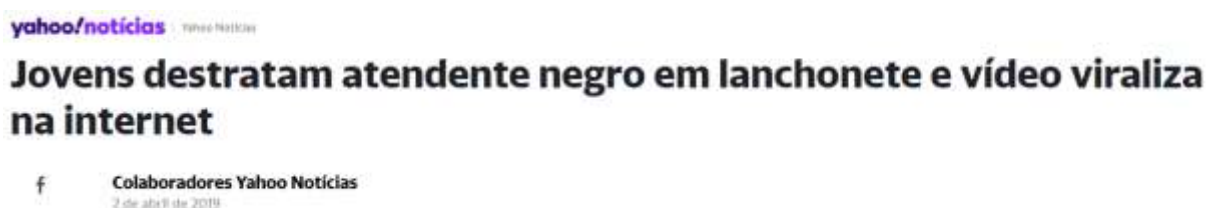
levamos em conta a presença de pardos, negros e brancos na universidade. Nas palavras de Lélia Gonzalez:

Desse modo, a afirmação de que todos são iguais perante a lei assume um caráter claramente formalista em nossas sociedades. O racismo latino-americano é sofisticado o suficiente para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados dentro das classes mais exploradas graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento (Gonzalez, 2020, p. 143).

O racismo e o preconceito praticados também são desconsiderados, isto é, há uma tendência a se negar o racismo e/ou as práticas preconceituosas. Conforme discuti anteriormente, muitas vezes, o que ocorre é uma oscilação entre gritar, nas redes sociais ou em público, palavras de conteúdo preconceituoso e negar tais afirmações com a mesma força, como as jovens que insultaram um homem negro na lanchonete e colocaram as imagens na internet. Posteriormente, uma delas foi novamente à internet, na tentativa de justificar seu comportamento, dizendo: “não era porque o menino era preto, não, porque ainda tem pretos bonitinhos, mas ele é um preto feio, horroroso” (Barros, 2019, para. 2); a outra jovem afirmou que xingou o homem porque ele era seu ex-namorado, como se tal fato justificasse a ação agressiva da jovem.

Figura 2

Agressão na internet



Nota: Retirada de “Jovens destratam atendimento negro em lanchonete e vídeo viraliza na internet” de *Yahoo Notícias*, 2019, 1 abril. (<https://br.noticias.yahoo.com/jovens-destratam-atendente-negro-em-lanchonete-e-video-viraliza-na-internet-191003721.html?guccounter=1>)

Faz parte de nossa realidade e de nossa maneira de expressar ou não a agressividade, o fato de haver um aparente jogo entre mostrar algo e, com isso, fazer com que ninguém perceba o que está sendo mostrado, ou seja, ao mesmo tempo em que se esconde algo, acaba-

se por efetivamente mostrá-lo. Esse jogo compõe o racismo como sintoma coletivo, em que há uma discordância entre os significados e os significantes nos discursos.

Uma afirmação ou uma ação preconceituosa, seguida de uma negação do ato, teria por efeito a desconsideração dele? Depois de uma fala racista, seguida de “Eu não sou racista”, passa-se a considerar apenas a negativa? Por que se nega? A “neurose cultural brasileira”, ou o racismo como sintoma coletivo, juntamente com a respectiva negação, é o que tento compreender a seguir.

2.2 Negação em Freud

Parti de Freud (1925/2011b), em suas formulações sobre a negação na constituição do eu e na formação do sintoma, para a compreensão do racismo negado, chegando à tese lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem e às leis de linguagem que regem o inconsciente, com a primazia do significante, que também abordo a seguir. Isso porque, segundo Lacan, “é que ao tocar, por pouco que seja, na relação do homem com o significante, no caso, na conversão dos procedimentos da exegese, altera-se o curso de sua história, modificando as amarras de seu ser” (Lacan, 1957/1998c, p. 531).

Buscando a compreensão da forma privilegiada de discriminação praticada no Brasil, evidência de uma neurose coletiva, inicio com Freud, em seu texto “A negação” (1925). Freud (1925/2011b) relata que as reações dos pacientes, em análise, são uma rica fonte para a compreensão de como o sujeito pode expressar algo verdadeiro de forma mais tranquila, sem tantas barreiras, desde que se faça uso do não. Citando exemplos de sua clínica, ele assegura que algo do inconsciente pode surgir com a possibilidade de ser negado.

“Você pergunta quem pode ser esta pessoa no meu sonho. Minha mãe não é”. Corrigimos então é a mãe. Tomamos a liberdade, na interpretação, de ignorar a negação e apenas extrair o conteúdo da ideia. É como se o paciente houvesse me dito: É certo que me ocorreu minha mãe, em relação a essa pessoa, mas não quero admitir esse pensamento (Freud, 1925/2011b, p. 276).

Assim, com os fragmentos retirados da clínica freudiana, percebemos que um conteúdo inaceitável, isto é, algo reprimido, pode chegar à consciência na condição de ser

negado. Nesse sentido, algo que estava sob o efeito do recalque e que não estava, portanto, na consciência, pode surgir e vir à tona, desde que se utilize o não. Entre a negação e o recalque, há uma ligação, o que faz com que precisemos compreender melhor o recalque.

O recalque é uma operação inconsciente que está na gênese dos sintomas, ou seja, está na formação dos sintomas neuróticos. Freud (1915/2010b) referiu-se ao recalque como uma inferência, uma descoberta da Psicanálise. Descoberta essa consistente em uma negação ocorrida no interior do eu, como um juízo de admissibilidade, na qual um sentimento, uma ideia ou um desejo não é tolerado ou admitido. Podemos pensar nas formas de preconceito e racismo como não toleradas ou admitidas pelo sujeito. Portanto, o que o “eu” não suporta, ele nega, mantendo esquecido no inconsciente. No caso das jovens que praticaram racismo contra o atendente da lanchonete, quando indagadas sobre o racismo do ato, uma delas disse que não, que não era porque ele era negro, e sim porque ele era “preto feio, horroroso” (Record News, 2019).

Ocorre que também no processo de recalçamento algo escapa, e o conteúdo do que foi recalcado retorna, como nos sonhos, atos falhos, sintomas e chistes. Citando Lélia Gonzalez:

Consciência exclui o que a memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como um discurso dominante (ou efeito desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura; por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência (Gonzalez, 2020, p. 79).

O que é negado, recalcado simbolicamente, volta também simbolicamente por meio das formações do inconsciente, ou nas “mancadas da consciência”, como diz Lélia Gonzalez. Acontece, portanto, o retorno do recalcado. Assim, o recalque e o retorno do recalcado têm a mesma estrutura.

O racismo é percebido como fundante do sujeito e da sociedade. O “eu”, portanto, constitui-se a partir do idêntico, do que é igual, mas também daquilo que é diverso, diferente. A identidade afirma-se, ao mesmo tempo, pela diferença e pela igualdade. Só nos identificamos com aqueles que são iguais na medida em que há outros que são diversos, e, de acordo com Grada Kilomba (2019), os diversos, os “outros”, são os subalternizados. Da

mesma maneira, nas sociedades ocidentais, o racismo encontra-se na base, na constituição e na formação das nações. Portanto, a partir da constatação do racismo *a priori*, tanto no sujeito quanto na sociedade, conseguimos compreender melhor o papel da negação, o recalque, o retorno do recalado e a concepção de um racismo negado existente no Brasil. Vale ressaltar que, por *a priori*, não se considera como natural, e, sim, como parte estrutural da organização das sociedades modernas.

Quando se nega o racismo ao se dizer “Eu não sou racista”, o sentimento de hostilidade por um outro que de alguma maneira se apresenta diferente não é aceito pelo eu, ficando, portanto, esquecido, recalado, e voltando como um sintoma. Em outros termos, o racismo negado volta como sintoma, retorno do recalado, e tal sintoma torna-se coletivo. Assim como no caso do sonho do paciente de Freud, em que a lembrança do sonho com a mãe escapa e emerge sob a condição de ser negada, a hostilidade e o racismo aparecem, desde que o sujeito possa negá-los. “Não sou racista” pode significar “sou racista, mas não quero saber disso”.

A partir dessas observações clínicas, Freud (1925/2011b) desenvolveu os conceitos de juízo de existência e atribuição, fundamentais na constituição do aparelho psíquico, bem como para a compreensão do preconceito e suas manifestações. Podemos pensar a questão do sujeito constituído no campo do Outro. O “não” do paciente não nega o que foi dito, mas assinala que não foi dito tudo. Não é possível dizer tudo ou, de outro modo: há algo que escapa. Quando o paciente diz “não é a mãe”, o discurso está articulado com a interdição e com a lei.

Lélia Gonzalez, em seu texto “Pilar da amefricanidade”, sugere que nossa latinidade, enquanto nação, é inexistente e “teve trocado o T pelo D, para aí sim, nomear o nosso país com todas as letras América Latina (neurose cultural que tem o racismo como excelência)” (Gonzalez, 2020, p. 151). Tal condição ocorre por motivos geográficos, culturais e, principalmente, da ordem do inconsciente; tudo em conjunto torna e tornou o Brasil uma América africana. Ainda segundo a referida autora, a negação de africanidade do país fomenta um racismo forte, que se volta exatamente contra aqueles que etnicamente presentificam essa origem, levando a tentativas de aniquilamento, desqualificação e extermínio. O pensamento de Lélia Gonzalez vai ao encontro do que proponho neste trabalho, pois pesquiso o racismo negado/exaltado, ou ainda, em outras palavras, a negação de práticas racistas, que se apresenta como verdadeira forma de exaltação desse mesmo racismo.

Quando trata da negação, Freud (1925/2011b) também formula a hipótese teórica sobre o juízo de existência e de atribuição, fundamentos para a existência do aparelho psíquico. A formação inicial do aparelho psíquico dá-se mediante uma afirmação inicial (*Bejahung*), seguida de uma negação (*Verneinung*). Afirmação e negação atuam como opostos, ou seja, dentro e fora, interno e externo, para a montagem do psiquismo.

A afirmação inicial constitui a realidade para o sujeito. Essa constituição da realidade ocorre com a constituição dos juízos de atribuição e de existência. Freud (1925/2011b) considera que o juízo de atribuição é anterior ao juízo de existência. O autor ainda demonstra que um objeto de satisfação cria marcas na memória e que o juízo de existência tem a função de reencontrar na realidade o objeto imaginado que deixou marcas no juízo de atribuição. O juízo de atribuição faz o julgamento do que é bom ou mau – o bom é aceito pelo sujeito, e o mau é rejeitado. Freud (1925/2011b) cita como exemplo a função oral, em que a criança come o que é bom e cospe o que não é.

A afirmação primordial seria, portanto, a constatação de um sim anterior, no juízo de atribuição, que confere existência aos objetos. Negar algo é função intelectual do juízo, logo, algo que é inaceitável pode ser expresso sob a condição de ser negado. O juízo negativo agiria como um substituto da repressão. Quando o sujeito diz “eu não sou racista”, essa seria, portanto, uma forma de afirmar-se racista, desde que o conteúdo seja negado. Práticas ou falas racistas e preconceituosas ocorrem e são negadas. Negamos que somos uma nação racista, ao mesmo tempo que em nosso país ocorrem quase duas vezes mais homicídios de pessoas negras do que de pessoas brancas (IPEA & FBSP, 2017).

Para Tânia Corgi Veríssimo, uma das autoras do livro *O racismo e o negro no Brasil. Questões para a Psicanálise*, as injúrias raciais estão muito arraigadas na cultura brasileira, muitas vezes sendo manifestadas sem que percebamos e tendo sua ocorrência privilegiada em exemplos como “ele é negro, mas é trabalhador” ou “ela é negra, mas é honesta” – manifestações racistas que têm como base a negação:

Em seu artigo de 1925, “A negação”, Freud fornece elementos que embasam esta hipótese, postulando a negação como um mecanismo que se dá no nível da linguagem e que não impede a operação do recalque. Na negação o recalque continua operando e o que vem à tona na fala do sujeito é a representação recalcada que só se manifesta na condição de um “não” em sua frase formulada. Por meio da formulação “Fulano é...,

mas...” é possível, portanto tomar contato com a vigência do recalque. O sujeito que o expressa aceita intelectualmente a veiculação do conteúdo recalcado, passado por ele – e por quem escuta – sem abrir conflitos, sem cessar o recalque (Veríssimo, 2017, p. 236).

Dessa maneira, a negação é uma forma utilizada para que algo inaceitável ou desagradável possa vir à tona. A negação é um instrumento da linguagem que não impede a incidência do recalque.

A negação também pode ser manifestada quando uma frase preconceituosa é dita, mas não considerada, ou seja, utiliza-se sempre uma “desculpa” para o que foi dito. A exaltação do racismo e do preconceito também faz parte da negação, pois, quando o preconceito é exposto, ele é imediatamente negado. Nega-se, portanto, o retorno do conteúdo que foi recalcado.

Voltando ao recalque e à origem do sintoma. O conteúdo preconceituoso negado volta à consciência nas formações do inconsciente (sintoma, sonho, ato falho, chiste) com o retorno do recalcado. A partir dessa negação, um conteúdo inaceitável pode vir à tona; além disso, inúmeras práticas preconceituosas acontecem e legitimam-se. Quando um discurso de alguma forma preconceituoso é emitido, sendo seguido de uma negação, tais acontecimentos têm efeitos, pois há muitos elementos envolvidos. Seus efeitos são sentidos tanto nas práticas individuais de desrespeito quanto em toda uma política de Estado, evidenciada em diversas ações e omissões das autoridades, tais como: a maneira como a questão indígena está sendo tratada pelo Governo Federal, com a demarcação de terras paralisada, a defesa de liberação de terras indígenas para exploração econômica, como mineração ou agronegócios (Fellet, 2020).

A negação de um racismo pode também estar contida em uma manifestação preconceituosa emitida, de qualquer forma externalizada, mas também não aceita. Esse racismo exposto e evidenciado será tratado a seguir.

2.3 A exaltação dos discursos preconceituosos na atualidade

A Psicanálise, como um saber sobre o inconsciente contextualizado, uma teoria, está inserida em um determinado momento histórico e social. Assim, estou analisando as contradições de certos contextos e refletindo sobre como elas interferem na vida e no

psiquismo das pessoas. Pensemos em nossa temporalidade e em como a Psicanálise pode contribuir para a compreensão de nossa realidade.

As vivências de Freud foram importantes na formulação de sua teoria em seu tempo, inclusive as experiências de preconceito e violência por ele vividas. Judeu, Freud e sua família sofreram com o antissemitismo que assolava sua época, e em seu trabalho há algumas descrições de momentos difíceis pelos quais passou e que repercutiram em sua obra.

A contribuição de Freud dizia respeito à intolerância antissemita na Europa, à perseguição e às mazelas sofridas não só por judeus, mas também por ciganos, homossexuais, deficientes mentais e físicos, insanos, idosos senis e comunistas, na bimilenar perseguição que alcançou seu ápice nas primeiras décadas do século XX com o avanço e consolidação da ideologia assassina nazista (Kon et al., 2017, p. 23).

A Psicanálise pode contribuir para a compreensão das desigualdades sociais e raciais que estão presentes em nosso país de maneira contínua em nossa história, bem como das constantes manifestações de preconceito às quais estamos expostos. Uma democracia social ou racial nunca foi uma realidade brasileira. Ocorre que hoje, especialmente depois do golpe de 2016, estandarte na nossa fragilidade democrática, estamos cada vez mais divididos. Esclareço que me refiro a “golpe” conforme o posicionamento também de alguns estudiosos, como Jessé de Freire de Souza (Milena, 2016).

Manifestações de intolerância acontecem diariamente. Atualmente, é possível assistir a uma cena de preconceito na rede ou presenciar uma injúria, sem que haja qualquer constrangimento por parte dos autores. Como sabemos, o racismo é estrutural e formador de nossa nação, não se apresentando como uma “novidade”, mas é inegável também que, desde a última eleição presidencial, ocorrida em 2018, com a consequente escolha do atual presidente, houve uma “autorização ruidosa” para sermos racistas, utilizando as palavras de Djamila Ribeiro (Roda Viva, 2020a).

As autoridades políticas aparentemente sentiram-se “autorizadas” a expor o preconceito, como o que aconteceu em 2019, na véspera do dia da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro. Acontecia uma exposição na Câmara dos Deputados em Brasília, com obras de arte em celebração da data. Entre as obras, havia uma charge que denunciava o assassinato de jovens negros pela polícia. Um deputado não gostou da charge e

resolveu destruí-la. Outro deputado gravou um vídeo momentos antes da destruição, repudiando a manifestação artística, defendendo a atuação policial e negando a prática violenta no Brasil (O Dia, 2019; João Filho, 2019).

Cenas como essa, mesmo que de grande desrespeito, não são uma atitude isolada; acontecem diariamente, não só em órgãos públicos, e são praticadas por autoridades. Infelizmente, tais atos praticados por agentes do governo, de certa maneira, autorizam que pessoas comuns os reproduzam, o que os torna cada vez mais comuns. Frequentemente, assim como esse deputado, muitas pessoas, quando em atitudes de preconceito ou desrespeito, deixam-se filmar para, posteriormente, exporem tais manifestações de agressão na internet, para o mundo inteiro assistir (Redação Veja São Paulo, 2019).

Abrem-se, então, alguns questionamentos. Como é possível, em pleno ano de 2019/2020, alguém sem qualquer constrangimento se afirmar racista ou detentor de alguma forma de preconceito? A afirmação preconceituosa não é considerada? O ato de afirmar-se preconceituoso seria uma autorização de sê-lo ou seria um pressuposto ou garantia de que não se é efetivamente? A exposição de um ato preconceituoso tem o efeito de afirmar-se ou negar-se como detentor de tal preconceito?

2.4 O mostra-esconde de nosso racismo

Para entender melhor do que estou tratando, coloquei na plataforma Google os seguintes indicativos de busca: “frases preconceituosas de Bolsonaro”. Encontrei centenas de frases absurdas, em sua maioria, de conteúdo preconceituoso.

De conteúdo racista:

“Eu fui num quilombo em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gastado com eles”. (Em palestra no Clube Hebraica, abril de 2017) (Cipriani, 2018, para. 3).

De conteúdo homofóbico:

“O filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo? Já ouvi de alguns aqui, olha, ainda bem que levei umas

palmas, meu pai me ensinou a ser homem”. (Em programa da TV Câmara em novembro de 2010) (Cipriani, 2018, para. 5).

De conteúdo machista:

“Fui com os meus três filhos, o outro foi também, foram quatro. Eu tenho o quinto também, o quinto, eu dei uma fraquejada. Foram quatro homens. A quinta, eu dei uma fraquejada, e veio mulher” (Palestra no Clube Hebraica, abril de 2017) (Cipriani, 2018, para. 6).

Dentre as inúmeras frases encontradas, destaco esses três exemplos por conterem manifestações de diferentes formas de preconceito, tais como racismo, machismo e homofobia, portanto, um devir negro, ditos de maneira clara e aberta, sem aparente constrangimento. Apesar dessas falas (ou será justamente por elas, pela identificação com um ideal, o que abordarei em seguida), no final do ano de 2018, seu autor foi eleito presidente do Brasil com 57,7 milhões de votos, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Buscando entender essa realidade em que o preconceito ecoa, faz laço e repercute na sociedade (até mesmo nas urnas), levei em consideração falas e manifestações preconceituosas ou agressivas dirigidas a alguém. Existe um elemento importante que compõe meu percurso, que se trata da linguagem, da tentativa de comunicação entre as pessoas e de como a pretensão de entender e de se fazer entendido é estabelecida.

Freud, na descoberta do inconsciente e criação da Psicanálise, utilizou-se de casos clínicos, analisados por ele a partir das estruturas de linguagem, como na interpretação de sonhos, atos falhos, chistes ou associação livre. A formulação do inconsciente como linguagem já estava em Freud, mesmo que ele nunca tivesse utilizado essa expressão específica.

Quando nos deparamos com um discurso, uma fala, oral ou escrita, a primeira tendência é a tentativa de interpretação do seu conteúdo, buscando o entendimento do que o autor quer expressar, o sentido que se pode extrair das palavras, a intenção do autor. Com a Psicanálise, desde Freud, apreende-se que essa comunicação, por si só, é falha, conforme Dunker, Paulon e Milán-Ramos explicam:

Esse modelo é o mais intuitivo, mas também o mais frágil quando é abordado do ponto de vista da Psicanálise, pois ele supõe autonomia do sujeito em relação à linguagem, como se o eu fosse exatamente esse senhor e soberano de sua própria morada, como Freud criticou fortemente ao introduzir a noção de inconsciente. A ênfase no emissor e o entendimento da interpretação como reconstrução da intencionalidade: em deslize (ato falho), um tropeço de linguagem, um lapso, um chiste – ou seja, em todos os fenômenos que um hermeneuta talvez considerasse periféricos diante das verdadeiras intenções do autor (Dunker et al., 2016, p. 50).

Lacan, no texto “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957/1998c), na defesa de sua tese de que o inconsciente é estruturado como linguagem, subverte o signo linguístico, proposto por Ferdinand Saussure em seu *Curso de linguística geral*, em que o signo é produto da articulação arbitrária de duas instâncias: o significado e o significante. Quando Lacan subverte o signo, o significante passa a ter primazia sobre o significado. No mesmo texto, Lacan acrescenta que, “para além dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”. (Lacan, 1957/1998c, p. 498).

Lacan não só subverte o signo linguístico, como o faz com toda a estrutura da comunicação, conforme veremos agora, o que será útil para o entendimento das manifestações preconceituosas. Escolhi o seminário de 1956 que abre o livro *Escritos*, de Lacan (1966/1998d). Nesse importante seminário, Lacan utiliza um conto de Edgar Allan Poe, “A carta roubada”, de 1844, e a partir dele formula uma série de preceitos importantes.

Lacan extrai, para o seminário, entre outros elementos, duas cenas do conto. Na primeira cena, uma rainha, que se encontrava sozinha, recebe uma carta misteriosa e comprometedora, cujo conteúdo não conhecemos. Quando o rei chega ao local onde a rainha estava, logo em seguida, o ministro D também adentra o recinto. Nesse momento, a rainha coloca a carta em cima da mesa para não atrair a atenção do rei, mas atrai a atenção do ministro, que percebe tudo. O ministro pega a carta que estava sobre a mesa e deixa outra em seu lugar, sem que a rainha pudesse dizer nada, em razão da presença do rei.

Na segunda cena, temos a visita de um detetive, chamado Dupin, à casa do ministro, após 18 meses de investigações e buscas feitas sem sucesso pela polícia no local. O detetive, já em sua primeira visita, reconhece a carta, pois ela estava, em outro momento, nos aposentos

reais, bem à vista, em cima da mesa. Uma carta, quando deixada às claras, não pode ser notada? Assim como o rei não percebeu a carta, também a polícia inglesa não a encontrou, mesmo depois de 18 meses de buscas na casa do ministro.

De que estou tratando? Tanto o rei quanto a polícia não percebem a carta que estava, justamente, em cima da mesa. Situação análoga ocorre com discursos preconceituosos, criminosos, que, apesar de ditos de forma clara, não são considerados. De certa forma, a exaltação de uma fala preconceituosa é um modo de colocá-la às claras, sobre a mesa, mas também é uma maneira de mantê-la escondida, na medida em que não se leva em consideração o que foi dito, favorecendo-se a repetição – não sendo consideradas, as falas insistem e voltam a repetir-se. Um segredo, como na carta ou no discurso preconceituoso, insiste, insiste e insiste em não ser compreendido ou revelado.

Outro ponto importante abordado por Lacan (1966/1998d) nesse seminário é o esquema “L” ou esquema “Z”. Lacan discute a estrutura da comunicação a partir da tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, ou seja, a estrutura do inconsciente segue as leis da linguagem, “o inconsciente é que o homem seja habitado pelo significante” (Lacan, 1966/1998d, p. 39). Ele se utiliza do signo linguístico de Saussure, para quem o signo é composto por significado e significante, subvertendo-o e dando primazia ao significante, isto é, para a Psicanálise, o mais importante é o significante, e não o significado das palavras. Lacan (1966/1998d) também subverte o paradigma da comunicação. Assim, quando alguém diz algo, quando emite uma mensagem, esse alguém não tem a propriedade daquele conteúdo, não é o “dono” do que vai transmitir. Essa comunicação é regida também pelo inconsciente e, por conseguinte, está sujeita às suas leis, como nos atos falhos e esquecimentos, dentre outros. Dessa maneira, tem-se a intenção de dizer algo, mas não se sabe o que vai ser dito.

Ao mesmo tempo, a pessoa a quem a mensagem foi dirigida, ao recebê-la, tem menos propriedade ainda sobre sua forma. Quem emite a mensagem é o “eu” ou ego, no sentido daquele que acha que sabe o que diz, mas também é o sujeito do inconsciente, regido por suas leis, sobre as quais não há comando do “eu”. Assim como o receptor é aquele Outro que recebe o que foi dito, também é o campo da linguagem e o lugar simbólico em que se constitui, ou seja, o Grande Outro da linguagem ou tesouros dos significantes.

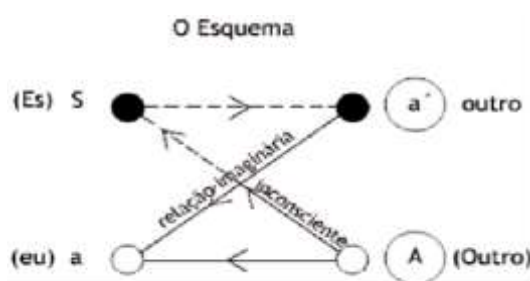
Há mais um elemento tratado por Lacan (1966/1998d) que é importante para a não compreensão do que é mostrado às claras. Ainda no conto de Poe utilizado no seminário, o autor narra a habilidade excepcional de uma criança em ganhar o jogo de “par ou ímpar”. O

menino é vencedor desse jogo em uma proporção muito maior do que a dos 50% matematicamente esperada, e o autor do conto relaciona essa habilidade com a sagacidade do detetive em localizar a carta roubada da rainha, encontrada em cima da mesa do ministro

Como isso seria possível? O que fez com que a criança ganhasse mais vezes no jogo de “par ou ímpar”? Como o detetive achou a carta? Tais compreensões ocorreram por ter acontecido uma identificação entre a criança e seu adversário, da mesma forma que aconteceu entre o detetive e o ministro. Essa identificação é imaginária, criticada e demonstrada por Lacan em seu esquema L.

Figura 3

Esquema L



Nota. Retirado de Seminário sobre ‘A carta roubada’, de J. Lacan. “*Escritos*”, 1966/1998d, p. 58.

O que este esquema demonstra é que a estrutura da fala se dá quando o “S”, designado como sujeito do inconsciente, dirige uma mensagem ao “a’” ou a outro, supondo que este outro vai entendê-la da maneira que o “eu” entende a mensagem, havendo uma identificação imaginária entre o “S” e o “outro”. Segundo Lacan, em seu Seminário 2:

Quando o sujeito fala com seus semelhantes, fala na linguagem comum, que considera os *eus* imaginários como coisas não unicamente *ex-sistentes*, porém reais. Por não poder saber o que se acha no campo em que o diálogo concreto se dá, ele lida com um certo número de personagens, *a’a’*. Na medida em que o sujeito se põe em relação com sua própria imagem, aqueles com quem fala são também aqueles com quem se identifica (Lacan, 1955/2010b, p. 331).

Lacan evidencia que o sujeito é dividido pela linguagem. Esse mesmo “S” que emite a mensagem também não tem o domínio total do que é dito. Nesse sentido, o inconsciente manifesta-se. Citando Dunker, Paulon e Milán-Ramos:

Lacan afirmava que o sujeito é dividido justamente porque a relação entre o enunciado e a enunciação jamais se unifica perfeitamente. Por exemplo, quando faço o enunciado “agora eu estou mentindo”, no plano da enunciação, estou dizendo a verdade. Para Lacan, o sujeito é efeito do discurso, não o seu autor e agente, porque esse lugar da enunciação, segundo a hipótese do inconsciente, é particularmente insabido para o próprio falante (Dunker et al., 2016, p. 127).

A tentativa de comunicação ou dito de outro modo a pretensa comunicação entre duas pessoas ocorre em razão de o emissor da mensagem acreditar que será entendido, na medida em que ele, imaginariamente, se identifica com o receptor a quem a mensagem é dirigida. Pensemos agora no contrário: o que ocorre quando o receptor a quem a fala foi direcionada se acha previamente identificado com o emissor da mensagem? Essa identificação prévia facilitaria ou dificultaria a comunicação?

Acredito que a identificação prévia com o emissor da mensagem impossibilitaria ainda mais a comunicação e, portanto, o suposto entendimento do que foi dito e a possibilidade de que as pessoas percebam a gravidade do que foi falado. Admitir que a pessoa com quem há uma identificação tenha práticas racistas, preconceituosas, seria como admitir o racismo também em si mesmo, o que seria insuportável. Nos exemplos anteriormente citados, as frases de conteúdo preconceituoso foram ditas por um então candidato à presidência do país, em uma campanha especialmente polarizada, na qual o candidato contava com apoio de um grande número de pessoas, tanto que foi eleito e hoje é o atual presidente do Brasil. Havia, portanto, muitas pessoas identificadas com suas ideias ou propostas.

Escolhi uma das falas que citei acima, retirada da internet, com conteúdo homofóbico e de incentivo à violência: “O filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo? Já ouvi de alguns aqui, olha, ainda bem que levei umas palmadas, meu pai me ensinou a ser homem” (Cipriani, 2018, para. 5). As frases foram ditas sem nenhuma consequência para o então candidato; ele não teve que se explicar nem se justificar, ou seja, é como se nada tivesse acontecido.

Por que isso ocorreu? Minha hipótese é a de que a identificação possa contribuir para essa não percepção dos discursos preconceituosos. Com a identificação imaginária, há um fenômeno interessante, no qual o sujeito “troca de lugar” ou se “coloca como” aquele com

quem se deu a identificação. Admitir que um conteúdo agressivo foi dito por alguém com quem há uma identificação seria o mesmo que admitir essa agressividade em si próprio: a pessoa que ouve ou lê a frase. Dito de outra forma, é como se o sujeito pensasse: “identifico-me com essa pessoa que é racista e talvez eu também tenha esse sentimento”. A defesa de uma pessoa que cometeu uma fala discriminatória é, no fundo, a defesa contra os sentimentos agressivos de quem defende o agressor. Nesse sentido, citando Lélia Gonzalez:

E, se levarmos em conta a teoria lacaniana, que considera a linguagem como fator de humanização, ou de entrada na ordem da cultura do pequeno animal humano, constatamos que é por essa razão que a cultura brasileira é eminentemente negra. E isso apesar do racismo e de suas práticas contra a população negra enquanto setor concretamente presente na formação social brasileira (Lélia Gonzalez, 2020, p. 55).

Lélia Gonzalez denomina de “resistência passiva” da mulher negra, ao cuidar das crianças negras, seus filhos, e das brancas, como cuidadoras de meninos e meninas, não só na época da escravidão, como também no momento da entrada da mulher branca de classe média no mercado de trabalho e até os dias de hoje, com o importante papel de fazer com que a cultura negra permanecesse e se disseminasse em nosso país. Ela utiliza um conceito lacaniano de “sujeito suposto saber” para se referir a essas mulheres. O “sujeito suposto saber” é um conceito lacaniano ligado à transferência, a qual pode ocorrer dentro ou fora do *setting* analítico. Na lição XVIII do Seminário 11, Lacan considera que “a transferência é um fenômeno essencial, ligado ao desejo” (1964/2008a, p. 225) e acrescenta: “desde que exista em algum lugar o Sujeito Suposto Saber, existe a transferência” (1964/2008a, p. 226). A mãe é para a criança como sujeito suposto saber, já que os filhos, muitas vezes, lhe atribuem um saber. No caso em tela, mesmo quando não são mães, as mulheres negras ligadas a crianças com laços de afeto são também como uma espécie de “mãe”, às vezes exercendo, inclusive, a função da amamentação; daí esperar-se que tal vínculo se forme.

Mais um paradoxo se confirma. Nossa sociedade foi constituída com base cultural negra, africana, simultaneamente tendo como formadora do laço social a identificação com o branco, com o europeu, e a consequente hostilidade ao negro. Nosso processo civilizatório tem como marca, como sintoma, de um lado, nossa africanidade cultural e, de outro a existência de vidas matáveis, vidas que são assim consideradas em razão de serem tomadas

como inimigos perigosos a serem combatidos (Mbembe, 1999/2006). Nesse contexto, segundo o INFOPEN, Sistema de Informações e Estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro, o Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo: aproximadamente 700 mil presos, dentre os quais, 67% são negros, ressaltando-se que 53% da população brasileira é negra, o que evidencia uma desigualdade racial das pessoas encarceradas (Almeida & Mariani, 2018).

Conforme o pensamento da filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler, essa lógica formadora da sociedade, com suas marcas, reafirma a existência de vivos que não são considerados vidas. Vivos que são constantemente exterminados, de diversas formas, por morte ou por encarceramento. Trago Judith Butler para relatar a série de agressões verbais e físicas que sofreu por parte de uma mulher que discordava de suas ideias, em 2017, no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Essa intolerância e o desrespeito atingem quem, de alguma maneira, não faz parte do ideal, bem como aquele que denuncia essa prática de preconceito (Nina, 2017).

Se, a partir do séc. XVI, com o colonialismo e a escravização, criamos o conceito de negro, atualmente, com o neoliberalismo, tudo que antes era exclusivo do negro passa a ser destinado às “comunidades subalternas”. Trata-se do que Mbembe (1999/2006) denomina de devir-negro do mundo, conforme escrito anteriormente, em que existe um racismo sem raça e as discriminações, segregações e preconceitos se manifestam de diversas formas e atingem várias pessoas que não fazem parte do ideal.

Nas formações identitárias, os ideais de hoje são criados e fortalecidos pelas enormes diferenças sociais, de gênero e de orientação sexual, especialmente em nosso país. A seguir, abordo esse processo de identificação racista que deu origem aos ideais de hoje e fez difundir práticas preconceituosas com características próprias. O preconceito que praticamos no Brasil, o “racismo à brasileira”, faz parte da “neurose cultural brasileira”. A seguir, penso sobre essa forma peculiar de preconceito, já enraizada na nossa cultura, com a intenção de entender como práticas violentas enlaçam a sociedade atual.

2.5 Racismo à brasileira ou neurose cultural brasileira

Tais condições nos remetem ao mito da democracia racial enquanto modelo de representação/discurso que encobre a trágica realidade vivida pelo negro no Brasil. Na medida que somos todos iguais “perante a lei” e que o negro é “um cidadão igual aos

outros”, graças à lei Áurea nosso país é o grande complexo de harmonia inter-racial a ser seguido por aqueles em que a discriminação racial é declarada. Com isso o grupo racial dominante justifica sua indiferença e ignorância em relação ao grupo negro. Se o negro não ascendeu socialmente e não participa com maior efetividade nos processos políticos, sociais, econômicos e culturais, o único culpado é ele próprio. Dadas as suas características de “preguiça”, “irresponsabilidade”, “alcoolismo”, “infantilidade” etc. eles só podem desempenhar, naturalmente, os papéis sociais mais inferiores (Gonzalez, 2020, p. 38).

No Brasil, o devir negro sustenta diferentes formas preconceituosas, entre as quais, temos o mito da democracia racial, que também faz parte da negação da condição racista existente no país. Aqui utilizo o “racismo à brasileira” para referir-me à maneira com que o Brasil e o brasileiro usualmente lidam com o racismo que está na base da sua cultura. Essa maneira constitui-se, pelo que estou discutindo neste capítulo, como um aparente jogo no qual, quando se mostra algo, quando se evidencia algo, ao mesmo tempo, o que é mostrado é, na verdade, escondido. Trata-se de um dos mecanismos prioritários que Munanga (2017), no livro *O Racismo e o Negro no Brasil, questões para a Psicanálise*, denomina de “racismo à brasileira”. O devir negro está presente em suas várias manifestações, em várias culturas, em diversos países, no entanto, no Brasil, frequentemente escolhemos não o ver.

É sim e não. Mas o sim não é totalmente afirmativo, pois é sempre acompanhado de “mas, porém, veja bem” etc. O não também é sempre acompanhado de justificativas escapatórias. Mesmo pego em flagrante comportamento de discriminação, o brasileiro sempre encontra um jeito para escapar, às vezes depositando a culpa na própria pessoa segregada, considerando-a complexada (Munanga, 2017, p. 37).

Haveria, então, uma tendência nacional a relativizar comportamentos ou ações racistas, assim como há uma tendência de se apregoar que o Brasil é um país livre de preconceito. Temos, ainda, as situações nas quais se admite a existência de práticas segregativas, tomando-se seu acontecimento por discriminação “apenas” social, não existindo, assim, o preconceito racial, como afirmado pelo presidente da Fundação Palmares: “não existe racismo no Brasil” (Redação Jornal de Brasília, 2019). O devir negro praticado em nosso país não é melhor ou pior do que as ações praticadas em outros lugares, só sua forma de expressão é que é distinta.

O que faz com que não percebamos a seriedade ou gravidade que o racismo tem? O processo de afirmação e negação tem a mesma estrutura. Como já foi dito, quando um conteúdo inaceitável foi recalcado, passa a ser submetido à lógica inconsciente, podendo vir à tona (retorno do recalcado), desde que pela via dos sonhos, atos falhos, sintomas ou chistes. A afirmação preconceituosa, a fala machista, homofóbica, racista, é desconsiderada em sua violência e é imediatamente negada. Essa forma de negar o preconceito é muito presente no Brasil (Munanga, 2017).

A negação compõe o que Kabelenge Munanga denomina de “crime perfeito” para designar o racismo praticado em nosso país. Nossa população mestiça, conjugada com a ilusão de vivermos em um ambiente de democracia racial, colabora com a consumação desse delito brasileiro. A ilusão de democracia racial é constantemente afirmada quando se tem a necessidade de negar o racismo existente ou quando dizemos “não há racismo no Brasil”, na tentativa de encobrir a visão negativa de uma parte da população na sociedade. O texto “As ambiguidades do racismo à brasileira”, de Munanga (2017), esclarece que muitos brasileiros têm a tendência de negar a condição racista de nosso país com a falsa constatação de que o Brasil não é um país racista. Nessa esteira, a discriminação sofrida por negros e não brancos brasileiros seria apenas devido a uma questão social, e não racial, o que torna mais difícil o combate ao preconceito, pois ele é negado.

Quando se nega o racismo, nega-se também a política de morte praticada contra as populações não brancas e a própria produção de um devir negro. Além de não se sustentar a falácia de que o racismo brasileiro não existe enquanto tal e de que ele se manifesta “apenas” por um preconceito social, com o devir-negro no mundo, a exploração produz o excluído, o estranho, o negro. Pensando com Mbembe (1999/2006) e considerando o “devir-negro” do mundo, toda a “humanidade subalterna” está cada vez mais sendo tratada como negros. Por sua vez, as desigualdades, sobretudo sociais, colaboram com esse processo. O conceito de negro engloba todos que, por qualquer motivo, não estão dentro do ideal social construído: ser negro traz em si a ideia de exploração e segregação. A negação compõe e engendra a política de morte praticada no país, isto é, com a negação da condição racista, pratica-se o direito de matar.

A negação é um componente importante não apenas no racismo, mas também na necropolítica aplicada de diversas formas no país. A partir de março de 2020, com a pandemia de Covid-19, o Brasil experimenta mais uma vez o processo de negação, com a recusa de

admitir a gravidade da pandemia de coronavírus, mesmo depois de milhares de mortes. Autoridades políticas classificaram a doença como “gripezinha”, “histeria” ou “fantasia” (Congresso em Foco, 2020). Outro fato ocorreu no dia 19 de abril, quando o Presidente Jair Bolsonaro foi questionado por um repórter sobre o número de mortos pela doença no Brasil e respondeu: “não sou coveiro” (Do UOL – SP, 2020).

Relacionando com o momento atual, pensemos nos significantes *Covid* – *Corona* – *Coveiro*. Lacan (1957-1958/1999a) evidenciou que as palavras são tomadas como significantes ligados a outros significantes – não se atrelam a um significado, mas a outro significante. No seu Seminário 5, afirma que “chegamos à noção de que, no decorrer de um discurso intencional em que o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que ultrapassa seu querer, que manifesta como um acidente, um paradoxo, ou até um escândalo” (Lacan, 1957/1999b, p. 54).

Com o inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan prioriza o significante, com sua capacidade de deslizamentos para outros significantes, constituindo cadeias; a partir delas, algo do sujeito se revela. Como no caso do significante *coveiro*, o deslizamento *covid-corona* demarca a presença do inconsciente, trazido à luz pelos signos na cadeia significante, e aponta a presença do inconsciente, revelando a verdade não manifestada do sujeito.

Utilizarei outra cena do cotidiano para exemplificar “o racismo à brasileira” a que Munanga (2017) faz referência em seu texto. Uma jovem negra revela que muitas vezes é seguida quando frequenta um *shopping* da cidade. Os seguranças do estabelecimento seguem-na e vigiam-na o tempo todo. Além disso, quando a jovem decide falar sobre o preconceito vivido para os seus familiares, eles não legitimam seu sofrimento. A família diz “isso não aconteceu” ou “isso é coisa da sua cabeça”, chegando a perguntar se ela estava “desarrumada”. Como disse Munanga em uma citação anterior, que repito aqui por considerar relevante para evidenciar nossa forma de sermos preconceituosos, “mesmo pego em flagrante comportamento de discriminação, o brasileiro sempre encontra um jeito para escapar, às vezes depositando a culpa na própria pessoa segregada, considerando-a complexada” (2017, p. 37).

Essa forma de lidar com o preconceito racial em nosso país conforme discutido pode ser estendida a outras formas segregativas, a um devir negro. Nesse sentido, não nos afirmamos como machistas, embora as mulheres sofram constantemente com o preconceito/violência. O Ministério da Saúde registra que, no Brasil, a cada quatro minutos, uma mulher é agredida por ao menos um homem e sobrevive a essa agressão. Em 2018, foram

registrados mais de 145 mil casos de violência física, sexual ou psicológica em que as vítimas sobreviveram. Segundo o IPEA, em 2017, houve 4.396 assassinatos de mulheres no país (IPEA & FBSP, 2017).

Não nos afirmamos como homofóbicos, apesar de haver grande violência e preconceito em relação aos homossexuais. Segundo dados fornecidos pelo serviço “Disque 100”, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MDH), o Brasil registrou, em 2019, 1.685 denúncias de violência contra a população LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexuais).

Mostrar-se preconceituoso seria “apenas manifestar uma opinião”? Estão todos autorizados a expor manifestações de segregação e violência de maneira livre? Trata-se de liberdade de expressão?

Outra faceta do devir negro praticado em nosso país, que analiso aqui e que também pode relacionar-se com o que denomino de mostra-esconde do nosso racismo, é do branco como ideal e seus reflexos em nossa prática racista. O Brasil, devido à colonização europeia, tem o branco europeu como ideal; por consequência, os negros ou não brancos são desvalorizados ou postos à margem.

Ao pensarmos o racismo no Brasil, a partir de um devir negro, como um sintoma coletivo, primeiramente, temos que refletir sobre a identificação do branco como um ideal e a eleição do negro como estranho ou estrangeiro, contra o qual é depositada a agressividade. Nas palavras de Maria Beatriz Costa Carvalho Vannuchi, uma das autoras do livro *O racismo e o negro no Brasil, questões para a Psicanálise* (2017):

O fato de o Brasil, como nação, ter nascido dividido entre “homens superiores e livres” e “seres inferiores cativos” inscreveu uma marca. O outro, diferente pelos seus traços, pela cor, pelos cabelos, por sua origem geográfica, carrega um estigma instalado no lugar do estrangeiro e escravizado pelos “brasileiros” descendentes dos europeus (Vannuchi, 2017, p. 63).

Na Psicanálise, entende-se o conceito de ideal de eu a partir de Freud, em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010c), onde o autor define o eu, o eu ideal e o ideal do eu. O eu é analisado a partir das pulsões de autoconservação e eróticas, oscilando no campo do eu e do objeto, na distribuição libidinal. No narcisismo primário, existe o eu ideal, instância

imaginária em que o eu do sujeito é tido como o próprio ideal, e a alteridade não é considerada. Já no ideal do eu, instância simbólica, o ideal é um outro, e não mais o próprio sujeito. A alteridade está presente, e o próprio corpo já não é o ideal, regulando-se, assim, a existência do sujeito, que passa a fazer determinadas coisas, a agir de determinada maneira para ser reconhecido.

Fanon (1952/2008) analisa os aspectos do ideal branco quando trata das relações interétnicas em suas questões individuais e sociais. Nessas relações, segundo o autor, há mais do que o desejo entre um casal, há também um ideal de embranquecimento em jogo. O ideal branco traz consigo a ideia dos relacionamentos interétnicos e também a possibilidade de embranquecimento dos descendentes, com o que se efetiva a fuga ilusória da exclusão.

O ideal de branco está em nossa cultura, havendo, no Brasil, uma ausência de identidade racial, como assinala Sueli Carneiro (2017). Com o ideal de branqueamento, tem-se a divisão tipicamente brasileira entre negros e pardos, divisão essa que forma ambiguidades. O ideal está relacionado com a maneira como agimos, “escondendo/mostrando” a condição negra, criando a dificuldade de se enfrentar o racismo com mais força. Em sua entrevista para a revista *Cult*, Sueli Carneiro (2017, para. 4) diz:

A bem da verdade, é um filme de terror. Por mais que a gente saiba e tenha lido em várias pensadoras e pensadores que a liberdade exige uma vigilância persistente, que a conquista de direitos é uma luta permanente, que retrocessos são possíveis, não estava no horizonte utópico de ninguém, a não ser como pesadelo, a possibilidade de conquistas estarem em risco e algumas já perdidas efetivamente em um espaço tão curto de tempo.

A realidade apresenta-se violenta, e mostram-se as manifestações preconceituosas. Com essa demonstração, autoriza-se uma série de atos, com ameaça aos direitos ou sua perda efetiva, o que Carneiro denomina como filme de terror. Ela prossegue:

Embora tudo isso, digamos, estivesse intelectualmente assentado em nós, depois de tanta luta, depois de vencer uma ditadura militar, de conquistar uma perspectiva de esquerda em termos de proposta de governo, sustentada por um conjunto de compromissos que eram expressão de uma luta emancipatória de uma população

historicamente silenciada ou oprimida, marginalizada socialmente; quando pela primeira vez na história desse país a gente pode perceber que haveria a possibilidade de estabelecer uma agenda inclusiva, emancipatória, reparatória na nossa construção violenta, com a escravização de povos africanos, de extermínio de populações indígenas, tudo entra em colapso em breve espaço de tempo (Carneiro, 2017, para. 7).

Há outro aspecto inerente a essa negação praticada pelo “racismo à brasileira”: com a tentativa de encobrimento do preconceito, ocorre uma forma de negação da necropolítica praticada. Como escrito anteriormente, o racismo não é assumido como uma problemática, na medida em que constitui as formas de organização social e processos “civilizatórios” pelos quais os sujeitos se enlaçam com a cultura. Munanga (2017) considera “o racismo brasileiro ‘um crime perfeito’, pois além de matar fisicamente, ele alija, pelo silêncio, a consciência tanto das vítimas quanto da sociedade como um todo, brancos e negros” (p. 40). Nas palavras de Vannuchi (2017), no livro *O racismo e o negro no Brasil – questões para a Psicanálise*: “o corpo negro pode ser vivido como uma ferida aberta ou um objeto perseguidor”, e a consumação do crime perfeito se daria quando “o negro busca se ‘branquear’, como a negação da própria existência” (p. 67). O neoliberalismo cria os seus excluídos (Mbembe, 1999/2006), pessoas que não têm acesso a determinadas coisas e a determinados lugares. Lembremo-nos do caso da jovem negra discriminada em um *shopping center*, palco onde algumas pessoas têm acesso a muitos bens e locais de consumo, outras só podem frequentá-lo para trabalho e outras simplesmente não podem visitá-lo. Outro ponto relevante é a organização da cidade, sendo o racismo parte fundante dessa organização, pois “determinados” lugares são para “determinadas” pessoas. Na cidade, os espaços são delimitados, e a circulação, de certa maneira, é controlada. Além disso, há espaços onde a morte é permitida. Conforme Renato Nogueira, filósofo brasileiro, estudioso das questões raciais.

O que está em jogo é a produção de ‘cidades’, ou ainda, zonas deliberadamente demarcadas como territórios em que o livre direito ao assassinato está consagrado. Considerando que tal análise suscita uma ‘série de perguntas empíricas e filosóficas’, vale a pena ilustrar com comentários feitos no ano de 2007 pelo então secretário de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro: ‘Um tiro em Copacabana é uma coisa. Na Favela da Coreia é outra’ (Nogueira, 2016, p. 67).

Desse modo, um tiro tem maior ou menor importância de acordo com o local onde foi disparado. O que quero demonstrar é que, em nosso país, há determinados locais onde vivem determinadas pessoas e se pratica uma violência legitimada. Dito de outro modo, uma vida atingida por uma arma de fogo tem mais ou menos relevância, dependendo do local onde a pessoa vive. O que é uma vida? Levando em conta a existência de operações de poder pelas quais a vida é constituída, mesmo com essas práticas violentas e racistas que acontecem sempre, como a morte de um jovem de 14 anos pela polícia, dentro de casa, em maio de 2020, há uma negação do racismo praticado (G1-Rio, 2020). O Brasil não considera esses crimes na gravidade que eles têm; mesmo praticados de forma clara, que aqui chamo de “exaltada”, os negamos.

No Brasil, há uma clara divisão. Usando as palavras de Butler (2015), há uma diferença entre vivo e vida; nessa lógica, existem vidas que já nascem para morrer, ou seja, são vidas precárias e não passíveis de luto – pessoas que não correspondem ao ideal, que estão à margem da sociedade por algum motivo. Nas palavras de Mbembe (2019a), “devir-negro” explicita a condição daqueles que estão sujeitos a práticas violentas, que, mesmo acontecendo de forma clara, são negadas. Podemos pensar na possibilidade de a polícia invadir a residência de uma pessoa de classe média e matar a tiros um adolescente branco de 14 anos?

As vidas são situadas – há uma localização da vida. Certas vidas são pensadas em relação à morte. Esse enquadramento perpassa a questão racial, pois, para certos grupos, a violência é permanente: os negros sempre sofreram com a violência, ficando essa violência naturalizada e invisibilizada. Assim, em nosso país, vivemos com a possibilidade de ocorrer uma comoção muito maior pela morte de um cachorro em um supermercado do que pela de um adolescente negro e pobre no mesmo tipo de estabelecimento (Top Midia News, 2018, G1-Rio & TV Globo, 2019), ou seja, mesmo que a violência racial salte aos olhos, ela não é admitida como existente.

Porém, como afirmado anteriormente, a questão segregativa e de prática de violência, apesar de perpassar a questão racial, nela não se esgota. O que quero deixar claro é que o devir negro e o preconceito se apresentam e segregam todos que estão fora, à margem da estrutura criada pelo capitalismo. Um homossexual, um transexual, uma pessoa pobre, moradores de bairros periféricos ou nordestinos que migraram para outras regiões, mulheres, todos que, de alguma forma, são excluídos.

O racismo negado, ou racismo à brasileira (Munanga, 2017), ou neurose cultural brasileira (Lélia Gonzalez), desqualifica as reivindicações de quem é excluído, na medida em que afirma que nosso país é livre de preconceitos. Desde o início deste trabalho, faz-se presente o desejo de estudar os processos de marginalização e exclusão; parti da questão do nome na constituição do sujeito, em especial, do sujeito transexual. Conforme desenvolvi as discussões e análises, percebi o interesse de estudar o preconceito em suas manifestações segregativas. Para tanto, tornou-se incontornável pesquisar sobre o racismo estrutural, principalmente no Brasil, para entender as diversas formas de preconceito praticadas no país, tais como raciais, sociais e de gênero. Compreendo, então, que o racismo é elemento fundante do sujeito e da sociedade e que o preconceito que dele se origina se manifesta de diversas formas.

Como já foi discutido, o que nos faz interrogar o preconceito como fenômeno do nosso presente é justamente o fato de que um dos mecanismos privilegiados atualmente é a sua afirmação, a sua exaltação. Negar ou camuflar o preconceito constitui-se, inclusive, como uma prática a ser combatida, não como um antipreconceito, mas como aquilo que regula a prática preconceituosa. Desse modo, tenta-se manter a possibilidade de dizer certas enunciações violentas baseando-se em argumentos sobre liberdade de expressão, pois, nessa lógica, considerar criminosas certas práticas/enunciações seria uma forma de cercear liberdades. Há, então, um jogo em que a necessidade de negar que uma prática/enunciação é preconceituosa faz parte de um processo que asseguraria as liberdades.

O preconceito, assim, assume outra forma de expressão, que acentua a sua afirmação, deslocando-se do problema de ser preconceituoso para o problema de ser criminalizado por tal razão. Isso permite que o campo de visibilidade seja em relação à criminalização do ato/sujeito preconceituoso, e não propriamente do efeito do preconceito no nosso cotidiano, em termos de extermínio e desqualificação de vidas. O racismo, em sua estrutura, aliado à sua negação, ou a sua negação se efetivando na sua prática ostensiva, é um modo de enlace da sociedade atual.

A sociedade institui-se com a união dos sujeitos por uma espécie de laço, algo que faz com que as pessoas permaneçam ligadas entre si, o que Lacan denominou de laço social. No próximo capítulo, trato especificamente do laço social e trabalho com as condições de possibilidade de o antigo preconceito existente, sustentado em uma lógica racista, ter tomado corpo e ganhado voz, fazendo laço, na atualidade, com um número grande de pessoas, como

visto até aqui. Além do entendimento do laço social como questão/conceito de pesquisa desta tese, trabalho na esteira da proposta de análise: compreender narrativas do nosso cotidiano sobre a relação da negação e da exaltação do preconceito nos discursos racistas como formadores do laço social. Para isso, o discurso de mestre e do capitalista entram como conceitos que auxiliam a pensar o problema de pesquisa – como o preconceito faz laço social.

3. DISCURSO RACISTA FORMADOR DE LAÇO SOCIAL

Nenhuma criança nasce racista, homofóbica ou classista, mas pouco a pouco repete as posições ideológicas de seus pais e influenciadores mais próximos e segue repetindo inconscientemente os discursos que povoam seu inconsciente. Até que ponto não podemos então pensar como objeto de pesquisa e reflexão sobre o Inconsciente racista, o Inconsciente machista, o Inconsciente homofóbico como discurso do Outro?
(Quinet, 2021, p. 16).

As diversas formas de preconceito, como vimos, estão cada vez mais presentes em nossa realidade. Conforme discutido nos capítulos anteriores, violências ocorrem cotidianamente, tanto na internet quanto na Câmara dos Deputados ou em campanhas eleitorais, de forma que podemos considerar o racismo como um sintoma social, ou neurose cultural brasileira, estando na base da estrutura da sociedade ocidental e, portanto, do Brasil. Esse racismo como estrutura possibilita a ocorrência das diversas manifestações preconceituosas.

Pensando na realidade social em que estamos inseridos, na maneira pela qual as pessoas constituem suas relações, neste capítulo, busco entender os discursos que circulam na sociedade atual, especialmente no Brasil, e como a Psicanálise pode ajudar-nos a compreender a constituição do laço social a partir de uma estrutura racista. Trata-se de entender o preconceito, abrangendo diversas formas de manifestações de um devir negro, e não apenas a racial, como é possível perceber na análise realizada em capítulos anteriores. O racismo/colonialidade age como elemento formador das sociedades contemporâneas e, como veremos neste capítulo, está contido no que Lacan denominou de laço social.

A grande questão que me impulsionou em direção à pesquisa e à escrita desta tese foi a invasão do Brasil por diversas manifestações preconceituosas, de ordem pública ou privada, algumas das quais citadas nos capítulos anteriores e outras que ainda abordarei, muitas vezes envolvendo o cotidiano do país. Isso me fez refletir sobre a ocorrência de uma aparente “autorização” ou “legitimidade” para expressar preconceito. Essa “autorização” fomenta, alimenta, incentiva mais atos violentos, criando uma espécie de laço entre as pessoas, o que me proponho a discutir e a entender. Minha intenção aqui é, com base na negação do preconceito, compreender como o devir-negro de Mbembe estrutura nossa sociedade ao enlaçar ou ligar as pessoas e autorizar a exaltação de práticas preconceituosas no país. Assim, volto à questão de pesquisa: como o discurso preconceituoso enlaça a sociedade brasileira?

Se, por um lado, diversas formas de manifestações e práticas preconceituosas sempre existiram, sustentadas por uma estrutura eminentemente racista, e para a Psicanálise é impossível supor uma igualdade absoluta entre as pessoas – o mal-estar é inerente ao laço social –, por outro, é inegável que algo ocorreu, algo mudou. Conforme apontado em capítulo anterior, nas falas de Sueli Carneiro (2017; 2021) e Djamila Ribeiro (Roda Viva, 2020a), as manifestações violentas ganharam palco e estão sendo emitidas mais frequentemente de maneira pública, em espaços reais ou, virtuais. Dessa forma, passaram a enlaçar um grande número de indivíduos e, por conseguinte, a afetar pessoas que até aquele momento não tinham sido tocadas tão diretamente pelo preconceito.

Para deixar mais claro o que intenciono demonstrar, sugiro que voltemos à cena citada no primeiro capítulo, na qual uma senhora que eu tinha acabado de conhecer em um almoço na casa de amigos se autoproclamou racista, sem constrangimento. Peço licença para mencioná-la mais uma vez pelo efeito que a cena teve sobre mim e, consequentemente, sobre meu trabalho na construção da tese.

Esse evento foi um dos precursores de minha pesquisa, isso por ter deixado evidente que algo aconteceu para que aquela senhora pudesse dizer tal coisa. Algo incidiu sobre os discursos sociais para que fosse possível aquela fala, até então inédita para mim. Quando digo que foi inédita para mim, não estou dizendo que supunha a ausência de preconceito em nosso país; na verdade, refiro-me à possibilidade de autoproclamar-se racista. Em outras palavras, aquela senhora sentiu-se autorizada e, de certo modo, livre para dizer isso diante de pessoas que ela não conhecia. Tal fato foi possível porque, em alguma medida, o discurso atual colaborou com sua realização ou a possibilitou.

O ser humano é eminentemente social, e as pessoas estabelecem relações entre si que são sustentadas pelo discurso em determinada época, em determinada cultura, formando o laço social. Como o mundo é constituído pela linguagem, as relações se estabelecem a partir dela. Pensando nisso, pode-se perceber que as relações são orientadas pelos discursos pelos quais o laço social se estabelece, relacionando o social e o individual. Citando Quinet:

A civilização, nos indica Freud, exige do sujeito a renúncia pulsional, sem a qual ele não poderia estar em sociedade com o outro. Para Lacan, trata-se de uma “canalização” ou, em outros termos, de um enquadramento do gozo, de um esquadramento do campo do gozo pelos laços sociais que o compõem. Os laços

sociais são compostos pelo gozo que a linguagem limita e enquadra, sendo esta responsável pelo estabelecimento do vínculo e por sua manutenção, impedindo, dessa forma, sua ruptura. Devido a essa característica languageira – que não passa necessariamente pelas palavras faladas –, Lacan denomina os laços sociais de discursos. Pois, de fato, eles se sustentam e equivalem aos discursos – narrativas, descrições, coordenadas, regras, normas – que se tecem sobre eles (Quinet, 2012, pp. 35-36).

A sociedade constitui-se a partir de uma espécie de laço, ligação que se dá, a princípio, pelo que Freud denominou de Eros, ou libido, mas ele logo percebeu que havia algo além disso que também faz laço entre os membros de uma sociedade (Soler, 2016). A Psicanálise ensina que há “luta entre Eros e instinto de morte. Ela caracterizaria o processo cultural que se desenrola na humanidade, mas se refere também ao desenvolvimento do indivíduo” (Freud, 1930/2010d, p.113).

Se, como já vimos, todo ato humano é revestido de racismo (Lacan, 1973/2003b), entendemos que o racismo se torna um dos modos de enlace do sujeito com a cultura, ou seja, ele permite que o sujeito se constitua por um coletivo – por uma horda – e que ao mesmo tempo constitua esse próprio coletivo; é o produto e produtor de diferentes formas de preconceito. Entretanto, é importante assinalar que o fato de todo ato humano ser revestido de racismo não significa entender o racismo como algo incontornável; ao contrário, minha intenção é questioná-lo para que encontrar uma saída possível. O racismo, como veremos neste capítulo, é produto do discurso e advém quando não há uma renúncia ao gozo, renúncia esta que é inerente à vida em sociedade.

Entender o racismo como constituinte do laço social e formador das sociedades, considerando os jogos de negação/exaltação e o devir-negro, é pensar na dimensão do preconceito como uma prática que nos constitui enquanto sociedade. Para que possamos compreender o que nos une enquanto civilização, de início, procurarei compreender como a Psicanálise entende o laço social. Há laços que unem as pessoas assim como esse discurso atual eminentemente preconceituoso faz laço? Para Soler (2016), o laço social não se trata apenas da divisão de um mesmo espaço físico, de uma mesma sociedade, pelas pessoas. Há, segundo a autora, um inominável, um real que funda o laço social: “não existe civilização que

não seja um tipo de laço” (Soler, 2016, p. 17). Passo, então, a discutir esse laço com a Psicanálise.

3.1 Laço social em Freud

O homem e sua maneira de formar laços sociais sempre foram objetos de reflexão da Psicanálise. Freud questionava aquilo sobre o que uma civilização se estrutura. Em seus textos, como *Psicologia das Massas e análise do eu* (1921/2011a), *Moisés e monoteísmo: três ensaios* (1939/2018), *Totem e Tabu* (1912-1913/2012a) e *Mal-Estar na Civilização* (1930/2010d), nos quais percebemos que existe algo além de corpos que vivem juntos, alguma coisa liga os sujeitos.

Em *Totem e tabu*, Freud (1912-1913/2012a) começa discorrendo sobre os pontos de concordância existentes entre as sociedades primitivas, estudados pela antropologia, como o funcionamento do sujeito desvelado pela Psicanálise. O autor acrescenta que o desejo e o horror em relação ao incesto refletem, no fundo, o mesmo desejo e estão presentes em todos os sujeitos, em todas as sociedades, da antiguidade à modernidade. Quando relaciona as observações sobre as sociedades primitivas, Freud (1912-1913/2012a) realça a existência de um sistema totêmico que tem a função de estruturar as relações entre os membros de tais sociedades.

Subdivididas em grupos menores, as sociedades são organizadas mediante seu totem. O totem é julgado como sagrado e determina como esse subgrupo deve organizar-se, incluindo a proibição de relações sexuais entre os membros do mesmo totem, por serem consanguíneos, como ocorre até hoje nas sociedades modernas. Nesse contexto, surge o estudo do tabu. Freud (1912-1913/2012a) atribui importância ao tabu por perceber uma íntima relação entre os tabus primitivos e a organização de nossas sociedades.

O tabu, como uma proibição de origem incerta, traz consigo a ideia de proteção contra um perigo ou ameaça, e sua violação era punida. O castigo pela quebra do tabu coloca o objeto do desejo como algo fora de alcance possível. Revelando a expressão do temor ao desejo, Freud (1912-1913/2012a) sustenta que esse paradoxo persiste em todos os sujeitos. O artigo narra a história de uma comunidade denominada de “comunidade primeva”, que se formava por um pai extremamente tirano, juntamente com seus filhos. Os últimos não tinham qualquer liberdade, e, diferentemente das demais comunidades, além de os filhos não terem

nenhuma liberdade, o pai tirano tinha direito ao acesso absoluto a todas as mulheres. Freud (1912-1913/2012a) explica que a tirania do pai causou revolta nos filhos, que se organizaram para aniquilá-lo. Com a morte do pai tirânico, os filhos devoraram-no em um banquete. Posteriormente, culpados pela morte do pai, os filhos ergueram um totem em homenagem à figura paterna. Perceberam também que, por meio da força, é possível fazer coisas horríveis, que todos podem ser tiranos e que ninguém pode ser o detentor de um prazer absoluto, sem regras. Assim, surge a necessidade da lei para organizar as sociedades.

Com esse mito, o autor articula a passagem do pai tirano ao pai simbólico, que dita os códigos morais e sociais. O mito de *Totem e tabu* é usado por Freud (1912-1913/2012a) para designar esse mal-estar, como ele nomeia, ou real, como designa Lacan (1972/2003c), a fim de evidenciar a perda original e fundadora de toda sociedade. Portanto, para se viver em sociedade, é preciso abrir mão de um prazer absoluto de viver sem regras.

Foi em *Totem e tabu* que Freud (1912-1913/2012a) desenvolveu sua tese sobre a união dos homens, mito este que funda a civilização, a sociedade. Sem utilizar esse termo, estudou um mito formador do laço social que consiste na existência da horda primeva de um pai gozador, tirânico, detentor do prazer absoluto, o único que tem direito a todas as mulheres e que, com violência, interdita aos demais o acesso a esse gozo. O assassinato do pai primevo, tendo como consequência o totemismo, evidencia um corte que marca o surgimento do laço social. Conforme Soler:

Com efeito, o mito é precisamente uma narração fabulatória, mas cuja função é designar um real, um impossível de se formular. Qual real, neste caso? Aquele de uma perda original como condição primária e fundadora de todos os laços de qualquer sociedade. No mito freudiano, trata-se da perda do objeto de gozo absoluto que designa o ‘todas as mulheres’ do Pai primitivo, ao qual cada membro da horda supostamente aspirava e que se torna proibido depois da morte do pai. Proibido não mais pela força do Pai das origens, mas doravante, proibido pela lei contratual à qual se submetem os irmãos. Vê-se que essa lei segundo a morte metaforiza, faz passar ao simbólico o obstáculo real que era o suposto Pai primitivo da história na concepção de Freud (Soler, 2016, p. 18).

Como mitificado por Freud, Lacan (1972/2003c) considera que *Totem e tabu* evidencia que é necessário haver uma perda original para fundar-se o laço social. Nesse sentido, a perda ou a falta de gozo é o que torna possível a vida em sociedade. A perda, no entanto, é ressentida pelo sujeito e acaba por fazê-lo eleger um culpado, um responsável por aquela falta; por consequência, o sujeito dirige a este a agressividade, promovendo, em última instância, o preconceito. A união dos iguais pressupõe a exclusão dos “diferentes” (que talvez nem sejam tão diferentes assim, como abordarei a seguir).

Pensemos em termos de Brasil. O que efetivamente ocorre é a união dos ditos “cidadãos de bem”, expressão que denomina a porção mais conservadora de nossa sociedade, com a separação daqueles que não se enquadram nesse ideal. Voltando à cena do almoço festivo em que uma senhora se disse racista, é de se pensar que talvez ela tenha suposto que minha família e eu estivéssemos enlaçadas por esse discurso preconceituoso e também identificadas com esse ideal; ou, por um significante qualquer da branquitude, ela pode ter nos considerado “iguais” e se sentiu à vontade para manifestar seu preconceito claramente, demonstrando grande hostilidade e dificuldade de lidar com a alteridade, com o outro em sua diferença. Conforme Kon et al. (2017):

Conceituações que nos permitiram elaborar algo sobre a dificuldade de se lidar com o outro em sua diferença, pensar algo sobre o ódio e a violência praticados sobre aquele a quem tornamos – em função do nosso discurso ideológico, antidemocrático, antirrepublicano e discriminatório, sustentado para a criação de uma realidade estabelecida para a manutenção da disparidade, da dominação e do privilégio – estrangeiro, indesejável e, assim, negativamente desigual, ao adotarmos como padrão de verdade e beleza o Eu ideal narcísico (em nosso caso do branco colonizador), o que Freud denominou “ego prazer purificado” convertendo em aversivo e abjeto – e não em alteridade fertilizadora – aquilo que passa a ser configurado como não-Eu, um não-Eu, apenas para ser explorado por nós (p. 20).

Percebe-se, portanto, que se pode pensar que a hostilidade entre indivíduos ou grupos acontece em virtude dos contrastes entre eles; que a agressividade pode advir da existência de “diferenças” de qualquer ordem, tais como, econômicas, culturais, sociais, etc.; e que tais diferenças favorecem os conflitos. Ocorre que, além da agressividade existente nas relações

entre grupos ou indivíduos com grandes divergências, muitas vezes, a hostilidade se dá também entre indivíduos ou grupos que apresentam muitas semelhanças entre si, guardando poucos contrastes. Neste momento, discuto como a Psicanálise pode contribuir para a compreensão dessa agressividade entre as pessoas.

3.2 Narcisismo das pequenas diferenças

Um vídeo que circulou nas redes sociais mostra uma mulher ofendendo um casal dentro de uma clínica veterinária no interior do estado de São Paulo. Entre as ofensas, com ataques homofóbicos, a mulher dizia que não achava que homofobia fosse crime e acrescentou: “Estou falando que é homem com mulher. Não homem com homem e mulher com mulher. Está ouvindo? Isso não é de Deus”. Como podemos compreender essa agressividade? Ou, dito de outra maneira, quais as condições de possibilidade que contribuem para que um evento assim aconteça? (G1 Rio Preto & Araçatuba, 2020).

Figura 4

Agressão homofóbica

Casal gay é vítima de ataque homofóbico em clínica veterinária: 'Isso não é de Deus', diz agressora

Caso foi registrado em Birigui (SP); clínica veterinária se manifestou contra a atitude da mulher nas redes sociais.

Por G1 Rio Preto e Araçatuba

28/09/2020 18h23 - Atualizado há 7 meses

Nota. Retirada de “Casal gay é vítima de ataque homofóbico em clínica veterinária: 'Isso não é de Deus', diz agressora”, de G1 Rio Preto & Araçatuba, 2020. <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2020/09/28/casal-gay-e-vitima-de-ataque-homofobico-em-clinica-veterinaria-isso-nao-e-de-deus.ghtml>)

Retomo aqui uma ideia já trabalhada na pesquisa. Apesar de sermos um país de estrutura eminentemente racista, o que faz as manifestações preconceituosas serem uma constante, algo se alterou recentemente, e o discurso preconceituoso ganhou voz, fazendo laço

entre as pessoas. Paralelamente, as pessoas que eram vítimas dessas violências, ao lado de algumas outras que não concordam com tais manifestações, também se juntaram contra esse tipo de acontecimento. Proponho que pensemos no Brasil de hoje. Busco um olhar sobre a sociedade brasileira, que se encontra separada, dividida entre os ditos “cidadãos de bem”, representantes da camada mais conservadora da sociedade, em que se enquadra a figura da mulher que ofende o casal na clínica veterinária, e aqueles que, como o casal ofendido na cena citada, não representam essa parcela da sociedade por estarem, de algum modo, fora do ideal preconizado pelos primeiros. Será que há grandes diferenças entre esses dois grupos? Podem-se perceber grandes contrastes?

Não acredito haver diferenças profundas. Somos todos brasileiros, estamos inseridos nessa cultura e, com exceção de uma minoria, precisamos trabalhar para viver. Parece ser possível encontrar mais elementos em comum do que divergentes. Como entender esses conflitos?

Freud teorizou sobre o “narcisismo das pequenas diferenças” em certos pontos de sua obra, alguns dos quais utilizarei no momento para compreender a hostilidade entre as pessoas. Ele diz que as pessoas são praticamente idênticas, com exceção de pequenas diferenças, que são a base de sentimentos de agressividade mútuos, justificando o tabu do isolamento social. Essa agressividade assume uma dimensão de exterioridade justificada – é um outro não passível de amor e, sobretudo, uma ameaça. Freud (1917/2013) abordou o tema, pela primeira vez, no texto “O tabu da virgindade”:

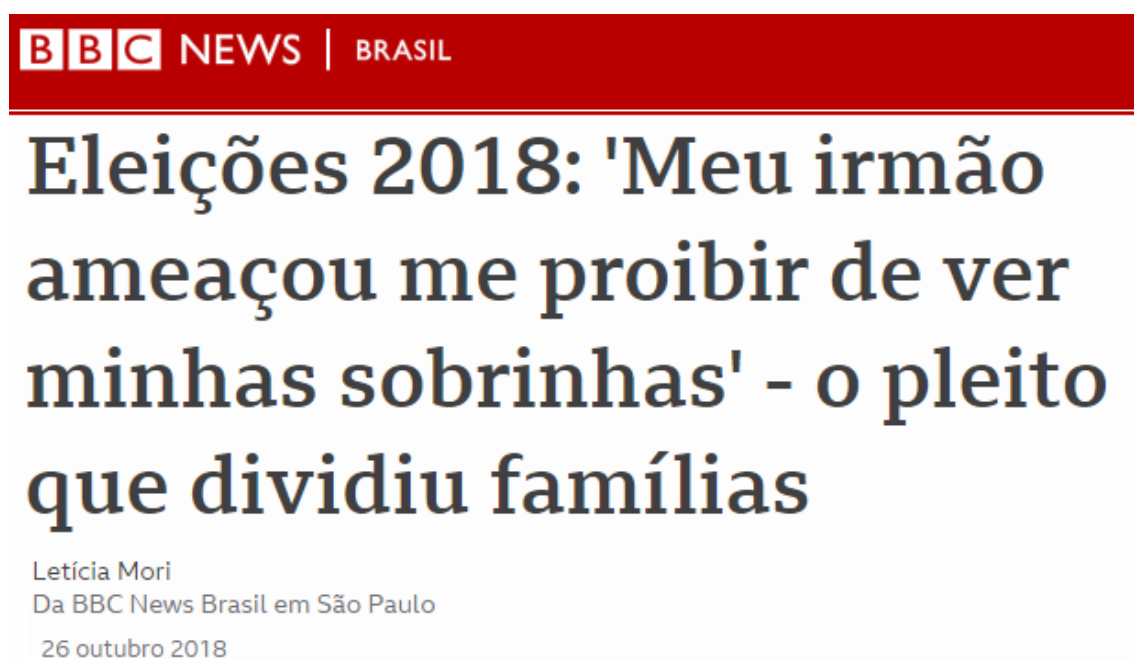
cada indivíduo separa-se dos demais mediante um “taboo of personal isolation”, e que justamente as pequenas diferenças, dentro da semelhança geral, motivam os sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles. Seria tentador perseguir essa ideia e derivar desse “narcisismo das pequenas diferenças” a hostilidade que em todas as relações humanas combate vitoriosamente os sentimentos de solidariedade e sobrepuja o mandamento de amor ao próximo (Freud, 1917/2013, p. 374).

Posteriormente, em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921/2011a) novamente faz referência ao “narcisismo das pequenas diferenças”. Inicia com a parábola dos porcos-espinhos que se aproximam para se aquecerem, mas não suportam a proximidade devido aos espinhos. Então, Freud acrescenta que, nas relações próximas que os indivíduos

estabelecem entre si, sejam elas familiares, amorosas ou fraternas, há inerentes sentimentos de agressividade que, em virtude do recalque, conceito já abordado na tese, não são facilmente percebidos. A hostilidade, assim, é mais facilmente percebida entre “sócios de uma firma, por exemplo, ou queixas de um subordinado contra seu superior” (Freud, 1921/2011a, p. 57). O autor ainda faz referência à rivalidade entre duas famílias unidas pelo casamento e entre cidadãos que vivem em cidades vizinhas. Em nossa realidade atual, podemos perceber essa hostilidade e o “narcisismo das pequenas diferenças”, apontado por Freud, na polarização política e ideológica que vem dividindo amigos ou separando pessoas da mesma família no Brasil, como se pode perceber na reportagem da BBC Brasil (Mori, 2018).

Figura 5

Famílias divididas no Brasil



Nota. Retirada de “Eleições 2018: 'Meu irmão ameaçou me proibir de ver minhas sobrinhas' - o pleito que dividiu famílias”, de. Mori, L., 2018, 26 Outubro, *BBC News Brasil São Paulo*. (<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45987863>)

Como porcos-espinhos, com nossas pequenas diferenças, não estamos conseguindo conviver muito próximos sem que a hostilidade apareça.

A hostilidade entre as pessoas, ou, em outras palavras, o mal-estar na civilização, se dá pelo mal-estar com o outro, o outro considerado como uma ameaça, um inimigo. Tomemos o texto *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/2010d), que aponta o relacionamento entre as

pessoas como causa de grande sofrimento. No texto, Freud mais uma vez faz referência ao “narcisismo das pequenas diferenças”. Citando:

Certa vez discuti o fenômeno de justamente comunidades vizinhas, e também próximas em outros aspectos, andarem às turras e zombarem uma da outra, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do norte e os do sul, os ingleses e os escoceses etc. Dei a isso o nome de “narcisismo das pequenas diferenças”, que não chega a contribuir muito para seu esclarecimento. Percebe-se nele uma cômoda e relativamente inócua satisfação da agressividade, através da qual é facilitada a coesão entre os membros da comunidade (Freud, 1930/2010d, p. 81).

Utilizando Freud (1930/2010d) em sua noção de “narcisismo das pequenas diferenças” para tratar o preconceito, a Psicanálise ensina-nos que é possível que o amor propicie a união de grande número de pessoas, desde que contra outras se possa destinar alguma agressividade, como na cena da mulher que ofende um casal na clínica veterinária. Com palavras homofóbicas, ela diz que o correto, ou “de Deus”, é homem com mulher; o que difere disso é destinado à violência. Dito de outro modo, para que se consiga união com alguns em torno de um ideal, faz-se necessário que a hostilidade seja dirigida a alguns outros, como acontece na sociedade brasileira. Consigo fazer laço com aqueles que comungam dos mesmos ideais, juntamente por existirem aqueles que não os compartilham. Isso é o que constitui as pequenas diferenças, ou diferenças sutis, entre pessoas que sob muitos outros aspectos são iguais.

Em nosso país, é corriqueira a divisão entre as pessoas segundo um sentimento em comum de hostilidade e preconceito contra as ditas minorias, como mulheres, homossexuais, transexuais, negros, índios, etc. Essa separação evidencia-se em episódios como o de um casal homossexual se ver impossibilitado de frequentar um local público como uma clínica veterinária sem ser ofendido. Uma das razões dessa intolerância é que os homossexuais são considerados como “minorias”.

Freud, em seu último ensaio, *Moisés e Monoteísmo* (1939/2018), para explicar o antissemitismo, retoma o assunto do narcisismo das pequenas diferenças. Ele argumenta que o ódio aos judeus está fundamentalmente ligado ao fato de que a maior parte dos judeus vive como minorias entre outros povos:

Outras motivações em que o ódio aos judeus é mais forte, como a circunstância de eles geralmente viverem como minorias entre os outros povos, pois o sentimento de hostilidade a uma minoria de fora, e a fraqueza numérica desses excluídos convida à sua opressão. Mas há outras duas peculiaridades dos judeus que são totalmente imperdoáveis. Primeiro, em vários aspectos, eles são diferentes dos “povos anfitriões”. Não muito diferentes, pois não são asiáticos de raça estrangeira, como afirmaram seus inimigos, e sim compostos, em sua maioria, de remanescentes dos povos mediterrâneos, sendo herdeiros da cultura mediterrânea. Mas são mesmo diferentes, muitas vezes de maneira indefinível, sobretudo dos povos nórdicos, e a intolerância das massas, curiosamente, se manifesta de modo mais intenso em relação às pequenas do que às grandes diferenças (Freud, 1939/2018, p. 128).

O fato de ser considerado uma minoria e as “pequenas diferenças” entre os indivíduos, para Freud, seriam elementos que fomentam o ódio entre as pessoas. Elementos que também, em conjunto, compõem o preconceito praticado no Brasil. As pessoas que são alvo de preconceito são tidas como minorias, como no caso dos homossexuais, mesmo que efetivamente ou numericamente não o sejam. Além disso, a hostilidade ocorre sem que se leve em conta que, entre as pessoas, há muito mais semelhanças do que diferenças que geram mal-estar. O que seria o “mal-estar na civilização” senão o mal-estar contido nos laços sociais, o mal-estar contido nas relações com os outros? As relações familiares ou fraternas, especialmente na atualidade, no Brasil, estão em volta dessa agressividade, e as pequenas diferenças se exacerbam, permeando a convivência social com hostilidade e mal-estar.

Outro elemento que compõe a agressividade baseada nas pequenas diferenças é o estabelecimento de uma relação anacrônica com o preconceito. Este é considerado como pertencente a outra história, a outro tempo. Trata-se de uma dificuldade de admitir a prática preconceituosa, como aconteceu com o presidente da Fundação Palmares ao afirmar que não existe racismo no Brasil, ou também com o Presidente Bolsonaro, em um programa de televisão, com a mesma afirmação, situações que já foram discutidas neste trabalho. Essas cenas não se referem só a duas pessoas – elas dizem respeito à nossa realidade, ao Brasil de hoje e na sociedade atual.

As “pequenas diferenças”, portanto, têm também um papel no “mal-estar” contido nos laços sociais. Para que consigamos viver em sociedade, relacionando-nos com outras pessoas,

é necessário que haja uma renúncia à satisfação pulsional total. Com o processo civilizatório, a tendência de tomar outro ser humano como objeto a ser exterminado ou desfrutado sexualmente não pode ser satisfeita. Não é possível o gozo irrestrito; com a entrada na linguagem e o processo civilizatório, há uma renúncia pulsional e, com ela, o mal-estar.

Como a renúncia ao gozo completo forma os laços sociais, segundo Lacan (1969-1970/1992), laços que são tecidos de linguagem, os discursos contidos neles são também formas de gozo com a linguagem. Nesse sentido, o preconceito também faz laço. Assim, quando um evento preconceituoso acontece, principalmente de maneira pública ou por alguma autoridade do país, ele ecoa, fazendo laço social. Discutirei agora a maneira pela qual o ato humano, sempre enfronhado no racismo, nas palavras de Lacan, se manifesta nos discursos.

3.3 Os discursos formadores do laço social

Em uma determinada sociedade, as pessoas ocupam determinados lugares, assumem determinados papéis e agem de determinada forma, ou seja, ocupam lugares sociais, criando e recriando laços sociais. Conforme propõe Lacan em seu Seminário 11 (1964/2008a), pela linguagem, estabelecem-se relações estáveis, no interior das quais se inscreve algo mais amplo do que enunciações ou discurso. Pode-se entender, daí, que o discurso é uma estrutura necessária para o laço social, a qual ultrapassa em muito a palavra, como trabalho a seguir.

Nesta tese, focalizo como o preconceito circula na sociedade, enlaçando as pessoas e propiciando que as mais diversas manifestações ou atos violentos sejam reproduzidos. Quando uma autoridade pública, como o Presidente da República, vai a um programa de televisão e afirma não haver racismo no Brasil, o que acontece no laço social a partir disso? Ou ainda, como se pode entender o laço social que permite que uma fala preconceituosa seja exaltada nas redes sociais ou na internet? Busco aqui um entendimento sobre como o preconceito que circula nos discursos formadores de laço social faz laço com uma parcela da população brasileira.

Para tanto, faz-se necessário que entendamos, primeiramente, os discursos na psicanálise. Freud (1923-1925/2011c), no prólogo de *Juventude Abandonada*, de August Aichhorn, de forma jocosa, como em uma brincadeira, elenca tarefas não passíveis de serem completamente realizáveis: “Bem no início adotei o gracejo segundo o qual as três profissões

impossíveis são educar, curar e governar” (Freud, 1923-1925/2011c, p. 347). Lacan (1969-1970/1992), utilizando Freud, introduz uma quarta dimensão do impossível, a saber, “fazer desejar”, e a partir disso desenvolveu os quatro discursos como formadores do laço social. Lacan, no Seminário 17 (1969-1970/1992), propõe os quatro discursos como laços sociais. Citando Dunker, Paulon e Milán-Ramos:

Agora, de forma invertida, será preciso pensar o laço social a partir de suas formas típicas de fracasso das relações de reconhecimento, educar, governar, fazer desejar e psicanalisar. Contudo esse fracasso é representado por uma espécie de personagem ou de indivíduo, no sentido foucaultiano, que se acredita ser agente de um discurso – quando na verdade ele é falado por esse “”” mesmo discurso. Os discursos são estruturais, por isso eles se constroem como feixes duplos de relações entre quatro lugares (Dunker et al., 2016, p. 168).

Desde o início de seu ensino, Lacan (1978/2010c) interessou-se por Hegel, especialmente por sua dialética do senhor e do escravo. Esse interesse visibiliza-se em seu Seminário 2, cujo título é “O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise” (1978/2010c). Influenciado por Alexandre Koyré, Lacan utilizou-se do pensamento hegeliano e da dialética do senhor e do escravo para o entendimento do eu. O interesse perdurou por toda a sua obra. Lacan (1978/2010c) usou a dialética do senhor e do escravo para elaborar sua teoria dos discursos, de que trato brevemente, na intenção de contribuir com esta discussão.

Na dialética do senhor e do escravo, a relação entre os seres humanos é estabelecida entre aqueles que são dominadores, ou senhores, e outros que são dominados, ou escravos. Há também uma questão de reconhecer-se e de ser reconhecido. Assim, o escravo, para o senhor, não é um outro, é apenas um escravo. O senhor é reconhecido e, ao mesmo tempo, não reconhece. O senhor, com sua dominação, faz com que o escravo trabalhe para ele; no entanto, ao mesmo tempo, depende do escravo para sua própria sobrevivência. Além disso, existe a possibilidade de o escravo deixar de sê-lo, uma vez que o senhor não lhe é imprescindível. Nisso se compõe a dialética, pois o escravo é imprescindível ao senhor; então, quem é o escravo? Em outras palavras, “se ele não é mais escravo, que mestre eu sou?”. Com isso, Lacan (1969-1970/1992) tece os discursos que fazem laço não por serem opostos, como veremos, mas por serem dialéticos.

A partir da dialética hegeliana, Lacan (1969-1970/1992) chega aos discursos, que não são fixos; os sujeitos neles circulam e são também dialéticos, por se dirigirem a um outro. A teoria dos discursos foi desenvolvida por Lacan após 17 anos de estudos, sendo sua ideia apresentada no Seminário 17, “O avesso da Psicanálise”. Em sua primeira lição, ele explicita como devemos compreender os discursos:

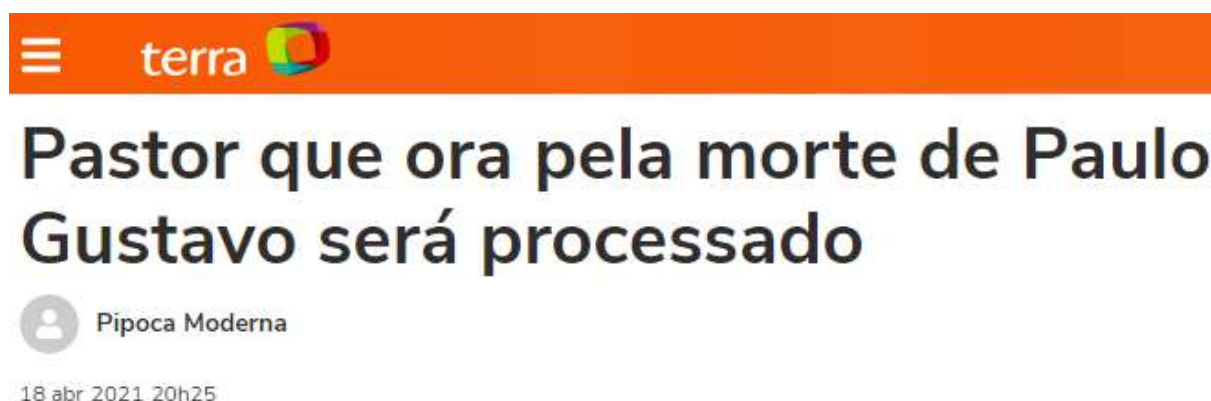
Ocorreu-me com muita insistência no ano passado distinguir o que está em questão no discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras.

É sem palavras, na verdade, ele pode muito bem subsistir. Subsiste em certas relações fundamentais. Estas, literalmente, não poderiam se manter na linguagem. Mediante o instrumento da linguagem instaura-se certo número de relações estáveis, no interior das quais pode-se inscrever algo bem mais amplo, que vai mais longe do que as enunciações efetivas (Lacan, 1969-1970/1992, p. 11).

Fazem parte dos “discursos que ultrapassam as palavras” os enunciados, as regras de conduta, as normas de convivência, as convenções sociais, as articulações entre as pessoas, que se estabelecem de forma muitas vezes não explícitas, ou seja, como uma dimensão de ato, e que têm pregnância nas relações, enlaçando as pessoas e propiciando que determinados fatos aconteçam ou não, como em relações de professor e aluno, relações de trabalho, relações de fiéis em uma igreja. Recentemente, um pastor divulgou em sua rede social que havia orado pela morte de um ator e humorista que estava internado por Covid no hospital, pelo fato de este ser homossexual. Indo além da fala preconceituosa emitida de maneira pública, há que se pensar na figura do pastor, que, por si só, mesmo que não se diga nada a respeito, já estabelece relações que repercutem no laço social. No caso específico, sua figura enlaça os fiéis da igreja, bem como aqueles que tiverem acesso à sua postagem, além de esse ato preconceituoso ancorar-se em uma modalidade de discurso eminentemente preconceituoso, como veremos a seguir (Pipoca Moderna, 2021).

Figura 6

Preconceito em forma de oração



Nota. Retirada de “Pastor que ora pela morte de Paulo Gustavo será processado”, de *Pipoca Moderna*, 2021, 18 Abril, *Terra*. (<https://www.terra.com.br/diversao/gente/pastor-que-ora-pela-morte-de-paulo-gustavo-sera-processado.01434ee92a1e99c77933de160b8e2e843pyz4eip.html>)

Partindo de Freud (1923-1925/2011c) quando se refere aos quatro modos de relacionar-se, levando em conta o sofrimento inerente ao convívio manifestado nas formas de governar, educar, analisar e fazer desejar, Lacan (1969-1970/1992) propõe seu ensino sobre os discursos como formadores do laço social, delineando uma articulação entre o campo da linguagem e o campo de gozo. Para o governar freudiano, Lacan indica o discurso do mestre (DM) e o discurso capitalista (DC) como uma derivação do primeiro; o educar encontra equivalência no discurso universitário (DU); e psicanalisar, no discurso do analista (DA). Lacan também propõe mais um impossível à teoria freudiana, a saber: o fazer desejar, que encontra equivalência no discurso da histórica (DH). Mesmo que não se diga nada, no momento em que se está em uma relação com outra pessoa, se está inserido em um desses discursos, nos quais os atos importam mais do que as palavras. De acordo com Quinet,

Os discursos como laços sociais compõem o “campo do gozo”, que se encontra para além do campo da linguagem, não deixando, no entanto, de pertencer a este. O discurso instaura relações fundamentais e estáveis mediante o instrumento da linguagem no campo do gozo a partir de uma série de enunciados primordiais que determinam aquele laço social específico. Trata-se de “um discurso sem palavras”, pois, segundo Lacan, “não há necessidade de enunciações para que nossa conduta, nossos atos, eventualmente se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais”.

É um discurso cujos enunciados nem sempre são explícitos, mas que prescindem de fala para atuar (Quinet, 2012, p. 36).

Lacan (1969-1970/1992) traz a concepção de discurso para pensar modalidades de laço social, e o discurso é pensado como uma estrutura necessária de articulação entre o campo do sujeito e o campo do Outro, que acontece a partir de posições, lugares onde se localizam o agente, a verdade, o outro e a produção. O discurso é definido pela posição de cada um dos termos, e não especificamente pelo conteúdo discursivo (o discurso ultrapassa a palavra). Para demonstrar a estruturação dos discursos, o autor propõe matemas, nos quais as posições circulam em cada discurso.

Figura 7

Lugares nos discursos



Nota. Retirada de “Radiofonia”, de J. Lacan, *Outros Escritos*, 1970/2003d, p. 447.

Se o discurso é sem palavras, ao mesmo tempo, propicia a circulação das palavras e dos sentidos. Assim, a maneira como um aluno se porta em uma sala de aula é diferente da maneira de um professor. Isso tem efeitos, possibilitando a circulação das palavras e dos sentidos nessa relação. O sentido não é dado, não é percebido ou obtido desde o início; ele advém das trocas horárias das posições. Cada discurso revela a relação do campo do sujeito com o campo do Outro. O estabelecimento do laço social é representado por um matema no qual circulam símbolos – S1 (significante mestre ou unário), S2 (significante binário), \$ (sujeito dividido), a (objeto a) –, ocupando os lugares do agente, outro, produção de verdade, em uma rotação horária, e assim produzindo os quatro discursos por meio da ocupação dos símbolos em cada posição. O processo civilizatório, então, implica renúncia pulsional para que se estabeleça uma relação entre as pessoas, o que faz com que todo laço social traga como consequência uma perda de gozo. Para Dunker, Paulon e Milán-Ramos,

É também nesse sentido que Lacan falará em quatro discursos, como organizadores do laço social, segundo certos regimes de gozo:

O discurso do mestre, que tem por agente o significante da autoridade insensata, da autoridade que se autojustifica – vale dizer, que se justifica por seu próprio discurso;

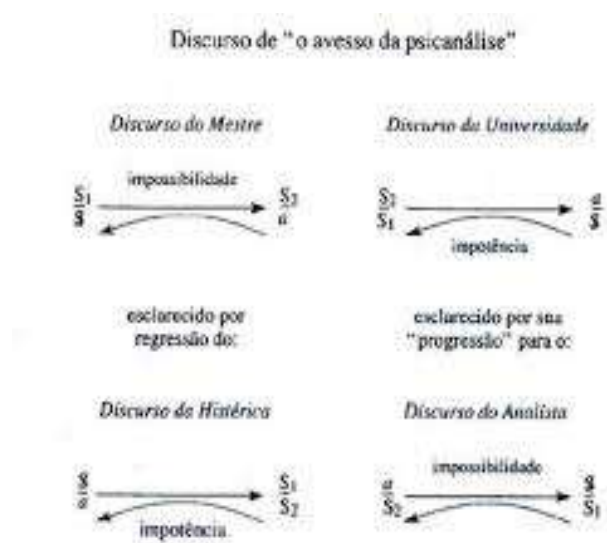
O discurso da histeria, que é uma espécie de sintoma do discurso do mestre e que tem por agente a exposição da divisão do sujeito, denunciando – e, com isso, demandando – uma nova articulação de saber;

O discurso da universidade, que toma por agente o próprio saber, objetivando suas figuras de alteridade em estudantes obedientes;

O discurso do psicanalista, que coloca o objeto com agente, evidenciando que o laço social com o outro está baseado em relações de extração de gozo, indutoras de sujeitos, que surgiriam assim na posição de alteridade desse discurso (Dunker et al., 2016, p. 131).

Figura 8

Os quatro discursos



Nota. Retirada de "Radiofonia", de J. Lacan, *Outros Escritos*, 1970/2003c, p. 447.

O S_1 , como significante mestre, é aquele que funda o sujeito, que dentro da cadeia significante representa o sujeito para outro significante. O S_2 é o significante do Outro. O $\$$, ou sujeito barrado, ou sujeito do inconsciente, emerge com a incidência do S_1 no campo do Outro, ou seja, no campo do S_2 . Com essa incidência, se produz uma perda, um resto, se

produz o objeto ou causa de desejo, ou mais de gozar. De maneira simples, pode-se colocar S1 (poder), S2 (saber), \$ (sujeito), a (objeto mais-de-gozar) (Quinet, 2012 p. 38).

Como já expus anteriormente, minha intenção não é revisitar toda a teoria dos discursos, mas entender como o discurso preconceituoso circula e faz laço social. De modo simples, podemos pensar que poder, saber e gozo são laços sociais “estruturados em torno da relação do agente e de seu outro (o parceiro), revelando a ‘verdade’ a partir da qual cada agente se autoriza a agir inscrevendo o que é esperado que o comandado, o outro, produza” (Quinet, 2021, p. 38). Que tipo de laço é produzido quando uma autoridade pública diz para bater em um filho homossexual ou quando desqualifica negros e mulheres?

Reafirmando, para se viver em sociedade, há uma perda de gozo. É necessária uma renúncia pulsional para que haja civilização. Lacan (1969-1970/1992), a partir da dialética do senhor e do escravo, propõe o discurso do mestre e, a partir deste, pensa os demais discursos, para então analisar os enlaces sociais, levando em consideração as relações de poder que circunscrevem o laço social. Segundo Lacan (1970/2003d), em “Radiofonia”:

Reportando-nos ao que instaurei este ano, a partir de uma articulação radical do discurso do mestre como o avesso do discurso do psicanalista, sendo dois outros discursos motivados por um quarto de volta que dá passagem de um ao outro – a saber, o discurso da histórica, de um lado e o discurso universitário de outro –, o que se tira daí é que o inconsciente nada tem a ver senão com a dinâmica que precipita a passagem brusca de um destes discursos para o outro. Ora, certo ou errado, acreditei poder correr o risco de distingui-los do deslizamento – de uma cadeia articulada pelo efeito significante, considerado como verdade – sobre a estrutura, como função do real na disposição do saber (Lacan, 1970/2003d, p. 435).

Com base nos discursos, proponho uma reflexão sobre o laço social brasileiro. A seguir, procuro entender a incidência do preconceito na composição dos discursos formadores do laço social, partindo do discurso do mestre e seus produtos de dominação, para buscar, então, sua incidência nos demais discursos.

Em cada discurso, há um elemento que Lacan (1969-1970/1992) considera preponderante em sua composição, elemento que o autor chama de dominante (termo de Jakobson), sendo aquele que é situado na posição de agente. Temos, então, a circulação dos

quatro elementos na posição de agente na produção dos discursos. Como disse, Lacan (1969-1970/1992) parte do discurso do mestre, no qual o agente é a lei ou a autoridade para a composição dos demais discursos, evidenciando, portanto, que todos os discursos são de dominação. Assim, “a referência de um discurso é aquilo que confessa querer dominar, querer amestrar. Isto basta para catalogá-lo em parentesco com o discurso do mestre” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 72). Conforme Quinet,

Quando se toma um laço social, pode-se avaliar em qual discurso se está através da dominante ou aquilo que esse discurso confessa querer dominar. Todo discurso que trata o outro como objeto pode ser chamado de discurso universitário. Todo laço social que trata o outro como mestre é o discurso da histérica. Quando alguém trata o outro como um escravo ou com um saber a produzir, estamos no discurso do mestre. (Quinet, 2006, p. 35).

Relacionando-se o discurso do mestre e o discurso do analista, observa-se que o primeiro é o avesso do segundo. Nesse sentido, Lacan (1992), no seu Seminário 17, emprega o discurso do mestre como sendo o avesso da Psicanálise. O discurso do analista é o único laço social que trata o outro como um sujeito, não o considerando objeto, escravo ou com um saber a produzir, não havendo, portanto, a incidência de preconceito nesse discurso; por essa razão, não o abordo neste trabalho.

Lélia Gonzalez (2020, p. 35) estabelece que mesmo o branco sem propriedade ou meio de produção se beneficia do racismo. Enquanto o capitalista branco obtém lucro diretamente da exploração, os demais brancos beneficiam-se do racismo mediante vantagens nos preenchimentos das posições sociais, facilidades das mais diversas em comparação com a situação dos negros. Da mesma forma acontece com os discursos. Um discurso preconceituoso, além de incidir diretamente em alguém pela fala violenta, atinge o laço social e nele repercute.

3.4 O preconceito nos discursos

“O discurso uniformizador sob a batuta do discurso do mestre comandado pelo capital induz a reações ‘normais’ de ódio e de produção de abjetos encarnados a serem excluídos da

‘civilização’” (Quinet, 2021, p. 98). Parto da citação de Quinet, juntamente com a ideia do discurso do mestre, de Lacan, segundo a qual há um mestre que dita as ordens e outros que as seguem.

Pensando no contexto do Brasil, há um discurso preconceituoso circulando, como discutido neste estudo, e uma parcela da população faz uso de tal discurso para não abrir mão de manifestar-se de forma agressiva ou violenta, ou seja, não há renúncia ao seu gozo sádico. Cito novamente a fala de Jair Bolsonaro, trazida no segundo capítulo da tese: “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo? Já ouvi de alguns aqui, olha, ainda bem que levei umas palmadas, meu pai me ensinou a ser homem”. (Em programa da TV Câmara, em novembro de 2010, Cipriani, 2018, para. 5). Nessa fala, há um que encarna a função de mestre e propõe que se satisfaça o gozo sádico, enlaçando as pessoas.

A sociedade compõe-se por um laço social estruturado por linguagem, fundando-se nos discursos, conforme já abordado. Nesta investigação, aponto os discursos como importantes para que se possa entender como o preconceito se constitui nas relações sociais. Como é parte fundante da sociedade (Mbembe, 2019b), o próprio racismo assume a forma de um processo civilizador. Assim, a sociedade brasileira constitui-se como nação tendo o racismo como base, o que dá origem a um processo de constituição de preconceito, também sustentado por discursos, como já vimos. O racismo, desse modo, estaria na base dos discursos que enlaçam a sociedade atual, produzindo um devir negro que atualiza diferentes formas de violência e preconceito sociais. A sociedade estrutura-se em relações de linguagem, constituindo-se laços por meio delas. Nesse sentido, Dunker, Paulon e Milán-Ramos afirmam:

Dentre estes, as situações nas quais o poder se exerce por meio das relações de linguagem são seus objetos mais chamativos – ou seja: o discurso em sala de aula, entre médico e paciente, entre mídia e consumidores, entre candidato e eleitores, entre patrão e funcionário. O discurso é um laço social que não se reduz à soma das suas falas individuais, mas é uma espécie de condição de possibilidade para um conjunto de enunciados possíveis. Cada dado ou material discursivo é, em sua estrutura mínima, uma composição de elementos linguísticos que comportam, pelo menos virtualmente, a emergência do sujeito (Dunker et al., 2016, p. 18).

Lacan concebeu os discursos como formas de uso da linguagem, como configuração de laço social, o que torna relevante entender os discursos como vínculo social entre as pessoas. Conforme trabalhado neste estudo, o sujeito é ao mesmo tempo causa e efeito do mal-estar contido no laço social. Isso é o que Mbembe (2019b), em sua necropolítica, denominou de “romance da soberania”, em que há um duplo aspecto, autoinstituição e autodominação, tendo-se como expressão o direito de matar, a partir da desumanização daquele que é estranho ou estrangeiro, um devir negro. Essa desumanização faz laço e envolve um grande número pessoas nesse discurso, repercutindo no laço social.

Enlaçados pelo discurso do mestre, encarnado pelo Presidente da República, que se manifesta frequentemente de forma preconceituosa e agressiva, *sites* neonazistas proliferam no Brasil. Dados da ONG Safranet confirmam a criação de 204 novos *sites* de conteúdo neonazista em maio de 2020, 42 páginas no mesmo mês de 2019, e 28 no mesmo período de 2018, evidenciando segundo a ONG, uma relação de causalidade entre a postura do Presidente e o aumento das células nazistas no país. Isso evidencia que o discurso do mestre eminentemente preconceituoso faz laço social.

Também fazem laço social e contribuem com a circulação de ideias neonazistas no país eventos como o ocorrido em janeiro de 2020 e protagonizado pelo então secretário especial da Cultura, Roberto Alvim. Na ocasião da divulgação de um Prêmio Nacional das Artes, o referido secretário divulgou um vídeo no qual ele se portava como Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Adolf Hitler (Melo, 2020), com detalhes de roupas, cabelo e trejeitos como os do alemão. O trecho retirado do discurso de Goebbels foi este: “A arte alemã da próxima década será heroica, será ferramenta romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande *páthos* e igualmente imperativa e vinculante, ou não será nada” (G1 – Globo, 2020, para. 9). A fala realizada por Roberto Alvim foi a seguinte: “A arte brasileira da próxima década será heroica, será ferramenta romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa e vinculante, ou não será nada” (G1 – Globo, 2020, para. 8).

A caricatura alemã feita por Roberto Alvim foi agressiva, desrespeitosa e autoritária, repercutindo, infelizmente, no laço social. Não se trata apenas de uma crítica pontual a esse tipo de comportamento, não é disso que estou tratando. O que me mobiliza para a análise dessas situações é sua repercussão no laço social. De outro modo: quando uma pessoa se

afirmar racista ou quando disser ter outra forma de preconceito, tal afirmação gerará efeitos na sociedade brasileira.

Figura 9

Ideal de supremacia branca



Nota. Retirada de “Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro, aponta ONG.”, de Alessi, G. & Hofmeister, N., 2020, 9 Junh, *El País – Brasil*. (<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html>)

Os preconceitos que circulam nos laços sociais são exaltados nos discursos do Presidente, como no brinde com copo de leite em uma de suas *lives* transmitidas pela internet. Como é sabido, copo de leite é um símbolo utilizado por supremacistas brancos. O discurso preconceituoso repercute, fazendo laço e sendo seguido e imitado. No caso da repetição do gesto de tomar leite entre risadas, deixando em evidência o gozo sádico, seguido das palavras “entendedores entenderão”, promovido pelo blogueiro bolsonarista Allan dos Santos.

Para contribuir com as discussões sobre o preconceito nos discursos, sirvo-me de uma citação de um texto da psicanalista Ana Laura Prates, no qual ela relaciona as opiniões do Presidente Jair Bolsonaro com o laço social:

Ora, precisamos considerar, em contrapartida, que, se há uma patologia em jogo nesse momento claramente distópico pelo qual estamos passando, **ela diz respeito ao laço social**. Afinal, não há nenhuma mudança significativa no comportamento, linguagem, hábitos e ideias de Jair Bolsonaro desde que ele exercia o mandato de deputado

federal, e mesmo antes. Esse senhor homenageou milicianos. Esse senhor ofendia e insultava cronicamente o deputado Jean Wyllys e o fez sair do país, devido a ameaças de morte. Esse senhor disse a sua colega deputada Maria do Rosário que não a estuprava porque ela era feia e não merecia. Esse senhor dedicou seu voto em favor do impeachment da presidenta Dilma ao torturador Brilhante Ustra. Esse senhor colocou armas nas mãos de crianças durante sua campanha à presidência. Esse senhor disse que sua filha mulher foi uma “fraquejada”. Esse senhor agenciou em sua campanha uma fábrica de notícias falsas, com calúnias contra seu adversário. Esse senhor mostrou a cara e as garras e foi eleito presidente do Brasil. Repito: esse senhor foi eleito presidente do Brasil. E agora esse senhor disse aos brasileiros, seus eleitores ou não, para saírem da quarentena durante a pandemia da COVID-19! E, mesmo assim, ainda há uma parcela significativa da população que o apoia. Estão todos loucos? Vamos, igualmente, pedir sua interdição coletiva? (Prates, 2020, para. 8, grifo meu).

Conforme salientou Prates, para entendermos a banalização do preconceito e a circulação de discursos preconceituosos, mais do que uma análise individual do emissor de determinado discurso, faz-se necessário que se interogue o laço social, mantido a partir também desse discurso, ou seja, esse discurso torna-se um elemento de união e reconhecimento, como discuti acima. O laço social compõe-se com o discurso de banalização do preconceito e violência que no Brasil se encarnou como uma forma de estratégia de campanha política e que ainda hoje se manifesta, chegando ao extremo com a banalização das mortes e negação da pandemia e levando, conseqüentemente, à união em torno desses ideais.

Desde o início da pandemia de coronavírus no Brasil, o Presidente mostrou-se claramente contra as políticas de isolamento social promovidas por governadores e prefeitos, em consonância com as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Viu-se, ainda, a clara banalização do número de mortes, enlaçando algumas pessoas e gerando manifestações contrárias, como as ocorridas nas cidades de Olímpia (SP) e Belo Horizonte (MG). A manifestação na capital mineira contra as medidas restritivas adotadas pelo prefeito ocorreu no dia em que a cidade atingiu 93% de ocupação da totalidade dos leitos hospitalares disponíveis (Magri, 2021).

Figura 10

Negação da pandemia



Nota. Retirada de “Negacionistas da pandemia promovem caçada contra jornal no interior de São Paulo”, de Magri, D., 2021, 18 Março, *El País – Brasil*. (<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-19/negacionistas-da-pandemia-promovem-cacada-contr-jornal-no-interior-de-sao-paulo.html>)

Como já apontado, um dos componentes estruturantes do preconceito na sociedade ocidental é a existência de um ideal, com a consequente não aceitação do que não se enquadra nele; esse ideal pode compor-se como ideal social, racial ou de gênero. O que sustenta esse ideal é o discurso do mestre, como na imagem grotesca do copo de leite acima ilustrada. Quando o laço social se institui com a incidência do discurso do mestre, há um significante mestre no lugar de ideal, e com ele há a total recusa da singularidade do sujeito, o que pode gerar o horror à diferença e o assujeitamento, ou seja, aceitação passiva da ordem estabelecida e até mesmo a reprodução dessa ordem.

O que leva a circular o discurso de “bandido bom é bandido morto”, fazendo laço social, também é o poder de expressão do discurso do mestre. A sociedade constitui-se pela relação do sujeito com as leis simbólicas que a regem; quando quem ocupa o lugar de “mestre”, ou seja, quem dirige ou governa, defende tortura, violência, preconceito e armas, tal defesa repercute no laço social. Se, por um lado, causa horror e repulsa a alguns, por outro, enlaça e envolve muitos outros.

O discurso do mestre estrutura o que Freud (1930/2010d) denominou de massa organizada, tendo o exército e a igreja como expressões exemplares de funcionamento social. A massa constitui-se de regras às quais os sujeitos estão submetidos. A partir dessas regras, há uma identificação com o líder e também uma identificação horizontal com os demais membros, com a não aceitação daquele que é “diferente”. É o que ocorre no Brasil de hoje, como podemos perceber com o crescente número de páginas de conteúdo neonazista.

Durante toda a pesquisa, venho trabalhando com diversas falas preconceituosas emitidas por Jair Bolsonaro quando candidato à Presidência da República e, posteriormente, já presidente, algumas das quais também foram citadas no texto de Prates trazido acima. Tais falas circulam e fazem laço por autorizarem um gozo sádico de poder expressar a hostilidade e o preconceito em direção ao outro que de alguma forma não está dentro do ideal propagado por aqueles que as emitem. Com a retórica de se tratar apenas de uma brincadeira ou de liberdade de expressão, manifestações machistas, racistas, homofóbicas ou preconceituosas de qualquer tipo tornaram-se frequentes. O ódio dirigido ao outro, seja este semelhante ou diferente, foi autorizado. Como explicita Quinet:

Mas antes de chegar à eliminação de outrem, o caminho da pulsão de morte pode ser longo: humilha, desqualifica, xinga, maltrata, escorraça, lincha e mata. Eis o que ocorre quando o sujeito faz do outro o objeto de satisfação de sua pulsão agressiva. Nesse caminhar rumo ao assassinato da alteridade, o sujeito goza: é o gozódio. (Quinet, 2021, p. 81).

Sobre o significante *mito* (usado por apoiadores e eleitores), este encarna a função do líder. Assim, temos uma figura que, como agente do discurso do mestre, desde antes da campanha presidencial, emite frases preconceituosas e violentas; com isso, o ódio ao outro passa a ser, além de possível, estimulado (Quinet, 2019). A conjugação de identificação prévia com o líder, preconceito recalcado, eleição de um ideal, exclusão de quem de algum modo está à margem e narcisismo das pequenas diferenças compõe o laço social. Citando Quinet:

Assim, o líder terá um bando de neuróticos hipnotizados que não querem saber de sua divisão e de sua falta e se agarram ao pensamento único do Mestre e Senhor (que não tem mesmo mais do que um pensamento) e saem por aí repetindo que nem papagaios slogans, memes e palavras de ordem de seu líder. E passam ao ato em nome do líder executando as piores atrocidades como os ataques racistas, homofóbicos, misóginos (Quinet, 2019, para. 31).

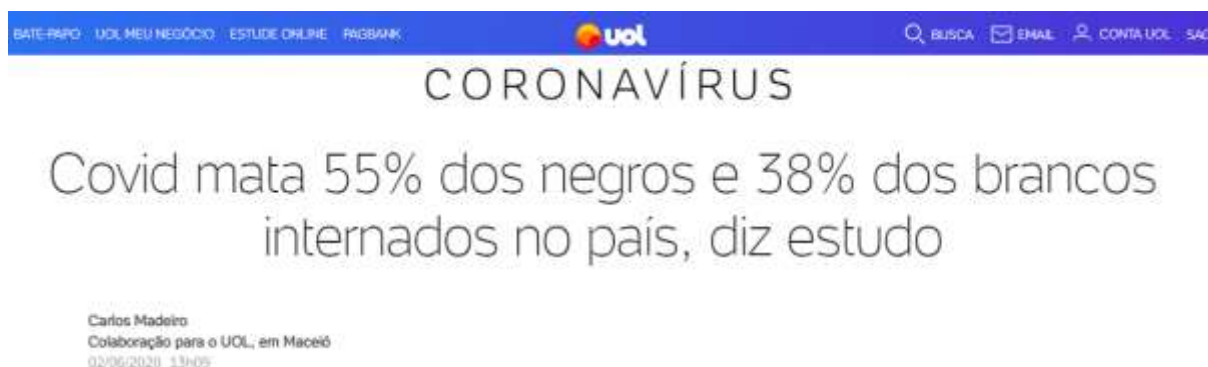
Se o discurso do mestre autoriza e incentiva ações que podem ser eminentemente preconceituosas, o discurso universitário tem como produto a ciência, que, em certos casos, produz o outro como patológico, como doente, o que também produz a diferença e o preconceito. Quero evidenciar que o discurso universitário não equivale ao discurso promovido nas universidades, mas é um discurso que propõe um saber que universaliza. O outro é tomado, nesse discurso, como um objeto, havendo uma disposição de objetificar o outro a partir de um saber. O discurso universitário pode estar a serviço de teorias eugenistas e/ou higienistas que já enlaçaram a sociedade, como no caso de políticas de extermínio dos judeus ou de branqueamento social, e que ainda hoje a enlaçam, como na cena do copo de leite promovida pelo presidente da república e repetida por seguidor, ou como no discurso de Roberto Alvim, em que se portava como Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Adolf Hitler.

Recentemente, com a pandemia de coronavírus, a lógica do discurso do mestre serviu-se do discurso universitário para permanecer, perpetuar-se, fazendo laço social com a propagação da ideia de que somente os mais velhos ou vulneráveis, como os portadores de alguma patologia, seriam atingidos. Sob a égide do discurso universitário, também se tentou desqualificar vacinas, com a suposição de eventuais riscos na aplicação do imunizante.

Outro ponto relevante a evidenciar: quem são os mais atingidos pela pandemia? Pesquisa recente aponta que os negros são maioria no número de mortes no Brasil. A lógica racista institui-se mais uma vez; mesmo com milhares de mortos, a população negra, indígena e periférica é a mais atingida. Justamente esse ideal da supremacia branca, exaltada nas insígnias do copo de leite, traz consigo a autorização da destruição do outro, de maneira que, mesmo evidente e escancarado, o extermínio privilegiado da população negra novamente é negado (Madeiro, 2020).

Figura 11

Política de morte na pandemia



Nota. Retirada de “Covid mata 55% dos negros e 38% dos brancos internados no país, diz estudo”, de Madeira, C., 2020, 2 Junho, Uol. (<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/02/covid-mata-54-dos-negros-e-37-dos-brancos-internados-no-pais-diz-estudo.htm>)

O questionamento direcionado ao mestre promovido pela histórica apresenta-se como um contraponto ao discurso universitário, que produz um saber e não se apresenta como mera reprodução de um saber já instituído. O discurso da histórica, em seu turno, ao mesmo tempo que desafia a ciência no sentido de que a desbanca, produz uma crítica e, portanto, faz a ciência evoluir. Por outro lado, se a serviço do discurso do capitalismo, podem-se reproduzir discursos de dominação. Pensando em nossa realidade, o discurso histórico pode tanto apontar as falhas nos demais discursos, quanto se identificar com o mestre/líder e reproduzir situações de violência e preconceito, como as cenas de manifestação contra as medidas de isolamento. Assim, pode-se pensar tanto em um discurso que prega uma identificação com o líder quanto um discurso que o descamba.

A negação/exaltação do preconceito que se manifesta no Brasil, em nossa forma de segregar, faz laço social. Faz laço por constituir-se como uma maneira pela qual as pessoas não renunciam ao seu gozo, gozo sádico e preconceituoso. Como vimos, o preconceito não tem a mesma pregnância nos quatro discursos, manifestando-se diferentemente em cada um deles.

O que estou discutindo nesta tese é a emergência de preconceito e discriminação sob diversas formas de manifestações e práticas. Percebe-se que, se o laço social se constitui com a promessa de lei e ordem, evidenciada no discurso do mestre, que cria e recria o ideal a ser seguido, fazendo laço com aqueles que acreditam na ordem estabelecida por um líder, o

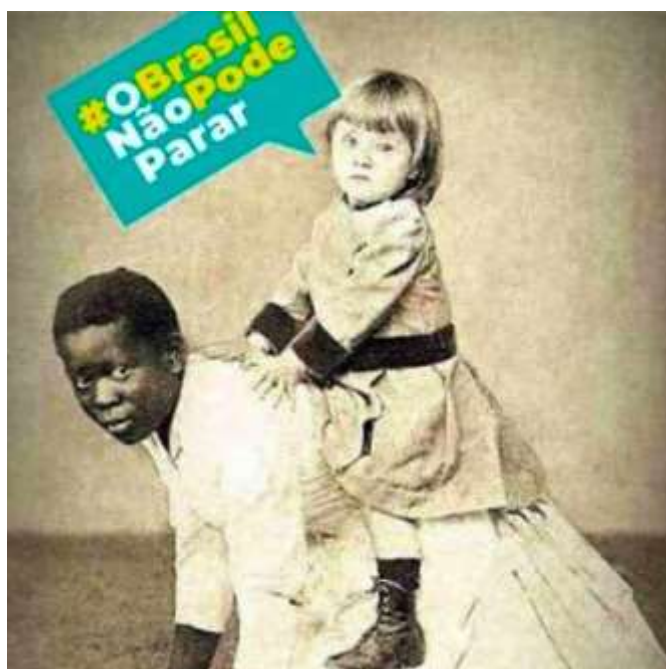
discurso universitário, mediante um saber universalizante, pode fomentar e incentivar a obediência a esse saber, tudo conjugado com o discurso histérico, que pode tanto questionar tal saber, quanto se identificar com o líder. Por outro lado, como estamos sob a égide do neoliberalismo vigente, o discurso do capitalismo impera, trazendo consigo a impossibilidade do laço social, com a criação do outro como mercadoria, ou seja, o devir-negro, com o qual não se faz laço, conforme discuto a seguir.

3.5 Discurso capitalista e necropolítica

Neste ponto da tese, proponho que, por meio das concepções lacanianas do discurso capitalista, cheguemos à compreensão de como a exaltação e negação de práticas preconceituosas, configuradas como estandarte de uma sociedade eminentemente racista, se sustentam também por uma lógica de consumo e quais são as consequências graves e atuais de uma sociedade assim estruturada.

Figura 12

O Brasil não pode parar



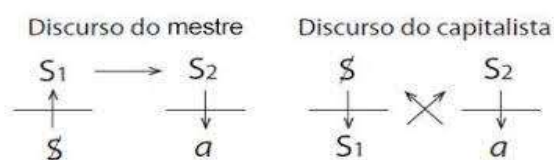
Nota. Retirado de “O Brasil não pode parar!”, de u/samygrynberg, Março, 2020, *Reddit*. (https://www.reddit.com/r/brasil/comments/fqr5s8/o_brasil_n%C3%A3o_pode_parar/)

Decidi abrir as discussões com a imagem forte que circulou na internet com o discurso de “O Brasil não pode parar”. A imagem demonstra que, para o Brasil não parar, se faz necessária a exploração de uns por outros, e atualmente tal exploração se configura como morte, como trabalhei nesta parte da pesquisa. Deixo claro que minha intenção não é visitar toda a teoria do discurso capitalista proposta por Lacan, mas com ela pensar a realidade.

Em seu Seminário 17, Lacan (1969-1970/1992), quando expôs a teoria dos quatro discursos, também fez uma introdução ao discurso capitalista, mas foi em sua conferência de Milão, em 12 de maio de 1972, que apresentou efetivamente o discurso capitalista, além dos quatro anteriores (discurso do mestre, discurso da histeria, discurso universitário e discurso do analista) (Trilhar, 2015).

Figura 13

Conferência de Milão



Nota. Retirada de “Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972 – Parte 2 tradução de Sandra Regina Felgueiras”, de Trilhar, 2015, 25 Março. (<https://trilhardotorg.wordpress.com/2015/03/25/conferencia-de-lacan-em-milao-em-12-de-maio-de-1972-parte-2-traducao-de-sandra-regina-felgueiras/>)

O discurso capitalista foi pensado não como um quinto discurso, mas como um discurso a mais, por diferenciar-se dos outros. Além da diferença na estrutura, há outra diferença fundamental, qual seja: de que os quatro discursos promovem o laço social, o que não acontece com o discurso capitalista, que, na verdade, foraclui o laço social. Lacan, em *Televisão* (1973/2003b), propõe o discurso capitalista como um produto do discurso do mestre, com a exclusão do outro no laço social, pois esse outro é tratado como uma mercadoria.

O que seria efetivamente a exclusão do laço social? Segundo Lacan (1969-1970/1992), o discurso do capitalismo não cria laço social, com não aceitação dos limites e da castração, com a prevalência do capital em detrimento do laço entre as pessoas. Para Quinet,

O discurso capitalista não é um laço social que regulariza, como o discurso do mestre. Sua política é a liberal, do neoliberalismo, do cada um por si e um contra todos, já que o sol não brilha para todos. O discurso capitalista não é regulador, ele é segregador. A única via de tratar as diferenças em nossa sociedade científica capitalista é a segregação determinada pelo mercado: os que tem ou não acesso aos produtos da ciência. Trata-se, portanto, de um discurso que não forma propriamente laço social, mas segrega. Daí a proliferação do sem: terra, teto, emprego, comida, etc. (Quinet, 2006, p. 41).

Na sociedade que tem o discurso do capitalista como condução, a demanda de consumo é inalcançável, pois, ao comprar-se algo, imediatamente já surge a necessidade de consumir de novo, de novo e de novo. Para se consumir mais e mais, faz-se necessário cumprir o mandamento de que não se pare, ilustrado na cena anterior. Além disso, quando Quinet diz “cada um por si e um contra todos”, faz referência à possibilidade de exploração do semelhante, visando sempre ao lucro, como também se evidencia na imagem.

Lacan (1969-1970/1992) diz que o discurso capitalista opera tendo a mais-valia como causa de desejo, contudo, a perda de gozo sofrida pelo sujeito volta no que o autor chamou de mais-de-gozar. Assim, se ao ceder seu trabalho ao capitalista o sujeito tolera o desperdício de sua energia (entropia, nas palavras de Lacan), o gozo será devolvido com um mais de satisfação. O discurso capitalista oferece ao sujeito uma promessa de felicidade plena, e o consumo em excesso seria o acesso garantido a essa felicidade. Não há espaço para o vazio, para a falta ou para a castração. “Consuma e seja feliz”, essa é a ordem.

O discurso capitalista apresenta-se com um deslizamento do discurso do mestre, havendo uma alteração na estrutura, com uma modificação no lugar do saber; o discurso capitalista passa a assumir o comando, a dominação, o que anteriormente era ocupado pelo mestre. Segundo Lacan,

O sinal da verdade está agora em outro lugar. Ele deve ser produzido pelos que substituem o antigo escravo, isto é, pelos que são próprios produtos, como se diz, consumíveis tanto quanto os outros. Sociedade de consumo, dizem por aí. Material humano, como se enunciou um tempo – sob os aplausos de alguns que viram ali ternura (Lacan, 1969-1970/1992, p. 33).

O discurso capitalista criador do racismo, como abordo nesta tese, tem sua manifestação atual no neoliberalismo como criador de novas formas de assujeitamento: devir-negro, nas palavras de Mbembe; “material humano”, pronto para ser consumido, nas palavras de Lacan. Há uma separação entre aqueles que consomem e os que são consumidos, assim se produzindo a diferença e não se promovendo o laço social. Em novembro de 2020, um homem negro foi espancado até a morte, por seguranças, dentro de um supermercado em Porto Alegre. Supermercado, local destinado ao consumo, tornou-se palco onde um homem foi consumido e morto. Material humano, devir-negro, exaltado na prática de morte (G1-RS, 2020).

Figura 14

Homem negro espancado até a morte



O preconceito, negado e exaltado, tendo como base um racismo estrutural, apresenta-se também no discurso capitalista. Temos, sob esse discurso, as diversas formas de incentivo à produção sem limites, com a ideia de que quem trabalha, “se esforça”, consegue ter condições de possuir bens e serviços necessários para a sobrevivência, com a mínima interferência do Estado. Tal ideia pode ser expressa pelo significante *meritocracia*, que se tornou muito comum e passou a ser utilizado como justificativa de acesso a determinada

posição econômica ou financeira, ou a reconhecimento social. Tudo seria, portanto, consequência de esforço e iniciativa, ou seja, em razão do merecimento pessoal, sob essa ótica, bastaria trabalho e dedicação para alcançar o “sucesso”, sem considerar que muitas vezes o dito “sucesso” se estrutura mediante exploração de um pelo outro.

Com a propagação dessa ideia, há um aumento do preconceito, pois, se há diferenças econômicas e sociais, elas seriam responsabilidade única do sujeito, sem levar em consideração as oportunidades e condições de vida de cada um; não há, portanto, a promoção do laço social. Além disso, fica implícita a noção de valorização do Estado mínimo, isto é, da mínima interferência do Estado e ausência de políticas públicas para atenuar as diferenças sociais. No atual Governo Federal, houve cortes nas áreas social, cultural e trabalhista. O programa “Minha casa minha vida” tem o menor volume de recursos da história, e a redução de gastos atingiu, inclusive, políticas de distribuição de remédios para a população de baixa renda (Resende & Brant, 2019).

Figura 15

Cortes de recursos



Nota. Retirada de “Bolsonaro faz cortes nas áreas social, cultural e trabalhista”, de. Resende, T. & Brant, D., 2019, 25 Dezembro, *Folha de São Paulo*. (<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/12/bolsonaro-faz-cortes-nas-areas-social-cultural-e-trabalhista.shtml>)

Pode ser importante, neste momento, recorrer à articulação de Burgarelli (2020) e Funks (2020) sobre as consequências advindas de quando se desinstitui, odeia e mata o Outro (necropolítica, portanto) pela via da destruição das instituições sociais, políticas, culturais e científicas. Citando trechos da entrevista que Silvio Almeida concedeu ao *Roda viva* da Tv Cultura, em 22/06/2020, ele destaca: “O racismo é um elemento muito complexo. Ele se dá numa relação intrínseca com a educação, com a política, com a economia, com a comunicação e até mesmo com o imaginário social. Não é uma questão pontual, não é comportamental. Trata-se de um adoecimento mental. Ser antirracista é incompatível com políticas de austeridade e com a ideia de Estado mínimo” (Roda Viva, 2020b)

Assim, Burgarelli (2020) realça o alinhamento dessa reflexão de Silvio Almeida (Roda Viva, 2020b) com o conceito de necropolítica elaborado por Achille Mbembe, evidenciando que o racismo que circula nos discursos e se materializam nas políticas públicas produz morte. Na direção desse argumento é que ele continua destacando trechos da entrevista de Almeida:

Antirracismo é incompatível com o que se chama hoje de desenvolvimento econômico. O racismo sempre termina na morte. Se ele é estrutural é que ele nem sempre é resultado de uma intenção, de um projeto intencionalmente planejado. Passa por baixo ali nos projetos educacionais algo que torna possível a reprodução do racismo. Daí o termo necropolítica [= controle da vida pelo ne(cr)oliberalismo], que naturaliza a morte. Todo aquele que está à margem fica excluído meio que por natureza. Como se dá a criação da raça? É algo que vai muito além de trabalhar, não trabalhar, ter dinheiro, não ter dinheiro [a ideia de que nós sempre temos que ter alguém pior do que nós]. (Almeida, 2020b, *apud* Burgarelli, 2020).

Em síntese, com essa articulação, Burgarelli ressalta que o discurso capitalista é promotor do ne(cr)oliberalismo, isto é, na sua essência, ele naturaliza a morte. A ideia da mínima interferência do Estado, como por exemplo na exaltação da meritocracia, é racista e faz parte de uma política racista, que promove preconceito e morte.

Figura 16

Não haverá Censo 2021

ECONOMIA

Governo diz que Orçamento não prevê recursos para o Censo e que pesquisa não ocorrerá em 2021

Bolsonaro sancionou Orçamento com vetos, mas R\$ 17 bilhões em emendas parlamentares foram mantidos. IBGE, que realiza a pesquisa, já havia suspenso contratação de recenseadores.

Por **Alexandro Martello e Guilherme Mazui, G1** — Brasília

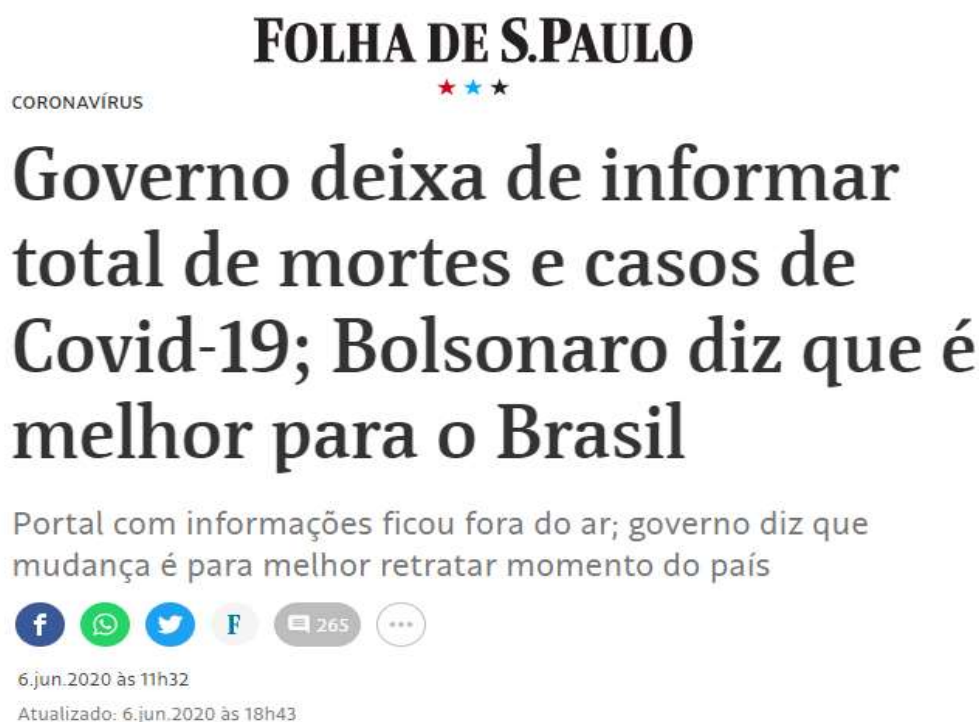
23/04/2021 12h36 · Atualizado há um mês

Nota. Retirado de “Governo diz que Orçamento não prevê recursos para o Censo e que pesquisa não ocorrerá em 2021”, de Martello, A & Mazui, G.. 2021, 23 Abril, *G1 - Globo*. (<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/04/23/governo-diz-que-orcamento-nao-preve-recursos-para-o-censo-e-que-pesquisa-nao-ocorrera-2021.ghtml>)

Na tentativa de desconsiderar a pandemia, o Ministério da Saúde brasileiro, desde meados de 2020, deixou de informar o total de mortes e de casos de Covid-19 no Brasil, sob o pretexto de que “é melhor para o Brasil” (Folha de São Paulo, 2020); recentemente, na continuidade da necropolítica, anuncia que não acontecerá o Censo 2021. O Censo seria fundamental, inclusive, para que se tenha a extensão da pandemia e, consequentemente, para que se tracem as estratégias de combate e controle (Martello & Mazui, 2021).

Figura 17

Sem informações sobre mortos na pandemia



Nota. Retirada de “Governo deixa de informar total de mortes e casos de Covid-19; Bolsonaro diz que é melhor para o Brasil”, *Folha de São Paulo*. 2020, 6 Junho. (<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/governo-deixa-de-informar-total-de-mortes-e-casos-de-covid-19-bolsonaro-diz-que-e-melhor-para-o-brasil.shtml>)

Mesmo sem dados governamentais, já temos a dimensão da pandemia entre a população mais pobre. Segundo dados da Pnad Covid-19 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), os mais ricos e com mais escolaridade do país conseguiram proteger-se melhor do coronavírus por conseguirem trabalhar no dito *home office* (significante para designar trabalho remoto no país). Áreas mais pobres tiveram três vezes mais mortes do que outras regiões. Além disso, os membros das classes mais altas conseguiram alterar o local de trabalho e trabalhar de casa, remotamente, o que não acontece com a população das classes D e E (renda até R\$ 1.926,00), em que apenas 7,5% conseguiram essa opção (Canzian, 2021).

Figura 18

Mortes dos mais pobres na pandemia



Nota. Retirada de “Atrás de renda e sem home office, pobres morrem mais de Covid”, de Canzian, F. 2021, 20 Abril, *Folha de São Paulo*. (<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/04/atras-de-renda-e-sem-home-office-pobres-morrem-mais-de-covid.shtml>)

Como trabalhado no decorrer da pesquisa, o preconceito que se manifesta nos ditos, nos discursos, que sempre existiu, por sustentar-se em uma estrutura racista, recentemente ganhou outra roupagem. Com sua exaltação e consequente negação, ganhou corpo e passou a enlaçar um grande número de pessoas, a partir da autorização promovida pelo discurso do mestre. Da mesma maneira, a necropolítica, a política de morte que surge com o neoliberalismo e que também já estava presente no Brasil, atualmente, ganha expressão, sendo manifestada de forma clara, explícita, e exaltada no país, especialmente após a pandemia do coronavírus.

Desde o começo da pandemia, em março de 2020, o presidente Bolsonaro, na contramão do que propõe a OMS, posiciona-se contra as políticas de isolamento social, defendendo que as pessoas, principalmente aquelas que têm menos condições financeiras, voltem ao trabalho (Graner & Simão, 2021). O discurso do capitalismo, fazendo uso da política de morte, a necropolítica, com sua expressão de crueldade, privilegia a produção e a

economia, mesmo com milhares de mortos no Brasil. Citando mais algumas falas de Bolsonaro:

O que mais a população humilde sente é a volta do trabalho. Sabemos da questão do vírus, mas não concordo com a política de feche tudo e fique em casa. Essas pessoas, em grande parte, não têm como sobreviver ficando em casa, e a fome tem batido forte na porta dessas pessoas (Graner & Simão, 2021, para. 2).

“Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado o poder destruidor desse vírus”, disse o presidente em evento em Miami no dia 9 de março de 2020 (BBC News Brasil, 2020, para 6).

“O auxílio emergencial vem por mais alguns meses, e daqui para a frente o governador que fechar seu estado, o governador que destrói emprego, ele é que deve bancar o auxílio emergencial. Não pode continuar fazendo política e jogar para o colo do presidente da República essa responsabilidade” (Estadão Conteúdo, 2021, para. 3).

O que estamos vivendo no país é uma propagação do discurso capitalista, que defende a saída das pessoas de casa para produzirem e trabalharem, sem levar em conta os 4.195 mortos em 24 horas no país, com mais de 330 mil mortos no total – dados do dia 6 de abril de 2021 (Satie, 2021). Assim, a necropolítica é exaltada no Brasil, com propagação da ideia de uma desresponsabilização do Estado, de uso de medicamentos sem comprovação científica e contra a vacinação.

Como já mencionei, não pretendo criticar determinado governo, mas compreender como a exaltação e a negação do preconceito predominam no Brasil de hoje, o que torna incontornável a discussão de como o discurso capitalista, em sua dimensão mortífera, ganha expressão e se apresenta em nosso país. Além do discurso capitalista que promove a morte, evidenciam-se as manifestações preconceituosas como formadoras de laço; de certa maneira, o preconceito perpetua-se por meio desses discursos, não de modo individual. Para Lacan, “mediante o instrumento da linguagem instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais certamente pode-se inscrever algo bem mais amplo” (Lacan, 1969-

1970/1992, p. 11). Esse amplo evidencia o mal-estar, se utilizarmos os termos freudianos, ou um real, modo como Lacan designa o mal-estar.

Recentemente, o velho preconceito sustentado pelo racismo adquiriu nova roupagem, e as diversas expressões preconceituosas ganharam voz, passando a atingir, de forma direta, quem é vítima da ação preconceituosa e, de maneira indireta, quem presencia tal ação. O discurso capitalista se estabelece, chegando a culminar na total banalização da vida, com milhares de mortos no país e com a propagação da ideia de que não se pode fazer nada e de que as pessoas precisam trabalhar, principalmente a camada mais vulnerável da população, mesmo com a possibilidade de morte iminente.

Qual a saída para esse mal-estar? Diante da realidade que segrega, desqualifica e extermina, qual a saída possível? Como podemos lidar com a necropolítica, sustentada pelo racismo em suas manifestações? Pensando de outra forma: o que pode a Psicanálise frente ao discurso capitalista, o qual, como visto, não promove laço e estimula a exploração de um pelo outro, podendo causar morte? Este é o foco do próximo capítulo.

A seguir, o trabalho volta-se para uma aposta na arte como possibilidade de enlaçar as pessoas, como uma saída frente ao caos. A música será tratada como uma saída possível para o racismo estrutural que propicia a ocorrência das manifestações preconceituosas. Pensando-a em duas vertentes principais, na primeira vertente, trabalho com a música como uma espécie de função de denúncia, ou seja, a música seria um modo pela qual o artista expõe incoerências de sua época; na segunda vertente, a arte pode conduzir a uma sublimação, conforme analiso a seguir. A música é um dos instrumentos pelos quais podemos evidenciar o enlace social com discursos racistas, por um lado, mas, por outro, pode ser uma aposta em outra espécie de laço social.

4. O QUE PODE A PSICANÁLISE FRENTE AO DISCURSO DO MESTRE E CAPITALISTA?

*“E, finalmente, nos será permitido ressaltar,
com toda a modéstia, que o artista não é
menos responsável que os intérpretes
pela obscuridade que circunda sua obra”
(Freud, 1914/2012b, p. 409).*

Escolhi iniciar este capítulo com essa citação de Freud, relacionada com a arte nas relações possíveis com os intérpretes, com aqueles que se sentem enlaçados por manifestações artísticas, propondo esse enlace como tentativa de saída do mal-estar, conforme veremos a seguir.

Como trabalhei na pesquisa até aqui, o racismo que estrutura a sociedade brasileira propicia que as diversas formas de preconceito aconteçam. O preconceito apresenta-se como uma espécie de ambivalência. Por um lado, há uma negação das manifestações preconceituosas, o que Lélia Gonzalez designou como neurose cultural brasileira, negação constituída por um discurso que sustenta que o Brasil é um país mestiço, miscigenado e, portanto, não preconceituoso. Por outro, as diversas formas de preconceito evidenciam-se com a exploração do outro como mercadoria (devir-negro) (Mbembe, 2019a), ou “material humano” a ser consumido pelo discurso capitalista, conforme Lacan.

As mais diversas formas de preconceito sempre se manifestaram abertamente no Brasil. Percebe-se isso quando se analisam os dados do Atlas da Violência, onde se constata um grande número de mortes de jovens negros e periféricos, ou quando são considerados os dados sobre a população carcerária, composta, em sua maioria, por pessoas negras. Ocorre que, recentemente, o preconceito que já existia ganhou mais palco, ganhou mais voz e foi encarnado em figuras públicas que, assumindo o papel do líder, exaltam as mais diversas formas de preconceito e, conseqüentemente, enlaçaram e ainda enlaçam muitas pessoas.

Novamente, neste caso, a ambivalência se apresenta, pois o preconceito é ao mesmo tempo exaltado e negado. Negado quando se evita tratar do tema ou quando se afirma que não há racismo no Brasil, como na fala do presidente da República em um programa de televisão, afirmando que não existe racismo no Brasil, a qual retomo por considerar a negação importante no processo de fortalecimento da política de extermínio e também por entender que, para que se possa buscar algo novo, é necessário mostrar o que precisamos combater.

Trata-se de uma política cuja lógica implica a sistemática criminalização da pobreza, da população negra e de outras minorias, o que faz com que se torne legítima a necropolítica

praticada mediante eliminação de corpos vivos que não são considerados vidas. A consequente tentativa de encobrimento, de negação ou de exaltação de tais acontecimentos faz parte do jogo de subalternizar grupos ou povos. Tal inferiorização ou exploração intensificou-se com a pandemia do coronavírus e a morte de milhares de pessoas no país, sendo a população mais vulnerável a mais atingida, conforme já vimos.

A partir dessas discussões, neste capítulo, volto às questões formuladas no final do capítulo anterior: qual seria a saída possível para tudo isso? Se o racismo fundou as sociedades ocidentais, se o racismo é inerente ao ser humano, qual a alternativa que nos resta? Como podemos lidar com o racismo que estrutura a sociedade? Como podemos lidar com o laço com o discurso do mestre, que autoriza e incentiva práticas de violência? O que pode a Psicanálise frente ao discurso capitalista, o qual não promove laço e estimula a exploração de um pelo outro, podendo até culminar em morte?

Se a Psicanálise é subversiva, a arte também é. Apostando em outra espécie de laço, com a arte, proponho a resposta para as questões formuladas. Para a Psicanálise, a arte é uma saída possível para que o ser humano consiga lidar com o mal-estar. Freud, em *O mal-estar na civilização* (1930/2010d), pensando sobre o sofrimento humano, diz que este tem origem em três pontos: o corpo fadado ao declínio, o mundo externo e as relações com as pessoas. Ele acrescenta: “a vida tal como nos coube é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções e tarefas. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos” (Freud, 1930/2010d, p. 28). O autor indica quais seriam esses paliativos:

Existem três desses recursos, talvez poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria, gratificações substitutivas, que a diminuem, e substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse gênero é imprescindível. É para as distrações que aponta Voltaire, ao terminar seu *Cândido* com a sugestão de cada qual cultivar seu jardim; uma tal distração também a atividade científica. As gratificações substitutivas, tal como a arte oferece, são ilusões face à realidade, nem por isso menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que tem a fantasia na vida mental (Freud, 1930/2010d, p. 29).

Minha proposta é pensar com Freud, utilizando a arte para que consigamos lidar com o insuportável do racismo estrutural das sociedades ocidentais, bem como com o mal-estar do preconceito existente na cultura e em cada sujeito – e, conseqüentemente, nos laços sociais.

Na perspectiva da Psicanálise, temos a noção de objeto como aquilo que é exterior ao sujeito, algo com que este estabelece alguma identificação. Conforme Lacan demonstrou em seu Seminário 4 (Lacan, 1956-1957/1995), o objeto não é independente; há uma relação entre ele e quem por ele se interessa de alguma forma. Pensando na pesquisa como um objeto, pode-se dizer que o pesquisador, com suas características e preferências, também se relaciona com seu objeto de estudo, conduzindo a pesquisa a partir de suas idiossincrasias.

Dentre as inúmeras expressões artísticas, escolho a música como instrumento neste trabalho. Essa escolha deve-se à minha relação profunda com essa produção artística, mas também por entender que a música pode ser manifestação artística democrática e subversiva.

Freud (1912-1913/2012a) foi o primeiro a articular arte e Psicanálise, utilizando-se dessa articulação como aliada e instrumento para tecer sua teoria. O próprio conceito de “complexo de Édipo”, um dos mais conhecidos de sua obra, foi retirado do teatro, da tragédia grega. Freud apropriava-se da arte para compreender o humano em suas questões. Assim como outros psicanalistas depois dele, Freud tinha com as artes suas formas privilegiadas de trabalho:

Posso dizer de saída que não sou um conhecedor de arte, mas simplesmente um leigo. Tenho observado que o assunto obras de arte tem para mim uma atração mais forte que suas qualidades formais e técnicas, embora, para o artista, o valor delas esteja, antes de tudo, nestas. Sou incapaz de apreciar corretamente muitos dos métodos utilizados e dos efeitos obtidos em arte. Confesso isto a fim de me assegurar da indulgência do leitor para a tentativa que aqui me propus (Freud, 1914/2012b, p. 374).

A arte – especificamente, a pintura e a literatura – encantava Freud. A música, no entanto, não ocupava tanto destaque, conforme seu texto:

Não obstante, as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura e, com menos frequência, a pintura. Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las à minha própria maneira, isto é,

explicar a mim mesmo a que se deve o seu efeito. Onde não consigo fazer isso, como, por exemplo, com a música, sou quase incapaz de obter qualquer prazer. Uma inclinação mental em mim, racionalista ou talvez analítica, revolta-se contra o fato de comover-me com uma coisa sem saber por que sou assim afetado e o que é que me afeta (Freud, 1914/2012b, p. 374).

A música foi a expressão artística eleita por mim para pensar a realidade que se constitui com o racismo formador de laço social, bem como para suportar o mal-estar, além de ser a lente através da qual consigo ver o mundo. Elegi a música, dentre todas as manifestações artísticas, em função de entender que a canção é uma forma de compreendermos nossa cultura, nosso tempo, ou ainda, um modo subversivo de retratar e denunciar a realidade, além de uma aposta na construção de outra espécie de laço a partir dela.

Neste estudo, a música é utilizada como um instrumento para entendermos nossa realidade e as práticas privilegiadas de preconceito praticadas no Brasil. Com dupla função no trabalho, primeiramente, a música é tomada como forma de expressão artística que conta a história de um tempo e se encontra datada, em um contexto histórico e social. Para tanto, escolhi duas canções mais recentes, dos anos de 2002 e 2017, e outra da década de 1970, intencionando refletir sobre esse contexto temporal na composição do preconceito. A música, determinada temporalmente, denuncia formas de violência e discriminação exercidas contra uma parcela da população. Além disso, a música será encarada como sublimação, conceito psicanalítico que faz referência a um destino específico da pulsão, o que trabalharei a seguir.

4.1 Sublimação em Freud e Lacan

A pulsão pode ser recalcada. A vertente do sintoma pode ser revestida em seu oposto, retornar em direção ao eu ou ser sublimada. A sublimação seria a possibilidade de transformar um impulso sexual ou agressivo em algo artístico, religioso ou científico de valor para a sociedade.

Como mencionado anteriormente, toda produção artística encontra-se em um determinado tempo, em certo momento histórico, e isso tem relevância. Nesse sentido,

Reparem que não há avaliação correta possível da sublimação na arte se não pensarmos nisto – que toda a produção da arte, especialmente as Belas-Artes, é

historicamente datada. Não se pinta na época de Picasso como se pintava na época de Velázquez, não se escreve tampouco um romance de 1930 como se escrevia no tempo de Stendhal. Esse é um elemento absolutamente essencial que não devemos, por enquanto, conotar no registro coletivo ou individual – coloquemo-lo no registro cultural (Lacan, 1959-1960/2008c, p. 132).

Há uma diferença na concepção de sublimação em Freud e em Lacan. Para o primeiro, de modo geral, a sublimação é vista de maneira mais otimista, e ele a relaciona, inclusive, com a transferência no processo analítico. Lacan tratou do tema em seu Seminário 7 (1959-1960/2008c), apontando algumas contradições em relação à forma como Freud pensava a sublimação, uma vez que esta não poderia implicar uma satisfação direta da pulsão, além do elemento “aprovação social” já mencionado. Isto é, para ocorrer a sublimação, é necessário que haja uma satisfação não direta da pulsão e a obra precisa ter uma relevância social, ser uma obra de arte de amplo alcance.

O conceito freudiano de *das Ding*, ou a Coisa, é utilizado para designar o objeto perdido de satisfação mítica, ou o que permanece irrepresentável na experiência de satisfação. A Coisa freudiana perdura na cultura como um mal radical, ou pura falta, de modo que a sublimação seria a construção de um objeto em que esse mal é convertido em um bem social.

Para Lacan, entretanto, a sublimação é situada como um destino possível da pulsão que pode causar sofrimento psíquico ao sujeito. As canções e artistas por mim escolhidas revelam não somente o sofrimento do artista no momento da composição, mas também um grande sofrimento social.

Optei por três artistas distintos, cada um com uma canção composta ou interpretada em datas diferentes, todas versando, de alguma maneira, sobre preconceito, racismo e sofrimento em suas variadas versões. São eles: Chico Buarque, Gonzaguinha e Elza Soares. Há outro elemento importante na escolha de tais artistas, bem como no componente da sublimação: o valor social da obra e também a importância das respectivas criações para o Brasil. O artista mostra o que a Psicanálise ensina.

Chico Buarque, ou Francisco Buarque de Holanda, nasceu em 1944; músico e escritor, é um dos maiores artistas do Brasil, país que o cantor retrata em sua obra. Suas letras são dedicadas à realidade social e cultural de seu tempo. As composições têm uma característica

interessante: mesmo sendo branco e homem, em suas canções, ele dá voz a mulheres e a negros (Frazão, 2019a).

Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, ou simplesmente Gonzaguinha (nascido em 1945 e falecido em 1991), foi um cantor e compositor brasileiro que nasceu no morro de São Carlos, no Estácio, Rio de Janeiro, filho do também cantor e compositor Luiz Gonzaga e da cantora e dançarina Odaléia Guedes dos Santos, que morreu quando ele tinha apenas dois anos de idade. Minha opção de trabalhar com Gonzaguinha se deu porque, além de ele ser um artista sensível à história de tantos brasileiros, pois é filho de nordestino retirante que vivia na favela, teve uma capacidade incrível de transformar as mazelas de sua época em uma espécie de denúncia, relatando em sua obra as dificuldades sociais e políticas do Brasil (Frazão, 2019b). Além disso, tenho a intenção de pensar sobre como o preconceito acontecia na década de 1970 no Brasil.

Elza Soares, cantora nascida em 1930 em um subúrbio do Rio de Janeiro, é um grande nome da música brasileira. Mulher negra com uma história de vida difícil, muitas vezes marcada por violência e pobreza, foi obrigada a casar-se com 12 anos e aos 13 já era mãe. Em sua arte, encontramos o relato dessa realidade (Fuks, 2019).

4.2 O que a arte nos diz

Meu Coração é um Pandeiro

No cenário mundial dentre outras mil
 No universo dentre as nações
 Já não és sequer apenas uma estrela
 Sendo bela quanto as mais belas constelações
 Teu passado espelha bem tanta cultura
 Teu presente mostra bem tanta fartura
 Teu futuro não eu nem posso comentar
 A emoção me cala a voz do coração
 Terra dos coqueirais e dos babaquais, é claro
 Terra dos cafezais e dos algodoais, por certo
 Terra onde o anil do céu é bem mais anil, pra sempre
 Terra do povo pacato e gentil
 Vem ver
 A sociedade no asfalto
 Gastando seu salto alto,
 Sambando a pleno vapor
 Vem ver
 Um morro na arquibancada

Apreciando a moçada
 Desfilando com garbo esplendor
 Vem ver
 Que aqui não há preconceito
 O negro tem a alma branca
 Há igualdade sem par
 Vem ver
 Esse povo hospitaleiro
 Em cujo peito há um pandeiro
 Eternamente a tocar e cada vez melhor
 Vem ver
 Esse povo hospitaleiro
 Em cujo peito há um pandeiro
 Eternamente a tocar (Gonzaguinha, 1974, faixa 3).

Partamos da música de Gonzaguinha *Meu coração é um Pandeiro*, que lindamente diz assim: “Vem ver / Que aqui há preconceito / O negro tem a alma branca / Há igualdade sem par”. Nessa bela canção de 1974, o compositor retrata de uma maneira muito delicada como o Brasil de seu tempo lidava com o preconceito. O preconceito narrado pelo poeta é o racial, mas também pode manifestar-se de formas diversas: pode ser sexual, social ou religioso.

O trecho da canção que diz “negro de alma branca” denuncia e expõe a valorização do branco como ideal e a consequente desvalorização do negro nas sociedades ocidentais, além de evidenciar como o Brasil lidava e ainda lida com o preconceito. O racismo no Brasil, nas palavras de Munanga (2017), é “difuso, sutil, evasivo, camuflado, silenciado em suas expressões e manifestações, porém eficiente em seus objetivos e algumas pessoas supunham que seja mais sofisticado e inteligente do que de outros povos” (p. 41). Gonzaguinha diz: “Vem ver / Que aqui não há preconceito / O negro tem a alma branca / Há uma igualdade sem par”. Citando Gonzalez: “que se pense, no caso brasileiro, nos efeitos da ideologia do branqueamento articulada com o mito da democracia racial. Cabe ressaltar como tais efeitos se concretizam nos comportamentos imediatos do negro ‘que se põe em seu lugar’, do ‘preto de alma branca’” (2020, p. 33).

Por esses fragmentos de sua obra, percebemos como Gonzaguinha tinha uma maneira especial e irônica de retratar o país em sua arte. Ele muitas vezes se utilizava de humor em suas canções. A Psicanálise também se interessou pelo humor.

Freud difere o humor do chiste. Como uma manifestação do inconsciente, o chiste foi relacionado por Freud (1905/2017) com a condensação e o deslocamento, mecanismos dos sonhos e, enfim, com a neurose. No chiste, há um jogo de palavras com a aparente perda de

sentido e com subsequente sentido novo, que chega *a posteriori* para o sujeito. Freud (1905/2017) retoma a escrita de Heine, poeta alemão que no livro *Reisebilder*, “Quadros de viagem”, em português, narra a história de um agente de loteria que se vangloria de ter relações próximas com um rico barão, tendo este lhe tratado de modo *famillionário*. Ocorre aqui a condensação significativa “familiar + milionário = *famillionário*”. Pergunta Lacan (1957/1999c), no Seminário 5:

Que nos diz Freud? Que reconhecemos aí o mecanismo da condensação, que ela é materializada no material do significante, que se trata de uma espécie de engavetamento, com a ajuda sabe-se lá de uma máquina, entre duas linhas da cadeia significativa (Lacan, 1957/1999c, p. 26).

Há mais um elemento no chiste; há a necessidade de um outro, a mensagem é dirigida a alguém. Conforme sustenta Lacan (1957/1999d), o discurso parte do Eu e vai para o outro, e é necessário que este outro esteja incluído no discurso, pois só assim é que se obtém a graça do irônico. Portanto, o cômico não se realiza sozinho, uma vez que, para o surgimento do elemento jocoso, no chiste, é imperativo que haja um receptor. Nesse sentido, ao receber a mensagem emitida, há uma espécie de “acordo psíquico” de elaboração, pois o ouvinte faz parte da concretização do chiste.

Já o humor se concretiza em uma única pessoa; não é necessário um outro para se obter prazer com o humor, mas isso não impede que seja compartilhado. Quando o humor é compartilhado, pode-se sentir o mesmo prazer do emissor da mensagem. No humor, segundo Freud, haveria uma grandeza de elevação que falta ao chiste:

Já é hora de nos familiarizarmos com algumas das características do humor. Como os chistes e o cômico, o humor tem algo de liberador a seu respeito, mas possui também qualquer coisa de grandeza e elevação, que faltam às outras duas maneiras de obter prazer da atividade intelectual. Essa grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade,

que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer (Freud, 1969/1996a, p. 166).

Freud considera que o humor é grande, libertador, justamente por ser uma atividade intelectual que obtém prazer das intempéries do mundo externo. Ele prossegue:

Esse último aspecto constitui um elemento inteiramente essencial do humor. Suponhamos que o criminoso levado para execução na segunda-feira dissesse: ‘Isso não me preocupa. Que importância tem, afinal de contas, que um sujeito como eu seja enforcado? O mundo não vai acabar por causa disso’. Teríamos de admitir que um discurso desse tipo apresenta de fato a mesma magnífica superioridade sobre a situação real. É sábio e verdadeiro, mas não revela traço de humor. Na verdade, baseia-se numa avaliação da realidade que vai diretamente contra a avaliação feita pelo humor. O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais (Freud, 1969/1996a, p. 166).

Utilizando as palavras de Freud, “o humor não é resignado, mas rebelde”, essa rebeldia pertencente ao humor eleva-o à dignidade dos processos mentais criados para que se desvie do sofrimento, assim transformando a dor. Na canção citada de Gonzaguinha, além de ela ser uma manifestação artística na qual o criador expõe sua dor de maneira subversiva e rebelde, criando humor, há também a exposição pública desse humor enlaçando quem ouve, provocando prazer e propondo uma saída para o mal-estar a partir dessa escuta. O humor seria, portanto, uma forma inteligente de lidar com o sofrimento, podendo-se dele retirar prazer.

Usando a arte como guia, voltemos a Gonzaguinha e à sua arte à frente de seu tempo, especialmente com a música mencionada, composta em 1974. É espantoso perceber que, mais de 40 anos depois, estamos no mesmo lugar, não evoluímos, ou será que regredimos? Ainda sentimos a ironia contida nos versos “aqui não há preconceito” ou “aqui o negro tem alma branca”, por refletirem claramente nossa realidade e apontarem o racismo velado como cultural. Mais uma vez, como analisa Mbembe (2019b), vê-se o racismo como elemento formador de nossa sociedade, ou como neurose cultural brasileira, segundo Lélia Gonzalez.

Como na canção *Meu coração é um pandeiro*, ainda nos dias de hoje, percebemos que, paralelamente ao elemento preconceituoso, temos a tentativa de negar ou camuflar essa forma de violência; ao mesmo tempo, aquilo que mantém o próprio preconceito aparecerá de modos distintos, indo desde situações invisíveis de nosso cotidiano até diferentes práticas de genocídio. Essa tentativa de encobrir revela também a tendência a não se alterarem as formas de necropolítica praticadas. Faz-se necessário o desvelamento do racismo e dos elementos que o compõem, tais como, a criminalização da pobreza e a delimitação espacial na cidade, para a construção de outras formas de política. O artista utilizou sua arte e humor para, por um lado, desvelar o racismo e, por outro, suportar essa realidade.

Segundo Mbembe (1999/2006, p. 38), “o próprio Estado empreende a tarefa de civilizar as formas de assassinar e de atribuir objetivos racionais ao ato mesmo de matar”. Nesse sentido, evidencia-se a importância da exposição clara, por meio da arte, do preconceito como constituinte de nossa sociedade, bem como da tendência de negar e ao mesmo tempo exaltar essa realidade. A recorrência do racismo, da desigualdade de gênero, do machismo ou da homofobia está relacionada à manutenção do racismo, inclusive em ato. A segregação e a violência podem ser expressas de modos diferentes, tendo como resultado único um grande sofrimento para quem é vítima.

Da música composta em 1974, pensando na arte como maneira subversiva de lidarmos com a realidade, vou para a música *A carne*, composta em 2020:

A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 Que vai de graça pro presídio
 E para debaixo do plástico
 Que vai de graça pro subemprego
 E pros hospitais psiquiátricos
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 Que fez e faz história
 Segurando esse país no braço
 O cabra aqui não se sente revoltado
 Porque o revólver já está engatilhado
 E o vingador é lento

Mas muito bem intencionado
 E esse país
 Vai deixando todo mundo preto
 E o cabelo esticado
 Mas mesmo assim
 Ainda guardo o direito
 De algum antepassado da cor
 Brigar sutilmente por respeito
 Brigar bravamente por respeito
 Brigar por justiça e por respeito
 De algum antepassado da cor
 Brigar, brigar, brigar
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra (Soares, 2002, faixa 6).

A carne é uma canção de Moro no Brasil, álbum de estreia do grupo Farofa Carioca, composta por Marcelo Yuca, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti e interpretada por Elza Soares. Na frase “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, a letra faz referência à desvalorização de certas vidas. A canção segue: “é a que vai de graça pro presídio e para debaixo do plástico”, fazendo referência à realidade prisional brasileira, em sua grande maioria formada por pessoas negras, e aos números de mortes de pessoas negras que ocorrem em nosso país, dados já apresentados neste estudo. A “carne negra”, como dito na canção, é a mais exposta a todo tipo de violência. À qual mercado a canção se refere? Pode-se pensar no mercado capitalista, que criou a figura do negro como produto de exploração, e no mercado neoliberal, que criou e cria constantemente excluídos e processos de marginalização.

O ideal branco, inclusive na estética, também aparece na música quando se diz “esse país vai deixando todo mundo preto e o cabelo esticado”. Evidenciam-se a não aceitação do cabelo ou das características físicas atribuídas aos negros e a valorização do que é tido como “de branco”, como os cabelos lisos, por exemplo.

O branco como ideal, a desqualificação de vida e a exclusão dão-se de diversas maneiras. Muitas vezes, configuram-se com violência, trazendo resultados devastadores, como aconteceu no dia 2 de junho de 2020, com a morte do menino Miguel, ocorrida na cidade do Recife, estado de Pernambuco, Brasil. Ele tinha apenas cinco anos, era filho de uma empregada doméstica que estava trabalhando, mesmo em tempos de pandemia de Covid-19.

A criança ficou aos cuidados da patroa, pois sua mãe havia levado o cachorro para passear. O menino, ao procurar pela mãe, foi colocado sozinho em um elevador, culminando com a sua queda do nono andar, o que causou sua morte (G1-Pernambuco, 2020).

A mãe pobre “não pode parar”, precisa trabalhar durante uma pandemia. Miguel foi para o trabalho com sua mãe, pois as escolas estavam fechadas em razão da pandemia do coronavírus. Fica evidente que a exploração do trabalho, nesse caso, contribuiu para a morte da criança. Porém, uma questão surge: o que aconteceria se quem tivesse morrido fosse a filha dos patrões por uma negligência da empregada? Como a canção denuncia, é o negro quem “vai de graça pro presídio”, situação cotidiana em nossa realidade. Vindo ao encontro disso, como é possível que uma pessoa tenha que trabalhar em plena pandemia?

No Brasil, a falácia do “cidadão de bem” é anunciada e usada corriqueiramente; assim, “represento tudo o que é bom”, enquanto que “o lixo é o outro” e pode ser, portanto, explorado ou descartado. A Psicanálise mostra-nos que, aceitando nossas mazelas, podemos lidar melhor com elas. Lacan (1975-176/2007), em seu Seminário 23, ensina que “a propósito do que o homem se coloque no lugar do lixo que ele é” (p. 120), na medida em que, aceitando a si próprio como lixo, não precisa imputar o lixo, o resto, a nenhum outro.

Mbembe (2019b), em sua necropolítica, traça uma relação entre biopoder e inimizades, relacionando também outros dois conceitos: estado de exceção e estado de sítio. A eleição de um inimigo detentor de características negativas é um elemento central para justificar a violência. Segundo o autor, a relação de inimizade relacionada com o estado de exceção forma uma base para a prática do direito de extermínio de determinados grupos. Apelando-se à emergência de um inimigo ficcional, ocorre a instauração de um regime de exceção, e assim a violência é justificada. A arte tem a função de fazer com que todos nós percebamos as formas de exclusão com as quais compactuamos sem que nos demos conta.

Utilizando o conceito de biopolítica de Foucault (1979/2008b), Mbembe (2019b) demonstra que há uma divisão entre as pessoas que devem morrer ou viver. É a partir dos critérios de morte, pautados em práticas racistas e segregativas, que a espécie humana é dividida em grupos. O Brasil enquadra-se nesse tipo de política no que tange à forma de lidar com nosso preconceito, que se dá especialmente pela negação, com a eleição do inimigo fictício, um estranho a ser combatido. Além da violência, seja ela física ou emocional, que tem como alvo principal o inimigo ficcional, o estranho, ou seja, populações ditas como minorias – entre elas, as pessoas homossexuais, transexuais, mulheres, negros e índios –, em

nossa nação, cresce um muro: de um lado, está o “cidadão de bem”, tendo, de outro, como seu oposto, tudo que deve ser combatido. Há uma separação clara entre o eu e o outro, “não-eu”, separação na qual o primeiro tem todas as virtudes, e o segundo, todas as características negativas – portanto, deve ser eliminado. Tal separação entre o eu e o outro está na música *As Caravanas*:

É um dia de real grandeza, tudo azul
 Um mar turquesa à la Istambul enchendo os olhos
 Um sol de torrar os miolos
 Quando pinta em Copacabana
 A caravana do Arará, do Caxangá, da Chatuba
 A caravana do Irajá, o comboio da Penha
 Não há barreira que retenha esses estranhos
 Suburbanos tipo muçulmanos do Jacarezinho
 A caminho do Jardim de Alá
 É o bicho, é o buchicho, é a charanga
 Diz que malocam seus facões e adagas
 Em sungas estufadas e calções disformes
 É, diz que eles têm picas enormes
 E seus sacos são granadas
 Lá das quebradas da Maré
 Com negros torsos nus deixam em polvorosa
 A gente ordeira e virtuosa que apela
 Pra polícia despachar de volta
 O populacho pra favela
 Ou pra Benguela, ou pra Guiné
 Sol, a culpa deve ser do sol
 Que bate na moleira, o sol
 Que estoura as veias, o suor
 Que embaça os olhos e a razão
 E essa zoeira dentro da prisão
 Crioulos empilhados no porão
 De caravelas no alto mar
 Tem que bater, tem que matar, engrossa a gritaria
 Filha do medo, a raiva é mãe da covardia
 Ou doido sou eu que escuto vozes
 Não há gente tão insana
 Nem caravana do Arará
 Não há, não há
 Sol, a culpa deve ser do sol
 Que bate na moleira, o sol
 Que estoura as veias, o suor
 Que embaça os olhos e a razão
 E essa zoeira dentro da prisão
 Crioulos empilhados no porão
 De caravelas no alto mar

Ah, tem que bater, tem que matar, engrossa a gritaria
 Filha do medo, a raiva é mãe da covardia
 Ou doido sou eu que escuto vozes
 Não há gente tão insana
 Nem caravana
 Nem caravana
 Nem caravana do Arará (Buarque, 2017, faixa 9).

O Brasil encontra-se tristemente como na música *As caravanas*, composta em 2017 pelo cantor e compositor Chico Buarque. Nesta belíssima canção, o autor retrata “um dia de real grandeza, tudo azul”, até que a paz e a tranquilidade são subitamente interrompidas com a chegada de “estranhos”, estrangeiros dentro de seu próprio país que invadem um território proibido para eles, causando pânico nos “cidadãos de bem”, que não aceitam aqueles que vêm “das quebradas da Maré”. Contra essa invasão, um grito claro, “Tem que bater, tem que matar”.

Esse pedido de extermínio retratado na canção e feito pela “população ordeira e virtuosa” parece estar sendo atendido, tanto que, na primeira quinzena de agosto de 2019, o Brasil assistiu inerte à exibição, pela imprensa, de cartas de crianças da favela da Maré no Rio de Janeiro. Nessas cartas, havia desenhos feitos por meninos e meninas moradores da Maré, contendo pedidos urgentes de socorro, tentativas de denunciar o real inominável da morte e massacre praticados pela ação da polícia na favela. Como na canção, o grito de “tem que bater, tem que matar” ecoa e faz morte. Essas problemáticas podem ser visibilizadas na reportagem do jornal *El País*, que reproduziu o conteúdo de algumas cartas, que aqui apresento (Betim, 2019).

Uma criança enviou uma carta à Justiça, “Sabe o que é perder um familiar próximo”? (Betim, 2019, para. 2). Letícia, moradora da favela da Maré, escreveu: “Boa tarde, eu queria que parasse a operação porque muitas famílias serão mortas e, agora, estou sem quarto porque vocês destruíram na operação” (Betim, 2019, para. 2), escreveu. “Todo mundo na minha escola chora. Meu irmão por causa dos policiais. E eles bateram no meu primo. Então, não quero mais ver minha família morrendo quando entram. Vocês avisem, tá? Obrigada por ler minha carta. Assinado, Letícia” (Betim, 2019, para. 2).

Segundo a mesma reportagem, um boletim semestral publicado pelas Redes da Maré demonstrou que ocorreram 27 mortes de pessoas na comunidade só no primeiro semestre de 2019, 10% a mais que ao longo de todo o ano de 2018, quando 24 pessoas foram mortas. Outro dado faz referência à ocorrência de 15 mortes nas 21 operações policiais que

aconteceram no primeiro semestre, além de outros 12 falecimentos durante os 10 confrontos entre facções criminosas que estão alojadas nas comunidades da Maré (Redes da Maré, 2019).

"Eu tenho a dizer que as operações matam muita gente e é muito triste" (Betim, 2019, para. 3), denuncia o menino William em sua carta, e ele continua: "Uma vez minha mãe saiu para ver minha avó e deu tanto tiro que me escondi atrás da máquina de lavar. É isso o que tenho a dizer" (Betim, 2019, para. 3). Em outra carta, uma criança relata: "Eu não gosto do Helicóptero, porque ele atira baixo e as pessoas morrem" (Betim, 2019, para. 1).

Figura 19

Desenhos das crianças da favela da Maré 1



Nota. Retirada de "As cartas das crianças da Maré: Não gosto do helicóptero porque ele atira e as pessoas morrem", de Betim, F., 2019, Agosto 15, *El País*. (https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/politica/1565803890_702531.html)

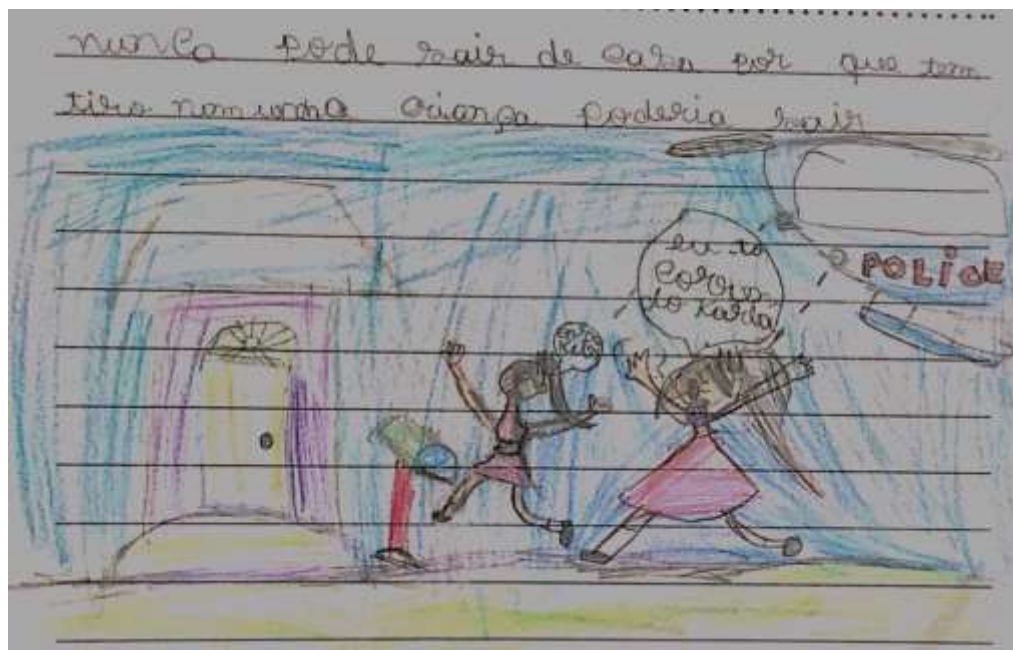
O que pensar de um país onde as crianças escrevem cartas para a Justiça pedindo que a polícia pare de matar e de ameaçar suas vidas? A divisão, no Brasil, de quem tem direito à vida e segurança é clara. Como na música *As caravanas*, há aqueles que têm a proteção da polícia, e essa mesma polícia é instrumento de extermínio de outros tantos – “tem que bater, tem que matar, engrossa a gritaria”.

Em outra carta, cujo desenho é apresentado a seguir, uma criança demonstra o desejo de sair de casa, mas não pode, pelo risco de levar tiros. As cartas mostram a existência de pessoas destinadas a morrer, a sofrer, para as quais o Estado não destina proteção alguma. Ao

contrário, é o próprio Estado que expõe essas pessoas à violência e à morte, sob uma necropolítica, ou seja, um isolamento social, conformado por um estado de exceção.

Figura 20

Desenhos das crianças da favela da Maré 2



Nota. Retirado de “As cartas das crianças da Maré: Não gosto do helicóptero porque ele atira e as pessoas morrem”, de de Betim, F., 2019, Agosto 15, *El País*. (https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/politica/1565803890_702531.html)

Outro ponto que reforça a necropolítica de Mbembe (2019b) é a eleição de um inimigo fictício. Na canção, “filha do medo, a raiva é mãe da covardia” demonstra a eleição de um inimigo ao qual devo temer; assim, o medo gera a raiva e a violência contra esse outro, estranho. Buscamos construir barreiras “para deter esses estranhos”. Não queremos proximidade com “eles”, com esses “outros”, ao mesmo tempo tão estranhos e tão semelhantes. O laço aqui se faz de duas formas: ao mesmo tempo que isola, manda trabalhar para o Brasil não parar.

Esse sentimento de estranheza foi objeto de reflexão da Psicanálise. Freud tratou do tema em *das unheimliche*, traduzido para o português, primeiramente, pela Imago Editora como *O Estranho* (Freud, 1919/1996b), depois pela Companhia das Letras como *O Inquietante* (Freud, 1919/2010e) e, posteriormente, pela Autêntica Editora como *O Infamiliar* (Freud, 2019).

Freud (1919/2010e) iniciou sua reflexão pela palavra e suas múltiplas significações. Demonstrou que, em diversas culturas, o estranho, o estrangeiro, o inquietante, é aquilo que causa horror. De início, voltando-se para o sentido da palavra e buscando-o em vários idiomas, Freud encontrou as traduções para designar *unheimliche*: *estrangeiro* ou *estranho* em grego; *inquietante* ou *sinistro* em francês; *horripilante* ou *demoníaco* em português ou italiano (1919/2010e).

Continuando em seu caminho investigativo, Freud (1919/2010e) descobre que a palavra alemã para designar o estranho, o inquietante ou infamiliar (*unheimliche*) é oposta ao *heimlich*, que designa familiar ou doméstico. Assim, é estranho ou inquietante aquilo que não é conhecido ou é não familiar; é o que causa estranheza ou horror. Em sua pesquisa acerca da palavra *heimlich*, Freud (1919/2010e) encontra seu significado como *familiar*, mas também outros sentidos que coincidem com o seu oposto. O familiar ou doméstico também pode causar horror, estranheza e inquietação, ou seja, o familiar pode ser, na verdade, não familiar. Assim, esse núcleo da palavra *estranho* em alemão indica “uma possível ligação genética entre os dois significados” (1919/2010e, p. 338), utilizando as palavras de Freud.

O estranho ou inquietante seria, portanto, algo que não deveria vir à tona, algo sobre o qual não queremos saber e que, por consequência, deveria ficar oculto. O oculto ou secreto não precisa ser algo de fora ou que venha do outro; ao contrário, pode ser algo familiar, algo do eu que emerge, mesmo porque nem tudo o que estava secreto e se apresenta para o sujeito causa a relação de estranheza. Podemos pensar, quando o preconceito vem à tona, que ele é de alguma forma exaltado, muitas vezes causa estranheza e precisa ser negado. Dessa constatação, Freud (1919/2010e) extrai a ligação entre o estranho e o recalque, quando algo do sujeito o surpreende e ele “se sente ultrapassado, pelo que ele acaba achando ao mesmo tempo mais e menos do que esperava”, nas palavras de Lacan (1964/2008d, p. 32). Então, quando algo do sujeito se revela, algo familiar se torna estranho, como quando um conteúdo inconsciente, anteriormente recalcado, surge na consciência. Freud (1919/2010e) ressalta também aspectos da dimensão infantil, como pensamento mágico e repetição, que atuam juntamente com o retorno do recalcado para formar aquilo que nos causa estranheza ou inquietação.

Por meio do racismo, o familiar também se torna estranho. Por meio do racismo, o igual, ou semelhante torna-se estranho, ou torna-se “o negro”, “o gay”: cria a diferença, cria o devir-negro ou o material humano pronto para ser consumido.

Na canção de Chico Buarque, *As Caravanas*, emergem dois componentes do estranho. O primeiro e mais óbvio é quando o morador da favela ocupa um lugar que não era para ele ocupar ou do qual não faz parte, estando dele excluído. O outro elemento é que, pela canção, o brasileiro pode dar-se conta do racismo e da segregação inerentes ao sujeito. Assustamo-nos ou surpreendemo-nos com algo nosso que, por algum motivo, escapa e surge, causando inquietação e desconforto. Nesse sentido, há um estranho que habita em mim, e sobre esse estranho nada quero saber. Do mesmo modo, também não queremos saber nada do preconceito e da segregação que possam existir em cada sujeito.

Voltando ao texto de Freud (1919/2010e), uma situação inquietante é narrada; o autor, viajando de trem, é surpreendido por um senhor que invade sua cabine. No ímpeto de pedir que ele se retire, percebe que o “invasor” é apenas a sua imagem refletida no espelho que ficava no toalete da cabine. Estranho ou familiar? Com Chico Buarque, podemos pensar no racismo da “população ordeira e virtuosa” que surge, emerge, vem à tona por meio da canção. Por outro lado, da mesma forma que a própria imagem no espelho causou estranheza ou inquietação em Freud (1919/2010e), também nos incomodamos, nos causa horror quando os outros da favela surgem, mostrando-nos a realidade, como na música de Chico Buarque.

As três canções que escolhi para discutir evidenciam algum aspecto do que busquei problematizar. A primeira música, de Gonzaguinha, evidencia o aspecto do “racismo à brasileira”, da “neurose cultural brasileira”, com o componente forte da negação em nossa maneira de sermos preconceituosos, pois, segundo o compositor, aqui “o negro tem a alma branca” e “há uma igualdade sem par”. Mesmo tendo sido escrita em 1974, a canção encontra-se espantosamente muito atual, principalmente, com a emergência recente da violência nas mais diversas expressões de preconceito, tendo como alvo quem está à margem do ideal. Conforme Quinet,

É a era do retrocesso democrático em vários países do mundo, sobretudo nos Estados Unidos e no Brasil, em que os discursos racistas, xenofóbicos, misóginos e homofóbicos saíram do armário, ou melhor, do esgoto, com uma violência tal que vai do insulto ao assassinato autorizado por esses discursos que emanam da pulsão de morte com sua vertente de segregação, exclusão e eliminação (Quinet, 2021, p. 19).

A segunda canção que abordei neste capítulo, *A carne*, aponta fortemente a desqualificação dos negros em nosso país, que são destinados à pobreza, à morte ou à prisão: “Que vai de graça pro presídio / e pra debaixo do plástico / que vai de graça pro subemprego”. Novamente com Quinet,

Levemos isso para a psicologia das massas e encontramos a eleição de uma pessoa (ou um grupo de pessoas) como inimigo a ser eliminado pela massa que vira horda. A formação da massa não é só constituída por um significante mestre (S1) sustentado por alguém que está no lugar de ideal de eu. A constituição do inimigo em comum também é o fator que sustenta a coesão do agrupamento – é a lógica do bode expiatório. Por outro lado, como formação da pulsão de morte, o ódio é destruidor dos laços sociais, nos aponta Freud (Quinet, 2021, p. 82).

Na música de Chico Buarque, fica nítido o quanto o preconceito é “insano”, no sentido de que não tem qualquer razão lógica que justifique sua prática, porém, mesmo assim, ele acontece. A paixão pelo não saber, pela ignorância, promove a onda de “tem que bater, tem que matar”. Essas manifestações artísticas têm o importante papel de denúncia, de contar o que acontece conosco. Pela arte de nossa música, podemos nos ver no espelho duplamente, ver o Brasil existente nas periferias e nos morros, ao mesmo tempo que nos vemos também como parte do país que exclui, mata e faz sofrer.

Apostando na arte, temos a possibilidade de perceber a maneira pela qual os discursos preconceituosos do Brasil de hoje e de ontem, de alguma maneira, circulam e fazem laço social, encontrando apoiadores que reproduzem, replicam ou amparam essas práticas. Quem sabe, a partir daí, possamos conseguir sair disso. A Psicanálise acredita que, com o desejo de saber, se pode criar algo novo. Contra a violência que saiu do armário, ou do esgoto, como diz Quinet, é necessária uma aposta em outra espécie de laço, que leva em conta a castração e o respeito à diferença e à singularidade, com o qual possamos não apenas denunciar nossas mazelas, mas também, pelas denúncias, lidar com a realidade, buscando modos de transformá-la.

O que seria essa outra espécie de laço? O que estou querendo evidenciar é que, quando ouvimos do presidente da República frases como “negro não serve nem para procriar” ou “o filho era gayzinho e apanhou para virar homem”, temos uma espécie de valorização da

violência e estímulo à eliminação da diferença, com a autorização ditada pelo discurso do mestre, discurso que, como vimos, faz laço, legitima e autoriza uma série de atos, unindo pessoas em torno dele. Já quando ouvimos Elza Soares, com sua singular e belíssima voz, cantar “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, ou Gonzaguinha, quando canta “O negro de alma branca”, ou ainda, Chico Buarque, em “tem que bater, tem que matar”, também temos a formação de laço. Também aí ocorre a legitimação e a autorização de uma série de atos e se unem pessoas em torno disso, mas é outra espécie de laço, levando em conta e respeitando a singularidade.

O que a Psicanálise pode frente aos discursos do mestre e do capitalismo? Escolho pensar na Psicanálise como uma aposta no desejo de saber e na constituição de outra es: de laço social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como objetivo a compreensão sobre o modo como o preconceito tornou-se uma espécie de reconhecimento de si e do outro. Esse reconhecimento tornou-se uma forma laço social. A partir desse objetivo e do percurso conceitual e empírico da pesquisa, formulou-se como problema a seguinte questão: “Como a emergência de manifestações e práticas preconceituosas enlaçam uma grande parcela da população?”. Trata-se de uma investigação que se situa no campo da Psicologia da Saúde, entendendo saúde de forma ampliada, na medida em que envolve processos sociais e coletivos não restritos a um corpo doente, mas às relações que constituem os modos como vivemos.

Na presente tese discuti a recente emergência no Brasil de diversas formas de preconceito que se tornaram evidentes no país, fazendo laço e repercutindo em vários segmentos da sociedade, e assim buscando propor um olhar sobre esse laço. Para tanto, utilizei da epistemologia psicanalítica, de maneira que o inconsciente e suas manifestações foram fundamentais para articular as discussões. Em minha pesquisa, utilizei de diversas falas preconceituosas, retiradas de cenas cotidianas, provenientes de pessoas comuns, bem como manifestações de preconceito expressas pela internet ou noticiadas pelos meios de imprensa, de pessoas comuns ou autoridades políticas, refletindo sobre como o preconceito se apresenta e de como racismo constitui nossa sociedade e como ele a estrutura.

A pesquisa foi desenvolvida em consonância com os acontecimentos da história recente do país, assim, o trabalho foi sendo escrito, produzido e transformado no compasso dos acontecimentos e na sua relação com eventos atuais sendo especialmente motivado pela emergência em diversos países, e notadamente no Brasil de manifestações de preconceito que invadiram nosso cotidiano, ao mesmo tempo, que tais manifestações geram e autorizam diversas práticas ou políticas fascistas.

Início meus estudos em 2017 momento no qual muitos países do mundo estão as voltas com expressões conservadoras ligadas a movimentos de extrema direita. No Brasil, em 2018, a direita chega ao governo federal após uma campanha marcada pela presença de discursos de ódio expressos por apoiadores e pelos próprios candidatos, de forma que o preconceito se tornou de alguma maneira uma forma de aproximação com outro. O preconceito se torna um ideal e união de grupos a partir dele. Como a pesquisa se refere ao preconceito e suas manifestações, me apoiei em autores afrodiaspóricos, além de autoras do movimento feminista, que foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho no

diálogo com a Psicanálise de modo a compreender que o preconceito faz laço social a partir de um racismo estrutural.

Ressaltando que o preconceito, que me propus a estudar, não se configura como algo novo, de maneira que o tema foi tratado em minha pesquisa a partir do racismo estrutural, formador da sociedade brasileira, como trabalhei no segundo capítulo da tese, que tem como título “Racismo em sentido amplo – devir negro”. Minha proposta foi pensar sobre os discursos preconceituosos que, por um lado mesmo não se configurando com uma “novidade”, de outro, é evidente que algo mudou, pois, tais manifestações, passaram a invadir o país, ou seja, foram exaltados de alguma forma e quais as condições para que essa exaltação se apresente.

Na busca do entendimento sobre o preconceito em suas formas de manifestações, tornou-se imperativo que buscasse a compreensão sobre o racismo, na medida que entendo que o racismo se apresenta como condição de possibilidade para os discursos preconceituosos. Seguindo o entendimento de alguns autores, que o capitalismo criou o negro e o racismo, ou seja, a possibilidade de mercantilização dos sujeitos, como o neoliberalismo surge o devir-negro, condição de subalternização e exploração que não se refere de maneira exclusiva às pessoas de origem afrodiaspóricas, mas todos aqueles que estão de qualquer maneira a margem do ideal.

A partir de algumas questões norteadoras, discuti também alguns conceitos importantes para a compreensão da operacionalização do preconceito, a partir da exaltação de determinadas práticas e negação de outras. Assim, mesmo que se tenha conhecimento do racismo praticado as claras no Brasil, ainda há um jogo, que a expressão as claras se opera pela condição de ser negado, e como a negação compõe o preconceito aqui praticado.

A negação/exaltação de discursos e práticas preconceituosas se estruturam a partir de uma sociedade racista que também tem esse racismo negado e exaltado. Para a Psicanálise o que é negado simbolicamente, volta simbolicamente através das formações do inconsciente. No ocidente, o racismo se estrutura na base, na constituição das sociedades, e a negação tem um papel no racismo praticado no Brasil. Entendo que quando se nega o racismo esse sentimento de hostilidade não é aceito pelo eu, sendo recalcado, volata como sintoma. Sintoma que se estrutura como um sintoma coletivo, ou neurose cultural brasileira.

A neurose se estrutura também quando uma frase de conteúdo preconceituoso é emitida e logo em seguida é desconsidera, desculpada, ou pensada como uma brincadeira, de

forma que não se tem a dimensão da gravidade do que foi dito. A identificação pode contribuir para essa não percepção, na medida que admitir que um conteúdo agressivo foi dito por alguém que há uma identificação seria o mesmo que admitir esse conteúdo fazer parte de quem se sente identificado. A identificação também faz parte do laço social, as sociedades se constituem com uma espécie de laço, algo que une os sujeitos. Para a psicanálise há além do amor, também a hostilidade que permite que o sujeito se constitua por um coletivo.

Assim, o racismo torna-se um dos modos de enlace dos sujeitos em uma sociedade e essa sociedade, também é produtora de uma série de preconceitos. Os discursos são estruturas necessárias para o laço social, os quais ultrapassam as palavras. Nas sociedades as pessoas agem de forma determinada, ocupam determinados papéis, criando e recriando laços sociais. O preconceito circula nos discursos, enlaça as pessoas e propicia que uma série de atos aconteçam. Desse modo, os discursos que sustentam o preconceito referem-se ao discurso do mestre e do capitalista.

No terceiro capítulo, da tese que tem como título “O discurso racista formador do laço social” discuti o racismo como o constituinte do laço social e formador das sociedades, considerando os jogos de negação/exaltação e o devir negro, pensando, assim, na dimensão do preconceito como uma prática que nos constitui enquanto sociedade.

Conforme proposto pela Psicanálise há quatro discursos, a saber: discurso do mestre, discurso universitário, discurso da histórica e discurso do analista, como estrutura significante que rege o vínculo social entre os sujeitos. Posteriormente ele teorizou sobre um discurso a mais: discurso do capitalista. Nesta parte de seu ensino, Lacan pensa a experiência analítica no campo do discurso, discurso formador de laço e na pesquisa deste trabalho os discursos são pensados nos laços sociais. Durante todo meu trabalho analisei falas, narrativas preconceituosas que de várias maneiras circulam na sociedade formando laço e que permitiram compreender como o racismo, no seu jogo entre afirmação/exaltação e negação, apresenta-se nesse laço.

Neste momento do trabalho, seguindo os passos de alguns autores entendo que através do laço do discurso do mestre, encarnado por autoridades públicas, que se revestem de Um absoluto, os quais se manifestam com as mais diversas formas de preconceito e de agressividade, propicia que o preconceito prolifere no Brasil. A Psicanálise denominou de massa organizada, tendo o exército e a igreja como expressões exemplares de funcionamento social. A massa se constitui de regras às quais os sujeitos estão submetidos, e o discurso do

mestre que a estrutura. Há, portanto uma identificação vertical com o líder, bem como há também uma identificação entre os membros, que por outro lado, excluem quem de qualquer modo não faz parte.

Através da análise de diversas narrativas, que circularam, foram apoiadas, replicadas, ou seja, fizeram laço social, com a retórica de se tratar de apenas uma brincadeira ou liberdade de expressão manifestações machistas, racistas, homofóbicas, ou de qualquer maneira preconceituosas se tornaram frequentes, apoiadas no discurso do mestre. O ódio dirigido ao outro, ao semelhante, ou ao diferente, foi autorizado.

Neste capítulo abordei também o Discurso Capitalista, como um discurso a mais por se diferenciar na estrutura dos demais, bem como por, ao contrário dos demais discursos, não promove o laço social. O Discurso Capitalista, produto do Discurso do Mestre, é a forclusão do laço, tendo o outro como uma mercadoria a ser explorado. Tem-se assim, a demanda de consumos insaciável, e com isso, para se consumir há uma obrigação de trabalho excessiva e de subalternização de certas vidas.

O Brasil, recentemente vivencia, mesmo em plena pandemia de Coronavírus, a ordem do Discurso Capitalista, na qual a economia não pode parar, mesmo que isso leva a consumir milhares de vidas. O racismo foi criado pelo discurso capitalista, e sua expressão atual é o neoliberalismo, que por sua vez, cria novas formas de exploração. Temos, portanto, material humano explorado, nas palavras de Lacan, ou Devir-negro, pensando com Mbembe.

No Discurso Capitalista não há a promoção do laço social, ao contrário, o que se produz é a diferença na qual uns têm acesso a bens do consumo e outros são consumidos na tentativa de ter acesso a esses bens.

Na minha pesquisa, considerou-se que o racismo estrutural possibilita a ocorrência de manifestações de qualquer forma preconceituosas, ou seja, tais manifestações já existiam, ou seja, o preconceito já se fazia uma realidade, especialmente no Brasil, mas que “pela batuta do Discurso do Mestre” utilizando as palavras de Quinet, ganharam mais força, e palco, atingindo de forma direta e indireta um grande número de pessoas. Na vigência do Discurso Capitalista, se propaga a ideia, que o “Brasil não pode parar”, não se pode fazer nada, as pessoas precisam trabalhar, expondo a população brasileira, especialmente a população mais vulnerável a morte.

O que pode a psicanálise frente a essa realidade? No último capítulo da tese propus a responder essa questão, que se engendrou a partir do problema de pesquisa da tese. Assim

apostei na arte, mais especificamente na música, como uma forma de saída para lidarmos com o mal-estar. A música na minha pesquisa tem, primeiramente como uma espécie de denúncia, ou seja, uma forma de sairmos da negação e pudéssemos enxergar de maneira mais clara a realidade. Por fim, e mais importante, a música foi como uma aposta em outra espécie de laço, uma aposta na união ou enlaçamento social em torno de algo maior, que respeite a singularidade e a diferença.

REFERÊNCIAS

- Almeida, R. & Mariani, D. (2018, 3 Maio). Qual o perfil da população carcerária brasileira: Indicadores de gênero, raça, escolaridade e nacionalidade nos presídios e na população brasileira. *Nexo Jornal*. <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/01/18/Qual-o-perfil-da-popula%C3%A7%C3%A3o-carcer%C3%A1ria-brasileira>.
- André, S. (2011). *O que quer uma mulher?* (2a. ed., D.D. Estrada, Trad.). Zahar.
- Barros, G. (2019, 2 Abril). Jovens são acusadas de racismo nas redes ao destratar funcionário de lanchonete. *O Globo*. https://oglobo.globo.com/rio/jovens-sao-acusadas-de-racismo-nas-redes-ao-destratar-funcionario-de-lanchonete-23567744?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo&fbclid=IwAR0WbgQVJBXP9Q4rHXRXYtcQ2OnjXI5QsvQhyMRrNoJez-Jj6He9wFMIQh4
- BBC News Brasil. (2020, 7 Julho). Relembre frases de Bolsonaro sobre a covid-19. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>
- Betim, F. (2019, 15 Agosto). As cartas das crianças da Maré: “Não gosto do helicóptero porque ele atira e as pessoas morrem”. *El País – Brasil*. https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/politica/1565803890_702531.html
- Bortoni, L. (2018, 16 Maio). Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo. *Rádio Senado*. <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2018/05/16/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>
- Buarque, C. (2017, 15 Agosto). As Caravanas. As *Caravanas* [CD]. Biscoito Fino.
- Butler, J. (2015). Vida precária, vida passível de luto. In J. Butler, *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto* (pp. 13-55). Civilização Brasileira.
- Burgarelli, C. G. (2020, 24 Junho). *Freud no século XXI: a psicanálise em tempos de guerra, morte e censura à ciência, à história, à cultura e à arte*. [Comunicação pessoal em evento para Instituto e Clínica Dimensão e Universidade Federal de Goiás – WORD].
- Carneiro, S. (2017, 9 Maio). *Sobrevivente, testemunha e porta-voz* [Entrevista concedida a] Bianca Santana. *Revista Cult*. <https://revistacult.uol.com.br/home/sueli-carneiro-sobrevivente-testemunha-e-porta-voz/>
- Carneiro, S. (2021, 7 Maio). *Plano de Bolsonaro para os negros é o extermínio ou a submissão, diz Sueli Carneiro*. [Entrevista concedida a] Marina Lourenço e Walter Porto. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/05/plano-de-bolsonaro-para-os-negros-e-o-extermínio-ou-a-submissão-diz-sueli-carneiro.shtml>
- Castro, A. (2019, 8 Novembro). A onda conservadora: os ataques da direita nos quatro cantos do mundo. *Jornal Dois*. <http://jornaldois.com.br/onda-conservadora/>

- Canzian, F. (2021, 20 Abril). Atrás de renda e sem home office, pobres morrem mais de Covid. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/04/atras-de-renda-e-sem-home-office-pobres-morrem-mais-de-covid.shtml>
- Cipriani, J. (2018, 14 Abril). Veja 10 frases polêmicas de Bolsonaro que o deputado considerou 'brincadeira'. *Jornal Estado de Minas*. https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml
- Congresso em Foco. (2020, 1 Abril). Gripezinha” e “histeria”: cinco vezes em que Bolsonaro minimizou o Coronavírus. <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/gripezinha-e-histeria-cinco-vezes-em-que-bolsonaro-minimizou-o-coronavirus/>
- Constituição da República Federativa do Brasil [recurso eletrônico]. (1988/2019). Atualizada até a Emenda Constitucional nº 101, de 03 de julho de 2019. Imprensa Oficial. https://www.impressaoficial.com.br/downloads/pdf/Constituicoes_declaracao.pdf
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. (H. R. Candiani, Trad.).[Ebook – Kindle]. Boitempo.
- Davis, A. (2018). *Liberdade é uma luta constante*. [Ebook – Kindle] Boitempo.
- Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. (1940). Código Penal. *Diário Oficial da União*, Brasília – DF. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm
- Dicio – Dicionário Online de Português. (2020). *Significado de Nome*. In dicio.com Recuperado de <https://www.dicio.com.br/nome/>
- Do UOL – SP, (2020, 4 Abril). “Eu não sou coveiro”, diz Bolsonaro sobre número de mortes por covid-19. *UOL – Política*. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/20/eu-nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-sobre-numero-de-mortes-por-covid-19.htm>
- Dunker, C. I. L., Paulon, C. P., & Milán-Ramos, J. G. (2016). *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas*. (1a. ed.). Estação das Letras e Cores.
- Estadão Conteúdo. (2021, 26 Fevereiro). Bolsonaro ameaça: quem fizer lockdown terá que bancar o auxílio emergencial. *Jornal Estado de Minas – Política*. https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/02/26/interna_politica,1241462/bolsonaro-ameaca-quem-fizer-lockdown-tera-que-bancar-o-auxilio-emergencial.shtml
- Evaristo, C. (2018, Julho). *Conceição Evaristo: imortalidade além de um título* [Entrevista concedida a] Ivana Doralí. Revista Periferias. <https://revistaperiferias.org/materia/conceicao-evaristo-imortalidade-alem-de-um-titulo/>

- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. (R. da Silveira, Trad.). EDUFBA. (Original obra publicada 1952)
- Fellet, J. (2020, 29 Janeiro). Os 5 principais pontos de conflito entre governo Bolsonaro e indígenas. *BBC News - Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51229884>
- Ferreira, T. & Vorcaro, A. (2018). *Pesquisa e Psicanálise: do campo à escrita*. Autêntica Editora.
- Ferreira, P. (2019, 27 Junho). *Brasil registrou 1.685 denúncias de violência contra LGBTs em 2018. O GLOBO*. <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-registrou-1685-denuncias-de-violencia-contralgbts-em-2018-23769474>
- Figueiredo, L. C. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt
- Folha de São Paulo. (2020, 6 Junho). Governo deixa de informar total de mortes e casos de Covid-19; Bolsonaro diz que é melhor para o Brasil. <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/06/governo-deixa-de-informar-total-de-mortes-e-casos-de-covid-19-bolsonaro-diz-que-e-melhor-para-o-brasil.shtml>
- Foucault, M. (2008a). *História da loucura: na idade Clássica*. (J. T. Coelho Neto, Trad.). Perspectiva. (Original obra publicada 1972)
- Foucault, M. (2008b). *O Nascimento da Biopolítica: Curso Collège de France (1978-1979)*. (E. Brandão, Trad.). Martins Fontes. (Original obra publicada 1979)
- Frazão, D. (2019a, 16 Setembro). Biografia de Chico Buarque de Holanda. *Ebiografia*. https://www.ebiografia.com/chico_buarque/
- Frazão, D. (2019b, 18 Setembro). Biografia de Gonzaguinha. *Ebiografia*. <https://www.ebiografia.com/gonzaguinha/>
- Freud, S. (1996a). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI, J. Salomão, Trad.. J. Strachey, Notas e Comentários, A. Freud Colaboração. Imago. (Original obra publicada 1969)
- Freud, S. (1996b). “O estranho”. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XVII, J. Salomão, Trad.. J. Strachey, Notas e Comentários, A. Freud Colaboração, pp. 235-273). Imago. (Original obra publicada 1919)
- Freud, S. (2010a). Novas conferencias introdutórias à psicanálise. In S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. (Obras completas, Vol. XVIII, P. C. de Souza, Trad. pp. 124-321). Companhia das letras. (Original obra publicada 1933)

- Freud, S. (2010b). O inconsciente [1915]. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. (Obras completas Vol. XVII, P. C. de Souza, Trad., pp. 99-138). Companhia das letras. (Original obra publicada 1915)
- Freud, S. (2010c). Introdução ao narcisismo [1914]. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. (Obras completas, Vol. XVII, P. C. de Souza, Trad., pp. 13-50). Companhia das letras. (Original obra publicada 1914)
- Freud, S. (2010d). Mal-estar na civilização. In S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. (Obras completas, Vol. XVIII, P. C. de Souza, Trad., pp. 13-123). Companhia das letras. (Original obra publicada 1930)
- Freud, S. (2010e). O inquietante. In S. Freud, *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos") além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. (Obras Completas Vol. XIV, P. C. de Souza, Trad., pp. 328-376). Companhia das Letras. (Original obra publicada 1919)
- Freud, S. (2011a). Psicologia das Massas e análise do eu. In S. Freud, *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. (Obras completas Vol. XV, P. C. de Souza, Trad., pp. 13-113). Companhia das letras. (Original obra publicada 1921)
- Freud, S. (2011b). A negação [1925]. In S. Freud, *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. (Obras completas, Vol. XVI, P. C. de Souza, Trad., pp. 275-282). Companhia das Letras. (Original obra publicada 1925)
- Freud, S. (2011c). Prólogo a Juventude Abandonada de Augst Aichorn. In S. Freud, *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. (Obras completas, Vol. XVI, P. C. de Souza, Trad., pp. 347-349). Companhia das Letras. (Original obra publicada 1923-1925)
- Freud, S. (2012a). Totem e tabu [1912-1913]. In S. Freud, *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. (Obras completas, Vol. XI, P. C. de Souza, Trad., pp. 13-244). Companhia das letras. (Original obra publicada 1912-1913)
- Freud, S. (2012b). O Moisés de Michelangelo [1914]. In S. Freud, *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. (Obras completas, Vol. XI, P. C. de Souza, Trad., pp. 373-412). Companhia das letras. (Original obra publicada 1914)
- Freud, S. (2013). O Tabu da Virgindade. In S. Freud. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. (Obras Completas, Vol. IX, P. C. de Souza, Trad., pp. 366-387). Companhia das letras. (Original obra publicada 1917)

- Freud, S. (2014). A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial [1926]. In S. Freud. *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. (Obras completas Vol. XVII, P. C. de Souza, Trad.. pp. 124-230). Companhia das letras. (Original obra publicada 1926)
- Freud, S. (2016a). *Estudos sobre a Histeria (1893-1895)*. (Obras Completas, Vol. II, L. Barreto & P. C. de Souza, Trad.). Companhia das letras. (Original obra publicada 1970)
- Freud, S. (2017). *O chiste e sua relação com o inconsciente [1905]*. (Obras completas, Vol. VII, F. C. Mattos & P. C. de Souza, Trad.). Companhia das letras. (Original obra publicada 1905)
- Freud, S. (2018). Moisés e monoteísmo: três ensaios (1939 [1934-1938]). In S. Freud, *Moisés e o monoteísmo: Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937- 1939)*. (Obras completas, Vol. XIX, P. C. de Souza, Trad., pp. 13-188). Companhia das letras. (Original obra publicada 1939 [1934-1938])
- Freud, S. (2019). O infamiliar [*Das Unheimliche*] seguido de O homem da Areia / E.T.A. Hoffmann (1856-1930). In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud*. (Vol. 8, E. Chaves & P. H. Tavares, Trad., R. Freitas, Trad. [O homem da areia]). Autêntica.
- Fuks, R. (2019, 13 Novembro). Biografia de Elza Soares. *Ebiografia*. https://www.ebiografia.com/elza_soares/
- Fuks B. B. (2020, 12 Junho). Da Linguagem do Terceiro Reich e da Linguagem do Bolsonarismo. *Psicanalistas pela Democracia*. <https://psicanalisedemocracia.com.br/2020/06/da-linguagem-do-terceiro-reich-e-da-linguagem-do-bolsonarismo-por-betty-bernardo-fuks/>
- G1 – Globo. (2020, 17 Janeiro). Secretário nacional da Cultura, Roberto Alvim faz discurso sobre artes semelhante ao de ministro da Propaganda de Hitler. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/secretario-nacional-da-cultura-roberto-almim-faz-discurso-sobre-artes-semelhante-ao-de-ministro-da-propaganda-de-hitler.ghtml>
- G1 – Pernambuco. (2020, 5 Junho 5). Caso Miguel: como foi a morte do menino que caiu do 9º andar de prédio no Recife. *G1 – Globo*. <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a-morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml>
- G1 – Rio. (2020, 19 Maio). Morte de adolescente João Pedro durante ação policial causa comoção na web. *G1 – Globo*. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/19/morte-do-menino-joao-pedro-durante-acao-policial-causa-comocao-na-web.ghtml>
- G1 – Rio & TV Globo. (2019, 14 Fevereiro). Jovem morre após 'gravata' de segurança em mercado na Barra. *G1 – Globo*. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/14/jovem-morre-apos-gravata-de-seguranca-em-mercado-na-barra.ghtml>

janeiro/noticia/2019/02/14/jovem-e-levado-desacordado-a-hospital-apos-gravata-de-seguranca-em-hipermercado-na-barra-rio.ghml

G1 – Rio Preto & Araçatuba. (2020, 28 Setembro). Casal gay é vítima de ataque homofóbico em clínica veterinária: 'Isso não é de Deus', diz agressora. *G1 – Globo*. <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2020/09/28/casal-gay-e-vitima-de-ataque-homofobico-em-clinica-veterinaria-isso-nao-e-de-deus.ghml>

G1 – RS. (2020, 20 Novembro). Homem negro é espancado até a morte em supermercado do grupo Carrefour em Porto Alegre. *G1 – Globo*. <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghml>

Gerbelli, L. G. (2019, 16 Outubro). Concentração de renda volta a crescer no Brasil em 2018, diz IBGE. *G1 – Globo*. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/10/16/concentracao-de-renda-volta-a-crescer-no-brasil-em-2018-diz-ibge.ghml>

Gomes, I. & Marli, M. (2018, 11 Maio). IBGE mostra as cores da desigualdade. *Agência do IBGE; Revista Retratos*. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>

Gonzaguinha. (1974). Meu coração é um Pandeiro. *Luiz Gonzaga Jr* [CD]. Gravadora: EMI-Odeon.

Gonzalez, L. (1984). Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 223-244. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf

Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Zahar.

Graner, F. & Simão, E. (2021, 3 Abril). Bolsonaro volta a criticar políticas de lockdown e deixa em aberto possibilidade de se vacinar. *Valor Investe*. <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2021/04/03/bolsonaro-volta-a-criticar-politicas-de-lockdown-e-deixa-em-aberto-possibilidade-de-se-vacinar.ghml>

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2017). *Atlas da violência 2017*. Rio de Janeiro: IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada / FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Recuperado de <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/atlas-2017>

João Filho. (2019, 24 Novembro). Câmara foi racista ao passar pano em racismo de deputados do PSL. *The Intercept*. <https://theintercept.com/2019/11/24/racismo-psl-camara-bolsonarismo/>

- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Kon, N. M., Abud, C. C., & Silva, M. L. da. (2017). *O racismo e o negro no brasil: questões para psicanálise*. (1a. ed.). Perspectiva.
- Lacan, J. (1992). *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise [1969-1970]*. (2a. ed., A. Roitman, Trad.). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1969-1970)
- Lacan, J. (1995). *Seminário, livro 4: a relação de objeto*. (D. D. Estrada, Trad.). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1956-1957)
- Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, Trad., pp. 238-324). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1953)
- Lacan, J. (1998b). Para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, Trad., pp. 734-745). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1958)
- Lacan, J. (1998c). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud. In J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, Trad., pp. 496- 536). Jorge Zahar. (Original obra publicada 1957)
- Lacan, J. (1998d). O seminário sobre “A carta roubada”. In J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, Trad., pp. 13-68). Jorge Zahar. (Original obra publicada 1966)
- Lacan, J. (1999a). *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1957-1958)
- Lacan, J. (1999b). O Miglionário. In J. Lacan, *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. (V. Ribeiro, Trad., pp. 50-68). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1957)
- Lacan, J. (1999c). O familionário. In J. Lacan, *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. (V. Ribeiro, Trad., pp. 11-29). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1957)
- Lacan, J. (1999d). O Fátuo-Milionário. In J. Lacan, *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. (V. Ribeiro, Trad., pp. 30-49). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1957)
- Lacan, J. (2003a). Proposição de 9 de outubro de 1967. In J. Lacan, *Outros escritos*. (V. Ribeiro, Trad., pp. 248-264). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1967)
- Lacan, J. (2003b). Televisão. In J. Lacan, *Outros escritos*. (V. Ribeiro, Trad., pp. 508-543). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1973)

- Lacan, J. (2003c). O Aturdido. In J. Lacan, *Outros escritos*. (V. Ribeiro, Trad., pp. 448-497.). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1972)
- Lacan, J. (2003d). Radiofonia. In J. Lacan, *Outros escritos*. (V. Ribeiro, Trad., pp. 400-447). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1970)
- Lacan, J. (2007). *Seminário, livro 23: o sinthoma [1975-1976]*. (2a. ed., S. Laia, Trad.). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1975-1976)
- Lacan, J. (2008a). *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (M. D. Magno, Trad.). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1964)
- Lacan, J. (2008b). Deus e o Gozo D'A. In J. Lacan. *Mulher Seminário, livro 20: Mais ainda (1972-1973)*. (M. D. Magno, Trad., pp. 70-83). Zahar Ed. (Original obra publicada 1973)
- Lacan, J. (2008c). *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. (A. Quinet, Trad.). Zahar Ed. (Original obra publicada 1959-1960)
- Lacan, J. (2008d). O inconsciente freudiano e o nosso. In J. Lacan, *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (M. D. Magno, Trad., pp. 25-35). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1964)
- Lacan, J. (2010a). Introdução ao Entwurf. In J. Lacan, *Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. (2a. ed., M. C. L. Penot & A. L. Q. de Andrade, Trad., pp. 131-157). Zahar Ed. (Original obra publicada 1955)
- Lacan, J. (2010b). Introdução ao grande Outro. In J. Lacan, *Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. (2a. ed., M. C. L. Penot & A. L. Q. de Andrade, Trad., pp. 318-335). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1955)
- Lacan, J. (2010c). *Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. (2a. ed., M. C. L. Penot & A. L. Q. de Andrade, Trad.). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1978)
- Lacan, J. (2016a). *Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. (1a. ed., C. Berliner, Trad.). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1958-1959)
- Lacan, J. (2016b). Não há Outro do Outro. In J. Lacan, *Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. (1a. ed., C. Berliner, Trad.). Jorge Zahar Ed. (Original obra publicada 1959)
- Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002. (2002, 10 Janeiro). Institui o Código Civil. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm
- Madeiro, C. (2020, 2 Junho). Covid mata 55% dos negros e 38% dos brancos internados no país, diz estudo. Website Uol. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas->

noticias/redacao/2020/06/02/covid-mata-54-dos-negros-e-37-dos-brancos-internados-no-pais-diz-estudo.htm

- Magri, D. (2021, 18 Março). Negacionistas da pandemia promovem caçada contra jornal no interior de São Paulo. *El País – Brasil*. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-19/negacionistas-da-pandemia-promovem-cacada-contr-jornal-no-interior-de-sao-paulo.html>
- Martello, A. & Mazui, G. (2021, 23 Abril). Governo diz que Orçamento não prevê recursos para o Censo e que pesquisa não ocorrerá em 2021. *G1 - Globo*. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/04/23/governo-diz-que-orcamento-nao-preve-recursos-para-o-censo-e-que-pesquisa-nao-ocorrera-2021.ghtml>
- Mbembe, J. A. (2006). *Necropolítica: seguido de " Sobre el gobierno privado indirecto"*. (E. F. Archambault, Trad.). Melusina. (Original obra publicada 1999). <https://aphuuruguay.files.wordpress.com/2014/08/achille-mbembe-necropolc3adtica-seguido-de-sobre-el-gobierno-privado-indirecto.pdf>
- Mbembe, A. (2019a). *Crítica da razão negra*. (3a. ed., S. Nascimento, Trad.). n-1 edições.
- Mbembe, A. (2019b). *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. (1a. ed. 4 reimp., R. Santini, Trad.). n-1 edições.
- Melo, T. de. (2020, 17 Janeiro 17). Alvim caiu, mas Goebbels não. *Revista Cult*. <https://revistacult.uol.com.br/home/roberto-alvim-goebbels/>
- Mesquita, L. (2018, 9 Novembro). Denúncias de discurso de ódio online dispararam no 2º turno das eleições, diz ONG. *BBC New – Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46146756>
- Michaelis. (2020). *Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/racismo/>
- Milena, L. (2016, 6 Setembro). Para Jessé Souza, golpe nasceu em junho de 2013. *Jornal GNN*. <https://jornalggn.com.br/na-sala-de-visitas-com-luis-nassif/para-jesse-souza-golpe-nasceu-em-junho-de-2013/>
- Mori, L. (2018, 26 Outubro). Eleições 2018: 'Meu irmão ameaçou me proibir de ver minhas sobrinhas' - o pleito que dividiu famílias. *BBC New – Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45987863>
- Munanga, K. (2017). As Ambiguidades do racismo a brasileira. In Kon, N. M., Abud, C. C., & Silva, M. L. da. (Orgs.), *O racismo e o negro no brasil: questões para psicanálise*. (1a ed., pp. 33-44). Perspectiva.

- Nina, F. (2017, 10 Novembro). Filósofa Judith Butler é agredida em Congonhas antes de deixar São Paulo. *Época*. <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/11/filosofa-judith-butler-e-agredida-em-congonhas-antes-de-deixar-sao-paulo.html>
- Noguera, R. (2016). Dos condenados da terra à necropolítica: Diálogos filosóficos entre Frantz Fanon e Achille Mbembe. *Revista Latinoamericana do Colégio Internacional de Filosofia*, 1(3), 59-73. <http://www.revistalatinoamericana-ciph.org/wp-content/uploads/2018/02/RLCIF-3-Dos-condenados-da-terra.pdf>
- O Dia. (2019, 19 Novembro). Deputado do PSL quebra obra em exposição sobre Consciência Negra na Câmara; assista. *Isto É*. <https://istoe.com.br/deputado-do-psl-quebra-obra-em-exposicao-sobre-consciencia-negra-na-camara-assista/>
- Ono, Yoko & Lenon, J. (1972, 24 Abril). Woman Is The Nigger Of The World. “Some Time in New York City” [CD]. Record Plant East. (Website Letras.mus.br, Trad.) [Rhttps://www.letras.mus.br/john-lennon/79782/traducao.html](https://www.letras.mus.br/john-lennon/79782/traducao.html)
- Prates, L. (2020 7 Abril). O Inominável. *Jornal GGN*. <https://jornalggn.com.br/artigos/o-inominavel-por-ana-laura-prates/>
- Pinto, A. E. de S. (2019, 14 Abril). Para 9 entre 10, violência contra mulheres aumentou, diz Datafolha. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/para-9-entre-10-violencia-contra-mulheres-aumentou-diz-datafolha.shtml?origin=uol>
- Pipoca Moderna. (2021, 18 Abril). Pastor que ora pela morte de Paulo Gustavo será processado. *Terra*. <https://www.terra.com.br/diversao/gente/pastor-que-ora-pela-morte-de-paulo-gustavo-sera-processado,01434ee92a1e99c77933de160b8e2e843pyz4eip.html>
- Quinet, A. (2000). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Zahar.
- Quinet, A. (2006). *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Zahar.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan* (PAP - Psicanálise). [Edição do Kindle]. Zahar.
- Quinet, A. (2019, 22 Maio). Como viramos fascistas? *Jornal GGN*. <https://jornalggn.com.br/artigos/como-viramos-fascistas-por-antonio-quinet/>
- Record News. (2019, 2 Abril). *Jovens ofendem funcionário de lanchonete e são acusadas de racismo* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=hEpP26Cv26Y>
- Redação Brasil de Fato. (2020, 3 Junho). Presidente da Fundação Palmares chama movimento negro de "escória maldita". *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/03/presidente-da-fundacao-palmares-chama-movimento-negro-de-escoria-maldita>

- Redação Jornal de Brasília. (2019, 27 Novembro). Não existe racismo segundo o novo presidente da Fundação Palmares. *Jornal de Brasília*. <https://jornaldebrasil.com.br/nahorah/nao-existe-racismo-segundo-o-novo-presidente-da-fundacao-palmares/>
- Redação Veja São Paulo. (2019, 2 Abril). Jovens xingam funcionário de lanchonete e são acusadas de racismo. *Veja São Paulo*. <https://veja.abril.com.br/cidades/bobs-racismo-jovens-xingam-funcionario/>
- Redes da Maré. (2019). *Boletim Direito à Segurança Pública na Maré*. https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/BoletimSegPublica_EdicaoEspeci.pdf
- Rede TV. (2019, 7 Maio). *Luciana By Night com Jair Bolsonaro* [Vídeo] YouTube. R https://www.youtube.com/watch?v=xMDcEo0_BV0
- Resende, T. & Brant, D. (2019, 25 Dezembro). Bolsonaro faz cortes nas áreas social, cultural e trabalhista. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/12/bolsonaro-faz-cortes-nas-areas-social-cultural-e-trabalhista.shtml>
- Ribeiro, D. (2019). *Lugar de Fala* (Feminismos Plurais). [Edição do Kindle]. Pólen Livros.
- Roda Viva. (2020a, 9 Novembro). *Roda Viva | Djamila Ribeiro | 09/11/2020* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=jn1AtnzTql8>
- Roda Viva. (2020b, 22 Junho). *Roda Viva | Silvio Almeida | 22/06/2020* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=L15AkiNm0Iw>
- Satie, A. (2021, 6 Abril). Brasil bate recorde e registra 4.195 mortes por Covid-19 em 24 horas. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/06/covid-19-no-brasil-6-4-2021>
- Schwarcz, L. (2018, 10 Maio). *Brasil viveu um processo de amnésia nacional sobre a escravidão, diz historiadora*. [Entrevista concedida a] Júlia Dias Carneiro. BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44034767>
- Soares, E. (2002, Abril 22). A carne. “*Do Cóccix Até o Pescoço*” [CD]. Tratore.
- Soler, C. (2016). *O que faz laço?* (E. Saporiti, Trad.; C. A. de A. Oliveira, Rev. e Trad.). Escuta.
- Supremo Tribunal Federal. (2018, 1 Março). STF reconhece a transgêneros possibilidade de alteração de registro civil sem mudança de sexo. Supremo Tribunal Federal – Notícias STF]. [http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=371085#:~:text=O%20Supremo%20Tribunal%20Federal%20\(STF,cir%C3%B4rgico%20de%20redesigna%C3%A7%C3%A3o%20de%20sexo](http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=371085#:~:text=O%20Supremo%20Tribunal%20Federal%20(STF,cir%C3%B4rgico%20de%20redesigna%C3%A7%C3%A3o%20de%20sexo)

- Tabocof, H. (2017). Dessemelhanças e Preconceito. In N. M. Kon, C. C. Abud, & M. L. Silva (Orgs.), *O racismo e o negro no brasil: questões para psicanálise* (1a. ed., pp. 45-55). Perspectiva.
- Top Midia News. (2018, 3 Dezembro). Cachorro é espancado quase até a morte e envenenado em seguida, dentro de mercado. *MS Notícias*. <https://www.msnoticias.com.br/editorias/geral-ms-noticias/cachorro-e-espancado-quase-ate-a-morte-e-envenenado-em-seguida-dentro/84371/>
- Trilhar. (2015, 25 Março). *Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972 – Parte 2 tradução de Sandra Regina Felgueiras*. <https://trilhardotorg.wordpress.com/2015/03/25/conferencia-de-lacan-em-milao-em-12-de-maio-de-1972-parte-2-traducao-de-sandra-regina-felgueiras/>
- Veríssimo, T. C. (2017). O racismo nosso de cada dia e a incidência da recusa no laço social. In N. M. Kon, C. C. Abud, & M. L. Silva (Orgs.), *O racismo e o negro no brasil: questões para psicanálise* (1. ed., pp. 233-252). Perspectiva
- Valente, J. (2018, 18 Setembro). Eleições: site recebe denúncias de mensagens de ódio e discriminação. *Agência Brasil* <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/eleicoes-site-recebe-denuncias-de-mensagens-de-odio-e-discriminacao>
- Vanuuchi, M. B. C. C. (2017). A violência nossa de cada dia: O Racismo à brasileira In Kon, N. M., Abud, C. C., & Silva, M. L. da. (Orgs.), *O racismo e o negro no brasil: questões para psicanálise*. (1a ed., pp. 59-70). Perspectiva.
- Vasconcelos, R. (2020, 2 Abril). Coronavírus: relembre o que Bolsonaro já falou sobre a pandemia. *Estadão*. <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,coronavirus-o-que-bolsonaro-ja-falou-ate-agora-sobre-a-pandemia,70003234776>
- Vieira, I. (2016, 2 Dezembro). Percentual de negros em universidades dobra, mas é inferior ao de brancos. *Agência Brasil* <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-12/percentual-de-negros-em-universidades-dobra-mas-e-inferior-ao-de-brancos>